

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM TURISMO
LINHA DE PESQUISA: TURISMO, CONSTRUÇÕES EPISTEMOLÓGICAS,
PEDAGÓGICAS E DE APRENDIZAGEM SOCIAL**

MARCELA FERREIRA MARINHO

**O CONCEITO DE TURISMO SEXUAL NA PERSPECTIVA DE SUA INSERÇÃO
COMO OBJETO DE ESTUDO NA GRADUAÇÃO EM TURISMO**

**CAXIAS DO SUL
2010**

MARCELA FERREIRA MARINHO

**O CONCEITO DE TURISMO SEXUAL NA PERSPECTIVA DE SUA INSERÇÃO
COMO OBJETO DE ESTUDO NA GRADUAÇÃO EM TURISMO**

Dissertação de Mestrado em Turismo para
obtenção do título de Mestre em Turismo pela
Universidade de Caxias do Sul. Linha de Pesquisa
Turismo, construções epistemológicas,
pedagógicas e de aprendizagem social

Orientadora: Prof. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos

**CAXIAS DO SUL
2010**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

M338c Marinho, Marcela Ferreira

O conceito de turismo sexual na perspectiva de sua
inserção como objeto de estudo na graduação em turismo /
Marcela Ferreira Marinho - 2010.
184 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul,
Programa de Pós-Graduação em Turismo, 2010.
Orientação: Prof. Dr^a. Marcia Maria Cappellano dos Santos

1. Turismo. 2. Turismo sexual. 3. Comportamento
social. 4. Sexo - Turismo. 5. Turismo – Estudo e ensino
. 6. Turismo – Educação superior . I. Título.

CDU : 379.85

Índice para o catálogo sistemático:

1. Turismo	379.85
2. Turismo sexual	379.85:613.88
3. Comportamento social	316.62
4. Sexo - Turismo	613.88:379.85
5. Turismo – Estudo e ensino	379.85:37
6. Turismo – Educação superior	379.85:378

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Cleoni Cristina G. Machado - CRB 10/1355

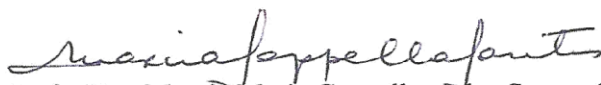
**“O conceito de turismo sexual na perspectiva de sua inserção
como objeto de estudo na graduação em Turismo”**

Marcela Ferreira Marinho

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 15 de setembro de 2010.

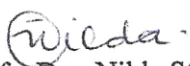
Banca Examinadora:



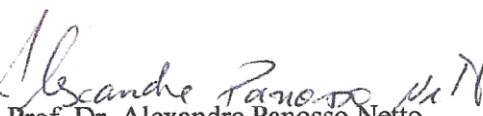
Profa. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dr. Luiz Antonio Rizzon
Universidade de Caxias do Sul



Profa. Dra. Nilda Stecanela
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dr. Alexandre Panosso Netto
Universidade de São Paulo



DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais, pela sabedoria em conduzir as distâncias e as saudades, em acreditar no meu potencial e apoiar, com carinho e estímulos, a realização do grande sonho de me tornar Mestre em TURISMO, minha grande paixão.

AGRADECIMENTOS

“Quando eu vim do sertão, seu môço, do meu Bodocó. A malota era um saco e o cadeado era um nó. Só trazia a coragem e a cara, viajando num pau-de-arara, eu penei, mas aqui cheguei. Trouxe um triângulo, no matolão, trouxe um gonguê, no matolão, trouxe um zabumba dentro do matolão, xóte, maracatu e baião, tudo isso eu trouxe no meu matolão”. Luíz Gonzaga.

Este dia de agradecimentos parecia nunca chegar, mas chegou! E com ele a felicidade de trazer em meu matolão uma vida cheia de grandes amigos, uma família linda e uma história que apenas começou...

A Deus e Nossa Senhora de Fátima, *“De todo o coração vos louvarei, senhor [nossa senhora], e glorificarei eternamente o vosso nome, porque grande foi a vossa bondade comigo”. Salmo 86*

Alagoas *minha terra querida, razão da minha luta, tão sofrida e tão amada! Nunca esquecerei do choro sobrevoando nosso esplêndido “velho chico”, da promessa de amor eterno e da certeza de fazer o melhor... Meu nordeste!... “Ai nordeste guerreiro, de olhar e procissão. Ai nordeste pioneiro. De lutas e tradição. Em evolução” Luíz Gonzaga.*

Turismo! *Orgulho de ser turismóloga... parodiando Pontes de Miranda, meu conterrâneo, “quem só turismo sabe, nem turismo sabe”. Paixão da minha vida, me fez perceber a imensidão do mundo que nos cerca, me ensinou a complexidade das relações. Com ele aprendi a ser profissional, uma pessoa melhor, aprendi a crer na essência de todas profissões, o ser humano.*

Painho, mainha, Flavinho, *quem sou eu sem vocês? Seria apenas eu, mas que bom saber que somos nós! Como já cantava Vinícius de Moraes... “Eu sem você não tenho porque, porque sem você não sei nem chorar, sou chama sem luz, jardim sem luar, luar sem amor, amor sem se dar, e eu sem você, sou só desamor, um barco sem mar, um campo sem flor, tristeza que vai, tristeza que vem, sem você meu amor eu não sou, ninguém!*

Voinha e voinho, *“Saudade que aperta, dói e maltrata, de uns óio vermêio, de um beijo [...], de um luar de prata, meu Deus, se eu pudesse fazer o que manda o meu coração... Voltava pra lá ou trazia pra cá todo o meu sertão” Luíz Gonzaga. Obrigada por me ensinar a lutar por meus sonhos, sempre de cabeça erguida, com sensibilidade, com humildade, com paixão e com um sorriso no rosto.*

Família *é sinônimo de felicidade, de momentos alegres e de cumplicidade. Temos aquela que Deus nos dá (Tia Dilma, Tio Fernando, Lalinha, Yuri, amores da minha vida! Tia Vânia, Vina, Nina e claro o João, sempre por perto com palavras de amor e incentivo! Tio Dilza e Leozinho, sempre presentes mesmo na ausência! Tio Roberto, Tia Jeane, Tia Zezé, Beta e Nanda, sempre carinhosos e otimistas! Tia Dinah e Shushinha, força e determinação! Tio Iran, Vivi e Juninho, simplicidade e coragem! Tio Ronaldo, obrigada pelas palavras de motivação e carinho! Tio Virgílio e Tia Neide, paixão e energia, com um simples olhar! Tia Eliane e Roberto a política é uma opção, rs! Tio Túlio e Tia Lu, inspiração, determinação, o impossível, para esses dois, é só uma questão de fazer tornar possível!. E temos aquela família que podemos escolher, tia Ana e tio Pedro, obrigada por me apoiarem sempre, amo vocês! Minha mãe gaúcha (Janete), meu pai gaúcho (Luís), mano (Guilherme) e manas (Pri e Pati), sem a doçura e o amor incondicional de vocês talvez eu não aguentaria ficar em Caxias do Sul, amo vocês! Dona Lorete, sinônimo de força, simplicidade, humildade, amor, determinação, obrigada por estar ao meu lado nos momentos mais difíceis e dolorosos da minha vida! Dona Luiza, seu carinho de vó alimentou minha alma, amo você! Cassi e Lili, casal mais lindo do mundo, vocês uma grande inspiração! Seu Oneide e Dona Mari. Carlos, Isabel, Marina, Marcos e Mauricio, obrigada por fazerem parte da minha vida. Não menos importante, mas igualmente inspiradores, minha madrinha Neilza, prometo não mais fingir estar doente para ter atenção, agora temos o Orkut! Tia Carminha, Tio Luíz, Michele, Kelly, Vani e Francesco, obrigada pelo carinho, comigo e minha família! Dona Maria, obrigada pelos abraços apertados.*

Amigos, *“Ai, ai que saudade, ai que dó. Viver longe de Maceió”. Querido amigo e incentivador, Eduardo Brunno, ajudou-me com as primeiras discussões, com as primeiras passagens e com as palavras de motivação, “você vai realizar os seus sonhos, acredite em você!” possibilitou, assim, meu ingresso no mestrado. Du, eu consegui! Realizei meu grande sonho, muito obrigada por acreditar em*

mim e estar ao meu lado sempre! Alyne, Fabinho, Antônio, Larissa Borsato, Álvaro, Cléo, Kátia Regina, Flávia, Jurandir, Thaísa, Alessandra, Almeida, Pamela, Grupo ponto de mutação, em especial, Gabriel, Ivanzinho, Franklin, Dr. Alfredo, Ita, vocês são os culpados por minha paixão pela Psicanálise, muito obrigada! Professor Jorge Trindade, Patrícia, Itamar e Lu amo muito vocês, obrigada por tudo sempre, prometo um dia fazer Direito! Luciano e Âguida, muito obrigado por acreditarem no meu potencial. Carol e Maurício, obrigada pelo carinho de sempre, Patrick amigo querido. **“é o meu Rio Grande do Sul, céu, sol, sul, terra e cor”**. Amiga cúmplice... Rebecca!!!!!! Amo você como uma irmã e Newton Cisne, amigo querido. Ana Carolina e Danilo, Luciana e Guilherme, Álvaro, Andressa, Rafael Bittencourt, Lirian, Henrique, Bernardo e Rafael Ikaawa, Mariana, Genevievei, Angélica. Obrigada por aturarem meus devaneios, por alimentar minhas inquietações e por estarem ao meu lado sempre. Regina, se esquece de mim não, porque do meu anjinho da guarda (você) eu não vou esquecer nunca. Thiago de Jesus, amigo, companheiro do Direito, muitas saudades! Gabi e Rafa! Dodô, nunca vou esquecer do seu apoio, muito obrigada! Mônica, amiga, parceira, amo você! Bruninha obrigada pelo apoio! Vander e Pablo, vocês são show! Jéssica e Gisele (Rô), amigas e irmãs, me desculpem por todo sofrimento, eu amo vocês, nunca vou esquecer as nossas lágrimas e os nossos sorrisos.

Incentivador e amigo, LIÉRCIO PINHEIRO DE ARAÚJO, obrigada por acreditar em mim e me incentivar à pesquisa e ao conhecimento. Você fez a diferença na minha vida.

Minha querida orientadora MARCIA MARIA CAPPELLANO DOS SANTOS agradecer a senhora sempre será pouco diante de tudo que fez e faz por mim. Amiga, professora, cúmplice, mãe, exemplo de mulher. (meu co-orientador Paulo Quadros, não poderia esquecer!) **“Por nossa senhora, meu sertão querido, vivo arrependido por ter te deixado, esta nova vida aqui na cidade, de tanta saudade, eu tenho chorado. Aqui tem alguém, diz que me quer bem, mas não me convém, eu tenho pensado, eu digo com pena, mas esta morena não sabe o sistema em que fui criado. To aqui cantando, de longe escutando alguém está chorando, com rádio ligado”**. Amo você.

Professores amados! Cada um plantou em mim a semente da curiosidade, da busca pelo conhecimento, da inquietação em alcançar o não conhecido, de ser cada dia uma pessoa e uma profissional melhor. Obrigada à todos! Obrigada a Universidade de Caxias do Sul, por me proporcionar os melhores entre os melhores. Professor Edegar, amigo e grande parceiro! Professora Susana Gastal, espetacular! Professor Pedro, parceiro de todas as horas, Professor Luis Antônio Rizzon, nunca esquecerei de você! Prof. Olga, minha mentora freudiana... a melhor! Ao Prof. Köche por me despertar para o caos metodológico. Ao Prof. Rafael pela expressão artística com que presenteou este trabalho.

Guilherme, meu amor, dizer o quanto você se fez especial e importante para mim é pouco diante da sensação de impotência em te agradecer satisfatoriamente pelos momentos de cumplicidade, de cuidado, de atenção, de crescimento, de amor que vivemos juntos. Sabemos o quanto foi e é difícil construir uma história enquanto ambos estão no mestrado, vivenciando angustias e ao mesmo tempo conquistas, mas nós conseguimos! O mais bonito de tudo que fica somos NÓS, amigos, companheiros, guerreiros, sempre construindo e brigando por NÓS, mesmo que às vezes “nosso” coração grande abra espaço para tantos amigos e nossa querida família. Com você aprendi que a sua felicidade é a minha felicidade. Obrigada por cada gesto, por cada abraço, por cada lágrima enxugada, por cada carinho, por cada sorriso, pela força do dia a dia... eu simplesmente eu te amo...” Se você quer ser “meu namorado”/Ai que lindo namorado/Você poderia ser/ Se quiser ser somente “meu”/ Exatamente essa coisinha/Essa coisa toda minha/ Que ninguém mais pode ter /Você tem me fazer /Um juramento/ De só ter um pensamento/ Ser só “meu” até morrer/ E também de perder esse jeitinho / De falar devagarinho/Essas histórias de você /E de repente me fazer r. carinho/ E chorar bem de mansinho /Sem ninguém saber porque” Vinícius de Moraes

Rio Grande do Sul, o pior e o melhor aconteceram em seus braços, aprendi a cair e a levantar contigo, aprendi a amar o diferente, aprendi a desejar-te na simplicidade e na volúpia de seus dias frios. Ganhei de você amigos, família, ganhei de você um amor, ganhei até um “bah” no meu sotaque e o gosto pelo chimarrão. Mas, sobretudo, em teus braços atingi a consciência dos meus dias, dos meus gostos, das minhas limitações e das minhas potencialidades. Obrigada por fazer de mim uma cidadã do mundo! Com, **“Pés na região e olhos no mundo”** – Universidade de Caxias do Sul... “ouve o canto gauchesco e brasileiro/ desta terra que eu amei desde guri/ flor de tuna, camoatim de mel campeiro/ pedra mouro das quebradas do inhanduy”.

Somente se capta o dinamismo da vida e do mundo no processo de ação e reflexão. Fora deste ritmo surge o perigo do cepticismo e da neutralidade funcional (Jaime Paviani)

Creio que a experiência humana é mais rica do que qualquer uma de suas interpretações, pois nenhuma delas, por mais genial e "compreensiva" que seja, poderia exauri-la. Aqueles que embarcam numa vida de conversação com a experiência humana deveriam abandonar todos os sonhos de um fim tranquilo de viagem. Essa viagem não tem um final feliz — toda a felicidade se encontra na própria jornada (Zygmunt Bauman)

RESUMO

Esta pesquisa visa contribuir para a discussão/(re)construção do conceito de turismo sexual, na perspectiva de abordá-lo pedagogicamente na formação superior em turismo. O suporte teórico para as reflexões foi buscado na Teoria das Representações Sociais e na teoria psicanalítica freudiana sobre sexualidade. Metodologicamente, a análise do discurso pautou-se pelos conceitos de enunciação, de polifonia e heterogeneidade, respectivamente de Bakhtin, Ducrot e Authier-Revuz, assim como por procedimentos analíticos da Fenomenologia-Hermenêutica, conforme Panosso Netto. Foram analisadas matérias dos jornais Gazeta de Alagoas/AL e Correio do Povo/RS versando sobre turismo e respostas de alunos e professores de graduação em Turismo desses estados, a quem foi perguntado “Como você define turismo sexual?”. Relativamente às representações sociais, as matérias jornalísticas indicaram predomínio do aspecto de ilicitude do fenômeno, sinalizando compartilhamento simbólico do turismo sexual, centrado, metonimicamente, na exploração sexual de menores, como problema social, e sobre a busca por satisfação sexual. Do ponto de vista da sexualidade, os jornais, representantes da mídia, portam o discurso freudiano fundante da organização dos grupos sociais, ou seja, o discurso fundante de acesso à cultura, de reconhecimento do interdito que viabiliza o social, impondo como necessária a repressão da sexualidade. O mesmo se aplica aos alunos e professores quando o polo definatório de turismo sexual recai sobre a perversão da sexualidade, aquele assumindo o discurso fundante e estes, dele sendo portadores. Outro polo definatório incide sobre a satisfação do desejo sexual, o que poderia estar refletindo a “voz científica” da Academia, de aceitação do homem em sua natureza bio-psicossocial, embora não haja referência a segmentos turísticos em cuja denominação não aparece o termo “sexual” inseridas socialmente no âmbito da normalidade. Confirma-se assim a complexidade conceitual do fenômeno e a necessidade de discutí-lo, seja, avançando na compreensão de tabus em relação ao termo, seja reconhecendo a existência de um lugar sadio e adequado para atender a demanda do turista na sua busca humana do prazer (não ilícito), da satisfação erótica. Nessa direção, cabe ao profissional do turismo reconhecer o desejo de natureza sexual do turista como um desejo humano, que não se constitui perverso ou ilícito a *priori*.

Palavras-chave: Turismo; Turismo sexual; Representações sociais; Sexualidade; Educação.

ABSTRACT

This research aims to contribute to the discussion / (re) construction of the concept of sexual tourism, in view of approaching it pedagogically in higher education in tourism. The theoretical support was given by the Social's Representations Theory and Freudian Psychoanalytic Theory of Sexuality. Methodologically, the discourse analyses was guided by the concepts of enunciation, polyphony and heterogeneity, of Bakhtin, Ducrot and Authier-Revuz, respectively, as well as analytical procedures of Phenomenology, Hermeneutics, according to Panosso Netto. Were analyzed several reports, focused on tourism subjects, of the Gazeta de Alagoas / AL and Correio do Povo newspapers, as well as the interests of students and teachers of graduation in tourism from these states, who were asked "How do you define sexual tourism?". In concerning of social representations, the newspaper articles have indicated the predominance of the illegal aspect of the phenomenon, signaling a symbolic sharing of sex tourism, centered, metonymically, on the children's sexual exploitation as a social problem, and the quest for sexual satisfaction. From the standpoint of sexuality, the newspapers, media representatives, hold the Freudian discourse that establishes the organization of social groups, in other words, the founding discourse of access to culture, of recognition of the forbidden that makes possible the social behavior and imposes the sexuality's repression as a necessity. The same thing applies to students and teachers, when the pole of sexual's tourism definition lies with sex perversion, assuming and carrying the founding discourse. Another definition's pole is the one that focuses on the sexual desire satisfaction, which could reflects the Academy's "scientific voice", the acceptance of man in his bio-psychosocial nature, although there is no reference to tourist segments in which name does not appear the word " sexual ", socially embedded within the normal range. This evidence points to the phenomenon's conceptual complexity and the need to improve discussions about it, either by advancing the understanding of taboos regarding the term, or by recognizing that there is an adequate place able to supply the demand from tourists in their quest of human pleasure (not unlawful) of erotic satisfaction. In this direction, the professional in tourism must recognize the desire of the tourist's sexual nature as a human desire, which is not evil or unlawful in a first way.

Keywords: Tourism, Tourism sexual; Social representations, Sexuality, Education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: MAPEAMENTO DAS MODALIDADES DE EXPLORAÇÃO SEXUAL COMERCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL (PRESTAF)	19
FIGURA 2: CICLO DE RESPOSTA SEXUAL HUMANA CONFORME APRESENTADO POR BARLOW E DURAND (2008).....	32
FIGURA 3: PROCESSO DE ANÁLISE DE MATÉRIA JORNALÍSTICA, POR REDUÇÃO EM UNIDADES DISCURSIVAS E ARTICULAÇÃO DESSAS UNIDADES	64
FIGURA 4: ENUNCIADOS EXPLÍCITOS COM ELEMENTOS DEFINITÓRIOS DE TURISMO SEXUAL	68
FIGURA 5: ELEMENTOS DEFINITÓRIOS DE TURISMO SEXUAL IDENTIFICADOS MEDIANTE INFERÊNCIAS REALIZADAS A PARTIR DE FATOS RELATADOS NAS NOTÍCIAS	68
FIGURA 6: ASPECTOS COMPLEMENTARES CARACTERIZADORES DE TURISMO SEXUAL	70
FIGURA 7: ENUNCIADOS PROFERIDOS POR FIGURAS DE AUTORIDADE MENCIONADAS PELOS LOCUTORES DAS MATÉRIAS	72
FIGURA 8: ENUNCIADOS EXPLÍCITOS COM ELEMENTOS DEFINITÓRIOS DE TURISMO SEXUAL	76
FIGURA 9: ELEMENTOS DEFINITÓRIOS DE TURISMO SEXUAL IDENTIFICADOS MEDIANTE INFERÊNCIAS REALIZADAS A PARTIR DE FATOS RELATADOS NAS NOTÍCIAS	77
FIGURA 10: ASPECTOS COMPLEMENTARES CARACTERIZADORES DE TURISMO SEXUAL ..	78
FIGURA 11: INCIDÊNCIAS DE DISCURSOS DIRETOS PRESENTES NAS MATÉRIAS DO JORNAL CORREIO DO POVO	79
FIGURA 12: DEFINIÇÃO DE TURISMO SEXUAL APRESENTADA POR ALUNOS RESPONDENTES DAS IES DE ALAGOAS	106
FIGURA 13: ASSERÇÕES ARTICULADAS NO DISCURSO DE ALUNOS RESPONDENTES DE IES DE ALAGOAS.....	107
FIGURA 14: CATEGORIAS DEFINITÓRIAS DE TURISMO SEXUAL CONSTRUÍDAS A PARTIR DAS ASSERÇÕES ARTICULADAS NO DISCURSO DOS ALUNOS RESPONDENTES DE IES DE ALAGOAS.....	109
FIGURA 15: DEFINIÇÃO DE TURISMO SEXUAL APRESENTADA POR ALUNOS RESPONDENTES DAS IES DO RIO GRANDE DO SUL	111
FIGURA 16: ASSERÇÕES ARTICULADAS NO DISCURSO DE ALUNOS RESPONDENTES DE IES DO RIO GRANDE DO SUL	113

FIGURA 17: CATEGORIAS DEFINITÓRIAS DE TURISMO SEXUAL CONSTRUÍDAS A PARTIR DAS ASSERÇÕES ARTICULADAS NO DISCURSO DOS ALUNOS RESPONDENTES DE IES DO RIO GRANDE DO SUL	114
FIGURA 18: SIGNIFICADOS PRIMEIROS DEPREENDIDOS DE ASSERÇÕES DOS ALUNOS RESPONDENTES DAS IES DE ALAGOAS E DO RIO GRANDE DO SUL – REDUÇÃO 01.....	117
FIGURA 19: SIGNIFICADOS PRIMEIROS DEPREENDIDOS DE ASSERÇÕES DOS ALUNOS RESPONDENTES DAS IES DE ALAGOAS E DO RIO GRANDE DO SUL – REDUÇÃO 02.....	117
FIGURA 20: SIGNIFICADOS PRIMEIROS DEPREENDIDOS DE ASSERÇÕES DOS ALUNOS RESPONDENTES DAS IES DE ALAGOAS E DO RIO GRANDE DO SUL – REDUÇÃO 03.....	118
FIGURA 21: DEFINIÇÃO DE TURISMO SEXUAL APRESENTADA POR PROFESSORES RESPONDENTES DAS IES DE ALAGOAS	119
FIGURA 22: ASSERÇÕES ARTICULADAS NO DISCURSO DE ALUNOS RESPONDENTES DE IES DE ALAGOAS.....	119
FIGURA 23: CATEGORIAS DEFINITÓRIAS DE TURISMO SEXUAL CONSTRUÍDAS A PARTIR DAS ASSERÇÕES ARTICULADAS DOS PROFESSORES RESPONDENTES DE IES DE ALAGOAS.....	120
FIGURA 24: DEFINIÇÃO DE TURISMO SEXUAL APRESENTADA POR PROFESSORES RESPONDENTES DAS IES DO RIO GRANDE DO SUL	121
FIGURA 25: ASSERÇÕES ARTICULADAS NO DISCURSO DOS PROFESSORES RESPONDENTES DE IES DO RIO GRANDE DO SUL	122
FIGURA 26: CATEGORIA DEFINITÓRIA DE TURISMO SEXUAL CONSTRUÍDA A PARTIR DAS ASSERÇÕES ARTICULADAS NO DISCURSO DOS PROFESSORES RESPONDENTES DE IES DO RIO GRANDE DO SUL	122
FIGURA 27 SIGNIFICADOS PRIMEIROS DEPREENDIDOS DE ASSERÇÕES DOS PROFESSORES RESPONDENTES DAS IES DE ALAGOAS E DO RIO GRANDE DO SUL:	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 JUSTIFICATIVA.....	18
2 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	22
3 OBJETIVOS	23
3.1 GERAL	23
3.2 ESPECÍFICOS	23
4 REFERENCIAL TEÓRICO	24
4.1 TURISMO E TURISMO SEXUAL COMO FENÔMENOS	24
4.2 SEXUALIDADE	30
4.2.1 A Psicologia e a teoria psicanalítica de Sigmund Freud	32
4.2.2 A Estrutura da Personalidade	34
4.2.3 A Dinâmica da Personalidade	37
4.2.4 O desenvolvimento da personalidade	40
4.2.5 Perversão da sexualidade	41
4.2.6 Freud e Cultura	45
4.3 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	48
4.3.1 Definição.....	48
4.3.2 O percurso histórico da construção teórica.....	50
5 METODOLOGIA	53
5.1 MÉTODO E ABORDAGEM METODOLÓGICA	53
5.2 COSTITUIÇÃO DO CORPUS PARA ANÁLISE	61
5.2.1 Jornais/Matérias	61
5.2.2 Respostas de alunos e professores	62
5.3 PROCESSOS E PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS	62
5.3.1 Matérias jornalísticas.....	62
5.3.2 Respostas de alunos e professores	66
6 ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DADOS	67
6.1 REDUÇÃO DAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS EM UNIDADES DISCURSIVAS PARA POSTERIOR ARTICULAÇÃO....	67
6.1.1 Gazeta de Alagoas	67
6.1.2 Correio do Povo	76
6.1.3 Uma primeira síntese interpretativa das matérias Jornalísticas	80
6.2 ANÁLISE POLIFÔNICA	81
6.2.1 Gazeta de Alagoas	82
6.2.2 Correio do Povo	93
6.3 UMA SEGUNDA SÍNTESE INTERPRETATIVA DAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS	101
6.4 DEFINIÇÕES DE TURISMO SEXUAL NAS RESPOSTAS DE ALUNOS E PROFESSORES DOS ESTADOS DE ALAGOAS E RIO GRANDE DO SUL	105
6.4.1 Respostas dos Alunos.....	106
6.4.2 Respostas dos Professores	118
7 PARA DISCUSSÃO/(RE)CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE TURISMO SEXUAL	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS: RETOMANDO A PERSPECTIVA DO TEMA INSERÇÃO DO CONCEITO DE TURISMO SEXUAL NA GRADUAÇÃO EM TURISMO	135

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	147
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.....	153
ANEXOS	156

INTRODUÇÃO

Para justificar e objetivar a presente pesquisa, destacarei, com vistas a situar o leitor acerca da escolha do tema e da definição do problema a ser investigado, alguns pontos que, de modo especial, me serviram de referentes. Eles dizem respeito à minha trajetória como universitária e à relevância social, científica e acadêmica que, penso, deveria ser conferida ao estudo do turismo sexual nos cursos de graduação em Turismo.

Estudos já realizados em minha trajetória acadêmica

O interesse em estudar o turismo sexual é produto das minhas vivências na graduação em Turismo, tendo sido particularmente instigada pelo professor Arim Soares do Bem¹ a problematizar situações de cunho humano, econômico e social que poderiam estar ligadas a esse complexo fenômeno². Do conjunto dos trabalhos realizados ao longo do bacharelado, retomo aqui uma investigação que tinha por objetivo identificar qual a percepção dos bacharelados em Turismo sobre o turismo sexual. Com o auxílio do psicólogo Liércio Pinheiro de Araújo³, orientador, selecionei, como amostra, os estudantes do oitavo semestre do curso de Turismo da minha faculdade e pautei a análise por elementos da Teoria das Representações Sociais.

Buscando ampliar meus conhecimentos e minha percepção sobre turismo sexual, optei por cursar Especialização em Psicologia Jurídica, de cujo currículo constavam as disciplinas de Psicologia, Direito, Sociologia, Filosofia, as quais eu

¹ Professor adjunto e coordenador do curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, bem como Coordenador e docente do Programa de Mestrado em Sociologia do mesmo Instituto. Autor da Obra *A Dialética do Turismo Sexual*.

² Neste trabalho, o turismo sexual será abordado como fenômeno, conceito que será definido posteriormente nos itens Referenciais Teóricos.

³ Professor e coordenador do Curso de Psicologia da Fundação Educacional Jayme de Altavila (Faculdade de Ciências Humanas do Centro de Estudos Superiores de Maceió), coordenador do Programa de Pós-graduação em Psicologia Jurídica do Centro de Estudos Superiores de Maceió, coordenador do Programa de Pós-graduação em Psicologia Hospitalar.

entendia serem fundamentais para compreender a complexidade atribuída ao fenômeno. Nesse contexto, chamaram-me a atenção situações sociais que se mostravam alimentadas pelo turismo sexual ou que o retroalimentavam. Assim, no tocante à pesquisa a ser desenvolvida nessa pós-graduação, acabei focalizando o tráfico de mulheres em uma abordagem interdisciplinar. A pesquisa proporcionou minha integração na ONG Centro Humanitário de Apoio à Mulher (CHAME), em Salvador/BA. Passei então a palestrar sobre a temática em algumas instituições de ensino do estado de Alagoas, nos cursos de Turismo, de Psicologia e Direito, bem como a trabalhar na formulação de um projeto de constituição de uma ONG no estado de Alagoas, voltada à informação, à sensibilização e à conscientização das comunidades em relação ao turismo sexual e ao tráfico de mulheres.

Diante disso eu me perguntava: que tipo de informação a ONG poderia – ou deveria – prestar ao público alagoano? Esse mesmo questionamento passei a ter em relação aos universitários, tendo em conta a falta de interesse que manifestavam nas palestras sobre o tema. Como reverter esse quadro? Como transformar o turismo sexual em objeto de estudo na graduação em Turismo? Pensei então que respostas somente poderiam ser encontradas mediante aprofundamento de estudos sobre ensino e aprendizagem. Iniciei assim um novo curso de pós-graduação *lato sensu*: Especialização em Pesquisa e Docência no Ensino Superior.

Nessa mesma época, tornei-me docente da Faculdade Alagoana de Administração, ministrando, no curso de graduação em Turismo, as disciplinas Agência de Turismo e Transportes (6º período) e Agência de Turismo: Legislação e Normas (8º período). Durante as aulas, pude constatar a carência de conhecimentos, por parte dos alunos (inclusive dos concluintes), sobre turismo sexual. Seria somente um problema de opção curricular? Poderia aí estar presente alguma variável de ordem científico-pedagógica? Instigada, com essas questões, a aprofundar meus estudos, optei por cursar Mestrado em Turismo na Universidade de Caxias do Sul (UCS), por identificar, em suas linhas de pesquisa e na constituição do corpo docente, estudos na área da Educação, assim como indicativos interdisciplinares importantes.

Um problema de pesquisa de cunho apenas pedagógico ou também conceitual?

O projeto que apresentei no processo de seleção para o Programa de Pós-Graduação em Turismo da UCS objetivava construir para os cursos de Turismo uma proposta de prática pedagógica pautada pela Filosofia e Ética da Libertação, proposta essa que, à época, parecia-me ser aquela que viria ao encontro de uma abordagem multidimensional do turismo sexual e que daria conta de promover uma nova consciência acadêmica sobre essa problemática.

Já cursando o Mestrado em Turismo e, conseqüentemente, avançando meus estudos na área da Educação, pude compreender melhor que objetivos, objetos, métodos, técnicas, processos avaliativos de ensino e de aprendizagem estão intrinsecamente ligados a conceitos de homem, sociedade, ciência, educação, ensino, aprendizagem, tendo sempre presente múltiplos desdobramentos e interfaces desses mesmos conceitos. Era, pois, necessário, como ponto de partida, aprofundar a análise nessa direção e construir referencial teórico que pudesse nortear a proposição de uma prática pedagógica.

Por outro lado, dei-me conta que pensar em instituir o turismo sexual como objeto de estudo na graduação em Turismo implicava previamente aprofundar a análise na perspectiva de discutir/(re)construir uma definição com base na qual se pudesse alçar o turismo sexual à condição de componente curricular e/ou de tema transversal. Ao que tudo indicava, algumas respostas deviam ser primeiramente buscadas. Poder-se-ia categorizar o turismo sexual como um fenômeno? Sob que perspectivas poderia ser estudado? Constituir-se-ia ele num segmento do turismo? Estaria sempre ligado a problemas ético-sociais? Que outros aspectos afetos à sexualidade poderiam vir a redesenhar o espectro conceitual do turismo sexual? Que representações sociais estariam subjacentes a referências feitas, em diferentes âmbitos, ao turismo sexual? Mediante essas indagações, começaram então a configurar-se os rumos desta pesquisa: concentrar as reflexões na direção de buscar maior visibilidade sobre a complexidade e abrangência do conceito de turismo sexual para, posteriormente, iniciar o desenho de um novo percurso investigativo a ser realizado com o foco na inserção do tema na graduação em Turismo, sob uma perspectiva epistemológico-pedagógica que se pudesse caracterizar como contemporânea.

1 JUSTIFICATIVA

A par essa contextualização sobre a escolha do tema e o trajeto de pesquisa, trazer à discussão científica e educacional o turismo sexual, independentemente de viés teórico ou ideológico a partir do qual se faça dele uma leitura ou se categorizem eventos sociais como suas manifestações concretas, seria, *a priori*, relevante do ponto de vista social, isso porque o fenômeno, na sua multidimensionalidade, vem sendo com frequência associado à criminalidade vinculada a drogas, ao tráfico e à exploração sexual de mulheres e menores.

Nessa ótica, os dados mostram-se alarmantes, sobretudo ao considerar a extensão do país e a atenção nem sempre dada à problemática, esta, às vezes, até mesmo dissimulada. Isso é tanto mais forte quanto mais se levam em conta os princípios fundamentais, constantes do Artigo 1º da Constituição da República Federativa do Brasil (1988): a soberania, **a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais e da livre iniciativa** [grifo meu] e o pluralismo político. Soma-se a esses direitos do cidadão o que dispõem os objetivos fundamentais da Constituição, em seu Artigo 3º: **construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento social; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem estar de todos, sem preconceito de origem, de raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação** [grifo meu]. Nesse contexto, cabe apresentar, apenas a título ilustrativo, alguns dados do cenário brasileiro em relação à cidadania como posta na Constituição.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem aproximadamente 1,8 milhão de desempregados entre as principais regiões metropolitanas do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre). Tal taxa elevou-se 1,8% somente no mês de dezembro de 2008, impulsionada pela crise econômica global.

Outro dado refere-se ao analfabetismo como um dos problemas emergenciais do país. O IBGE aponta, ainda, para o crescimento do número de mulheres como chefes de família. Desde 1980, a proporção de domicílios que têm como chefe de família a mulher, vem crescendo. Em termos comparativos, entre os anos de 1981 e 1985, a proporção era de 16,9% e 18,2% e, entre 1990 e 1995, era de 20,3% e 22,9%.

No Brasil, o fenômeno da exploração sexual para fins comerciais apresenta dinâmica diversificada em cada região. A Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial no Brasil (LEAL; LEAL, 2002⁴) mapeou as modalidades identificadas, como mostra a Figura 1.

MAPEAMENTO DAS MODALIDADES DE EXPLORAÇÃO SEXUAL COMERCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL

A exploração sexual comercial é um fenômeno que se apresenta de forma diversificada e particularizada dentro de uma mesma região, conforme mostra o mapa abaixo:



Figura 1: Mapeamento das Modalidades de Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes no Brasil (LEAL; LEAL, 2002)

Os elementos apresentados fazem parte da dinâmica que alimenta e retroalimenta o denominado turismo sexual, sendo assim relevantes para a compreensão do contexto em que se dá o fenômeno, de como se origina e de sua capacidade de disseminação. São também relevantes para buscar compreender conclusões a que chegam(ram) muitos daqueles que se dedicam a estudá-lo, caso

⁴ Responsáveis pela organização da Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes (PRESTRAF)

dos que participaram, por exemplo, do Congresso Nacional contra Exploração Sexual realizado em Estocolmo (citado por LEAL; LEAL, 2002).

A exploração sexual de crianças, por eles vinculada ao turismo sexual, foi classificada como uma questão mais de abuso de poder do que de sexo, em havendo uma indústria bilionária, ilegal, que compra e vende crianças como objetos sexuais e sujeita-as a uma perversa forma de exploração do trabalho infantil.

Denunciando esse problema, Faleiros e Campos (2000, p. 71) ressaltam que

A exploração sexual comercial de crianças ocorre virtualmente em todos os países do mundo e afeta milhões de crianças. A prostituição, a *pornografia* e o *tráfico de crianças com propósitos sexuais*, conectam pequenas cidades e grandes centros urbanos, interligam os países em desenvolvimento, e os ligam a países desenvolvidos: a Europa Oriental aos Estados Unidos, o Nepal à Índia, o Brasil ao Japão [grifo dos autores]

Por outro lado, afora a dívida do país (por meio de seus governantes, lideranças e autoridades civis, comunicadores sociais, religiosos, entre outros atores sociais) em relação à dignidade do cidadão brasileiro, a própria complexidade do fenômeno “turismo sexual” e, em decorrência, a necessidade de buscar compreendê-lo de modo sempre mais abrangente e aprofundado – principalmente quando dele se almeja fazer objeto de estudo na graduação em Turismo – requerem, como assinalado anteriormente, questionamentos e alargamento do respectivo campo conceitual.

Estudo preliminar realizado na mídia impressa, tendo como amostra matérias publicadas pelos jornais Correio do Povo e Gazeta de Alagoas⁵, acessadas na internet a partir do termo de busca “turismo sexual”, sinalizaram a predominância da vertente analítica marcada pela exploração sexual, expressando representações sociais convergentes na mídia radcada nesses espaços geográficos, históricos, sociais e culturais diversos. Também a literatura científica disponível e acessada a respeito parece seguir a mesma tendência, como apontam referentes textuais identificados em dissertações e teses acessadas no Banco de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e em textos de autores, dentre os quais poderiam ser citados: LEHMANN-CARPZOV (1994), CAETANO (2003), OMONDI (2003), OURIQUES (2003), SHIN (2003), LOMBA (2004), ROSA (2004), FERREIRA (2005), GABRIELLE (2006), FERREIRA (2007), BLESSA (2008),

⁵ Ver item sobre procedimentos metodológicos e Anexo

MASON e LO (2008), MARQUEZ (2009). Nesses textos, à luz de diferentes abordagens teóricas (sociológica, econômica, psicológica, entre outras), o fenômeno é abordado em diversos cenários (pesca, imigração, homossexualidade, etc.) e em diferentes países (Quênia, Costa Rica, República Dominicana, entre outros).

No entanto, apesar de as abordagens do turismo sexual terem como tônica a exploração sexual como sintoma de desarranjo social, caberia perguntar se seria suficiente fazê-lo apenas sob esse prisma, quando se busca maior compreensão do fenômeno. A qualificação “sexual” atribuída ao turismo estaria restrita a manifestações de desarranjo social? A sexualidade – esta, presente no turismo sexual – não poderia igualmente ser examinada na perspectiva do prazer, da busca do outro, da busca do encontro, podendo apresentar-se como elemento a ser investigado no sentido de ampliar o campo de percepção do turismo sexual e, conseqüentemente, as alternativas de intervenção social? Em que categoria ou segmento do turismo estão sendo ou poderiam ser enquadradas atividades ou produtos turísticos desenvolvidos ou propostos nessa ótica? Como visto, estudos sobre turismo sexual nessa perspectiva da sexualidade também carecem ser diversificados e/ou ampliados.

2 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

Conforme já referido, o presente trabalho desencadeou-se em torno do tema A INSERÇÃO DO CONCEITO DE TURISMO SEXUAL NA GRADUAÇÃO EM TURISMO e da questão: ENTENDENDO SER RELEVANTE CIENTÍFICA E SOCIALMENTE ABORDAR O TURISMO SEXUAL NA FORMAÇÃO DO TURISMÓLOGO, COMO INSERI-LO NA GRADUAÇÃO EM TURISMO, EM CONSONÂNCIA COM PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICO-PEDAGÓGICOS CONTEMPORÂNEOS? Na sequência, em decorrência das reflexões e do processo de delimitação do problema, chegou-se a uma nova questão norteadora, desta feita, tematizando o conceito de turismo sexual na graduação: EM TORNO DE QUE DEFINIÇÃO DE TURISMO SEXUAL PODERIA SER PROPOSTA UMA ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA INSERIR O ESTUDO DO FENÔMENO NA GRADUAÇÃO EM TURISMO? Tendo presente essa indagação, buscaram-se então referenciais teóricos à luz dos quais se pudesse vir a formular o problema científico a ser investigado, o qual, findo o processo de problematização, ficou assim definido: ELEMENTOS ADVINDOS DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DA SEXUALIDADE NA ABORDAGEM PSICANALÍTICA FREUDIANA PODERIAM CONTRIBUIR PARA A DISCUSSÃO/(RE)CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE TURISMO SEXUAL, COM VISTAS À CONFIGURAÇÃO DESSE FENÔMENO COMO OBJETO DE ESTUDO NA GRADUAÇÃO EM TURISMO?

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Contribuir para identificar elementos teóricos e dados empíricos que subsidiem a discussão/(re)construção do conceito de turismo sexual, na perspectiva de abordar pedagogicamente o tema na formação superior em Turismo.

3.2 Específicos

- Identificar representações sociais presentes no discurso da mídia, de professores e alunos de cursos de graduação em Turismo, tendo por objeto o turismo sexual;
- Analisar a qualificação “sexual” atribuída ao termo “turismo” tendo por referência a Teoria das Representações Sociais e a teoria psicanalítica freudiana sobre sexualidade.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Na medida em que o presente trabalho está voltado à discussão do conceito de turismo sexual, os referenciais teóricos são construídos em torno de três eixos principais. Primeiramente, após uma visão geral de concepções sobre turismo, os referenciais centralizam-se no entendimento do turismo como fenômeno, entendimento este que se estende ao turismo sexual. Na sequência, focaliza-se o tema “sexualidade” na ótica da psicanálise segundo Freud, tendo por horizonte redimensionar a compreensão do fenômeno “turismo sexual”. Posteriormente, é focalizada a Teoria das Representações Sociais, com base na qual se intenta ampliar o conhecimento de percepções de atores sociais e educacionais ligados ao estudo e à comunicação da temática “turismo sexual”.

4.1 TURISMO E TURISMO SEXUAL COMO FENÔMENOS

O turismo é muitas vezes apresentado como uma das atividades mundiais que possibilita desenvolvimento a uma sociedade. Muitos autores dialogam, sob diferentes vertentes filosóficas, em busca do desenvolvimento de uma epistemologia do turismo, ou ainda recorrendo a conhecimentos sobre seu surgimento, sobre a amplitude de dimensões que envolve, sobre sua complexidade. Entre esses autores, encontram-se Beni, Barretto, Moesch, Panosso Netto – pesquisadores brasileiros ou radicados no Brasil – e Krapf, Fuster, Jafari, Sessa, Krippendorf, Molina, Tribe – pesquisadores de outros lugares do mundo, que possibilitam discussões e, conseqüentemente, avanços teóricos por meio de suas respectivas abordagens.

É consenso no meio científico e acadêmico que o conhecimento sobre turismo, no Brasil, progride, por exemplo, com Beni (2006), que o aborda sistemicamente, ou com Barretto (2003), que acena para a fenomenologia como uma forma mais apropriada de investigá-lo e compreendê-lo, ou com Moesch (2002), que trava discussões sobre as teorias utilizadas nos estudos sobre o tema e apresenta a dialética histórico-estrutural como método que conduz a uma nova leitura do turismo, em se tratando da busca de uma epistemologia que lhe seja própria. Destaca-se ainda Panosso Netto (2005), com a abordagem fenomenológica que dá base aos seus supostos teóricos. Cada uma dessas abordagens representa um avanço na

ampliação do leque de abrangência conceitual do turismo, além da compreensão do estado da arte na área.

Porém, para efeito do presente trabalho, em que se propõe retomar a discussão sobre o que se entende por turismo sexual, faz-se necessário, operacionalmente, relacioná-lo a uma definição de turismo. Nesse sentido, parte-se, particularmente, das reflexões de Moesch (2002), Panosso Netto (2005), Trigo e Panosso Netto (2003) Perazzolo et al. (2010) e Santos et al. (2010), os quais, sob diferentes percursos, referem-se ao turismo como FENÔMENO.

Para Moesch (2002, p. 09) turismo é:

[...] uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais.

A autora ainda elucida que “O somatório desta dinâmica sociocultural gera um **fenômeno**, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico” (MOESCH, 2002, p. 09) [grifo meu]. Para a autora, o turismo nasceu a partir do desenvolvimento do capitalismo, fruto da necessidade das pessoas em despendar momentos para atividades de lazer. Essas considerações são enfatizadas quando a pesquisadora trabalha a concepção materialista e chega à realidade social por meio da dialética histórico-estrutural. Nessa concepção, o homem está no centro do processo, enquanto a realidade objetiva não depende dele, mas a subjetiva permite-lhe construir sua história. Moesch (2002, p. 13) considera então que:

Na realidade, no turismo, o epicentro do **fenômeno** é de caráter humano, pois são os homens que se deslocam, e não as mercadorias, o que impõe complexidades ao esforço de uma argumentação sistemática dessa realidade [grifo meu].

Essa citação traz de volta toda discussão referente a posições que muitos autores tomam ao estudar o turismo, seja por influência de sua formação inicial, seja por especulações de mercado. Mesmo avançando teórica e epistemologicamente, Moesch⁶ (2002) não explicita seu entendimento sobre fenômeno, assim como o faz

⁶ Para a estudiosa, a Fenomenologia deixa a desejar no momento da aproximação teórica com o turismo em vista da análise epistemológica pretendida (MOESCH, 2002, p. 19).

Panosso Netto (2005) no livro “A filosofia do turismo”, utilizando a fenomenologia e suas bases para interpretar o que vem a ser turismo.

O autor inicia o capítulo quarto de seu livro, explicando que o termo “turismo” foi associado ao termo “fenômeno” como forma de caracterizá-lo, mas que poucos estudiosos da área se preocuparam com a definição de fenômeno. Apoiado no Dicionário de Filosofia, de Nicola Abbagnano, o autor apresenta as seguintes definições que representam o uso atual da palavra “fenômeno”:

- 1) aparência pura e simples (ou fato puro e simples), considerada ou não como manifestação da realidade ou fato real;
- 2) objeto do conhecimento humano, qualificado e delimitado pela relação com o homem;
- 3) revelação do objeto em si (2005, p. 102).

Segundo ele, “revelação como objeto em si” é o sentido que Husserl atribui a “fenômeno”. Este, ainda de acordo com Abbagnano, “não é só o que aparece ou se manifesta ao homem em condições particulares, mas aquilo que aparece ou se manifesta *em si mesmo*, como é em si, na sua essência” (PANOSSO NETTO, 2005, p.102) [grifo do autor].

Assim, pautado pela definição de fenômeno, com base em Husserl, o autor, refere-se a FENÔMENO TURÍSTICO, explicando:

[...] falar do fenômeno turístico significa dizer de uma ação que está acontecendo, que pode ser apreendida pela consciência e que tem uma essência em si. De outro modo, podemos dizer que quando alguém se refere ao fenômeno turístico deveria estar falando da manifestação de algo que suscita interesse científico e que pode ser estudado e analisado cientificamente. mais especificamente, falar de fenômeno turístico é falar de algo que se mostra a si mesmo, tal como é, do modo que é. Não podemos confundir esse mostrar a si mesmo com o termo aparência, que está relacionado com algo, com algum fenômeno, com o modo de aparecer de algum fenômeno. Assim, *fenômeno deve ser visto como o que se mostra e não com o que parece ser*. O termo aparência tem sua estrutura mais ligada com o fato (o que aparece, o que parece ser) do que com o fenômeno, aquilo que se mostra a si mesmo (PANOSSO NETTO, 2005, p. 104) [grifo do autor].

Tendo por suposto o entendimento de turismo como fenômeno, tal como propõe Panosso Netto (2005), Perazzolo et al. (2010) e Santos et al. (2010) desenvolvem, sob as lentes da psicanálise, aspectos conceituais que configuram um novo horizonte para a compreensão do turismo, o qual passa a ser entendido como expressão humana da busca do conhecimento, manifesta na sua forma mais primária – o desejo de conhecer um outro lugar e de figurar outros territórios.

De acordo com essa leitura do fenômeno, é a dimensão humana que caracteriza o valor essencial do turismo, o que deveria estar no centro de formulações políticas e do planejamento de organizações públicas e privadas, reduzindo assim o risco de restringi-lo às abordagens socioeconômicas ou técnico-administrativas e contribuindo para consolidá-lo como objeto interdisciplinar de estudo. Explicitando esse entendimento, as autoras observam que,

quando se pensa sobre o lugar do homem no fenômeno turístico, pode-se partir da identificação de sua motivação intrínseca, aquela que precede a ação, que impõe escolhas, que estabelece referenciais de avaliação de satisfação ou de frustração (SANTOS et al., 2010, s.p.) [Tradução da autora]

Vista sob esse ângulo, a motivação de base do turismo repousa sobre o processo que aciona todos os outros comportamentos humanos, ou seja, o desejo que emerge sob diferentes formas, como uma metáfora do objeto original, inacessível. Nesse sentido, o turismo (comportamento humano que dá um destino ao desejo metaforizado) é considerado como o resultado da pulsão de conhecer, de experimentar, tal como Freud a apresenta no conceito de pulsão epistemofílica, definida como “[...] a impulsão de conhecer, de aprender, desencadeada por experiências psíquicas estruturantes que integram o processo de formação, sob a ótica da constituição do sujeito na qualidade de sujeito social” (PERAZZOLO et al., 2010, s.p.).

Essa concepção de turismo, que, segundo Santos et. al. (2010, s.p., tradução minha), “[...] ousa transpor dados do nível da microscopia psicanalítica do funcionamento mental para um nível de dimensões antropológicas [...]” permite atribuir novas interpretações para os deslocamentos do homem ao longo da história, em função ou não de necessidades de segurança ou de sobrevivência. Desse ponto de vista, o turismo pode ser analisado como um fenômeno acionado pela busca daquilo que não se “sabe/conhece” ou pelo desejo de compreender o que resta incompreensível. É esse movimento que estaria sustentando o desejo de conhecer um “outro lugar” e cuja impulsão é constante, na medida em que o próprio vigor do pensamento depende desse mesmo movimento. Sob o efeito então da pulsão epistemofílica, o turista busca satisfazer seu desejo de ver/viver. Essa concepção de pulsão primária estendida ao domínio psicoantropológico, “[...] conduz à construção simbólica do homem, na procura interminável daquilo que não pode ser conhecido,

[de sorte que se poderia dizer] que todo movimento da vida psíquica na direção do exterior de si mesmo seria uma forma de turismo” (PERAZZOLO et al., 2010, s.p.).

Retomando agora as considerações de Trigo e Panosso Netto (2003, p. 57) e estendendo a categoria “fenômeno” ao turismo sexual, este, “[...] como aquilo que é dado ao conhecimento do intelecto [...]” passa a “mostrar-se a si mesmo” sob múltiplas facetas, dentre as quais as de natureza política, ética, econômica, cultural, social, fato que dificulta lograr formular uma definição de caráter mais conclusivo ou abrangente. No entanto, na direção de identificar elementos caracterizadores com que se vem definindo o campo conceitual de turismo sexual, torna-se interessante recorrer à literatura disponível e nela destacar algumas definições.

Conforme o CHAME (1998, p. 01), o turismo sexual se define pelo “deslocamento de pessoas, de ambos os sexos, para outras cidades, estados, países ou continentes, exclusivamente em busca de aventuras eróticas”. Tal definição deixa ao leitor a sensação de estar sendo caracterizado um segmento turístico. Seria o turismo sexual um segmento turístico?

Outros aspectos caracterizadores foram mencionados em pesquisa realizada na década de 90, na Alemanha, pelo professor Arim Soares Do Bem (2005), o qual caracterizou o fenômeno como

[...] produzido por uma série de engrenagens subterrâneas disseminadas nas sociedades emissoras e receptoras de turistas, que, para se configurarem (sic), precisam operar simultaneamente, produzindo efeitos e desarranjos em ambos os contextos. Embora não possa ser considerado um segmento turístico – como o turismo ecológico, o turismo religioso, o turismo da ‘melhor idade’ etc., que são atividades planejadas –, o turismo sexual está submetido às mesmas pulsações do mercado e carece igualmente de uma infra-estrutura em ambos os contextos, de vias de acesso, de meios de transporte, da mediação de agentes e recursos humanos [...] (SOARES DO BEM, 2005, p. 99).

Prossegue ainda o estudioso, afirmando:

[...] não sendo produto de um planejamento, mas, pelo contrário, surgindo mesmo em virtude da ausência deste, o turismo sexual é o resultado de armadilhas construídas – não no sentido teleológico – lentamente ao longo da história. Depois de configurado, produz igualmente novas armadilhas (SOARES DO BEM, 2005, p. 99-100)

Aqui são trazidas à tona questões importantes de serem analisadas, principalmente no que tange ao desarranjo social, o qual, segundo ele, tem, na base,

fatores como desigualdade e exclusão sociais, discriminação, corrupção, crime organizado, exploração sexual. Todos esses elementos estariam inseridos numa dinâmica organizada.

Na perspectiva em que Soares Do Bem (2005) situa turismo sexual, este não é produto de planejamento, ao contrário, nasce da ausência deste. Ao apontar falta de planejamento, provavelmente esteja se referindo a ações governamentais, à carência de conhecimento científico e técnico, o que poderia dar margem à organização de malhas exploratórias. Sob esse mesmo ângulo, em Salvador, o CHAME (1998, p. 08-9) aponta quatro figuras-chave no circuito do turismo sexual da cidade: o facilitador, o agenciador, as mulheres e os turistas. Esses atores figuram no turismo sexual internacional e nacional. Este, por sua vez, organizado sob um poder paralelo, ancora redes de tráfico muitas vezes camufladas sob fachadas de empresas comerciais, turísticas, de entretenimento, de moda, agências de serviços, como, por exemplo, serviços matrimoniais.

De acordo com Leal e Leal (2002, p. 64), existem sete redes de favorecimento do tráfico humano: rede de entretenimento, rede do mercado da moda, rede de agências de emprego, rede de agências de casamento, rede de tele-sexo, rede da indústria do turismo, redes de agenciamento para projetos de desenvolvimento e infra-estrutura.

Como se pode constatar, todos esses dados configuram um universo conceitual de turismo sexual em que a sexualidade vem associada a aspectos sociais negativos, não sendo ela contemplada na qualidade de característica natural dos indivíduos. Parece então fazer-se pertinente questionar se é somente pelo viés da perversão que o turismo sexual deve ser compreendido e estudado cientificamente, ou se existem outros elementos ligados à sexualidade humana que poderiam – ou deveriam – ser analisados em sua vinculação com o fenômeno. Tal questionamento encontra eco mencionando, somente a título de ilustração, os pacotes turísticos de lua-de-mel, normalmente encarados como “normais” e, por consequência, aceitos do ponto de vista ético-social. É nessa mesma perspectiva que emerge outra questão: O termo “turismo sexual” é aquele mais apropriado para dar conta da pluridimensionalidade do fenômeno, ou o mais adequado seria empregar expressões como “sexo e turismo” ou “sexo no turismo”, por exemplo? Assim, este trabalho, sem negar a vertente social perversa que, em conformidade com as referências citadas, vem sendo tomada como definidora de turismo sexual,

procurará focalizar e questionar outras dimensões desse campo conceitual na direção de ampliar a compreensão do fenômeno e de este poder tornar-se objeto de estudo sob outras perspectivas.

Na sequência, apresenta-se, ainda de que modo reduzido e genérico, aspectos relativos ao mundo da sexualidade na ótica da psicanálise, os quais comporão o conjunto de referenciais teóricos, base para análises posteriores. Para tanto, além de Freud (1975, 1996, 1997), serão abordados particularmente os pesquisadores Hall et al. (2000), Schultz e Schultz (2002) e Pervin e John (2004).

4.2 SEXUALIDADE

A sexualidade constitui tema que, sobretudo a partir do século XX, passou a integrar um expressivo conjunto de áreas e disciplinas científicas. Na Psicologia, em especial, diferentes abordagens trataram de investigar e elucidar questões envolvendo as expressões afetivas, cognitivas e comportamentais da sexualidade humana, tanto no que tange à sua manifestação “natural”, quanto à sua manifestação psicopatológica.

Apesar de a discussão sobre a dicotomia polêmica entre comportamento normal e anormal ainda não estar esgotada, tendo em conta, inclusive, a impossibilidade de descartar elementos culturais, dinâmicos e mutáveis que alteram, a cada tempo e lugar, os critérios de definição dos conceitos, alguns supostos costumam ser considerados.

Normalidade, no que concerne ao comportamento sexual, pode ser entendida como prática que se insere no contexto das normas estabelecidas pela sociedade em que o sujeito está inserido. Leva em consideração, portanto, diferenças culturais, orientação sexual, diferenças entre gêneros, etc. (BARLOW; DURAND, 2008). Dito de outra forma, discutir a sexualidade é abordá-la bio-psicossocialmente.

Nesse sentido, quando se fala em comportamento sexual, a normalidade ou a não-normalidade flutuam por limites tênues, por força de interrelações biológicas, psicológicas e sociais. Assim, o que é normal, hoje, em países ocidentais, por exemplo, pode não sê-lo em outras partes do mundo. Uma evidência exemplificativa desse processo são as práticas de iniciação sexual da etnia sambia, de Papua-Nova Guiné, as quais estão sustentadas em crenças de que o sêmen é uma substância

essencial para o crescimento e desenvolvimento dos meninos da tribo. Eles também acreditam que o sêmen não é produzido de forma natural e que o organismo é incapaz de produzi-lo espontaneamente. Portanto, todos os meninos da tribo, iniciando com aproximadamente 7 anos, tornam-se receptores de sêmen ao participar de sexo oral com garotos adolescentes. Somente práticas de sexo oral são permitidas; a masturbação é proibida (BARLOW; DURAND, 2008, p. 400).

No que se refere à identidade de gênero, ou orientação sexual, há diferentes vertentes teóricas que explicam a homossexualidade e a transexualidade. Atualmente, vem sendo crescente a divulgação da origem etiológico-biológica desses processos, em oposição às teorias que apontam influências de fatores sociais/familiares e intrapsíquicas da conformação do fenômeno. O elevado impacto dos estudos genéticos e bioquímicos no desvendamento das alterações de gênero tem dividido os ativistas dos direitos dos gays. Por um lado, a perspectiva da determinação biológica retira o estigma da escolha, esta, moralmente condenada pelos padrões sociais e religiosos. Por outro lado, essa explicação fortalece a rejeição social e faz retroceder os avanços na aceitação da homossexualidade, na medida em que a biologia redefine como doença o desejo sexual variante e lança no horizonte a perspectiva de cura ou de detecção ainda na vida fetal, podendo a gestação ser interrompida ou “corrigida” por meio da engenharia genética (BARLOW; DURAND, 2008).

Outra dimensão da sexualidade envolve padrões comportamentais de homens e mulheres. As diferenças e similaridades vêm sendo, há muito, estudadas por meio das perspectivas psicoantropológica, sociológica, biológica, psicoevolutiva, dentre outras. Alguns estudos demonstram tendências de ambos em obedecer a padrões monogâmicos de relacionamento sexual, no entanto, diferenças de gênero importantes são evidenciadas no comportamento sexual. Podem aqui ser mencionados, por exemplo, os estudos de Oliver e Hyde (1993) e Peplau (2003), citados por Leitenberg, Detzer e Srebnik (1993) apud Barlow; Durand (2008), os quais trazem indicativos de que os homens adotam a masturbação em percentual muito superior ao das mulheres: 81% e 45%, respectivamente.

Além disso, outros aspectos do padrão monógamo de relacionamento sexual vêm sendo examinados, tais como: atitudes em relação ao sexo pré-marital; relação entre intimidade e excitação sexual; eventos e processos de constrangimento, de comportamento inibido, de sentimentos de paixão; uso de contraceptivo. De outra

parte, no que diz respeito ao ciclo de resposta sexual humana, este compreende cinco fases, conforme ilustra a figura que segue:

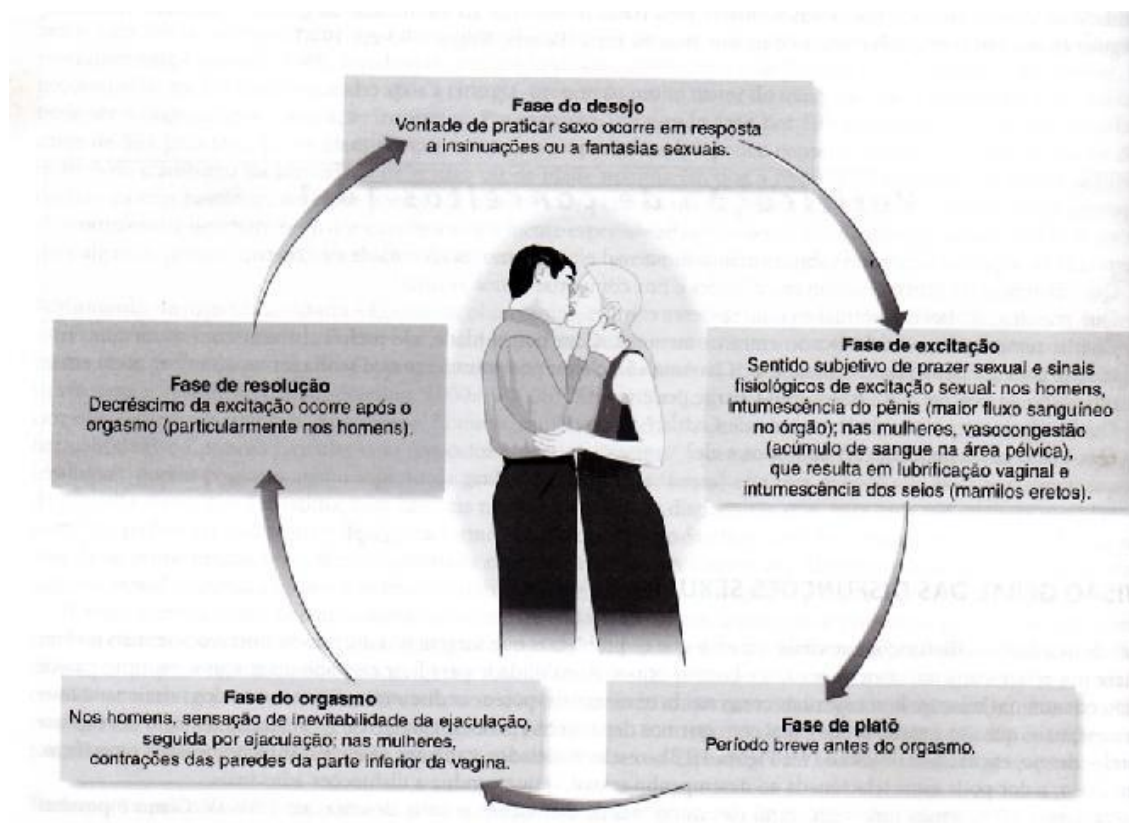


Figura 2: Ciclo de resposta sexual humana conforme apresentado por Barlow e Durand (2008)

De modo geral, é possível, pois, afirmar que os códigos preestabelecidos pelos grupos sociais dos indivíduos norteiam os valores e as práticas sociais e sexuais, fixando os limites entre o normal e o patológico, entre o adequado e o desviante. Porém, ao tratar da sexualidade, em qualquer perspectiva, não se pode ignorar as contribuições da psicanálise, teoria que formula uma complexa organização conceitual em que a sexualidade constitui o cerne do sistema de compreensão da vida mental dos sujeitos e da organização social dos grupos humanos.

4.2.1. A Psicologia e a teoria psicanalítica de Sigmund Freud

Diz-se que a Psicologia emergiu como disciplina científica em 1879, na Alemanha, com a escola estruturalista, rompendo os laços que a mantinham como

segmento da Filosofia, no auge da efervescência investigativa e cultural que banhou os anos que antecederam a virada do século XIX para o século XX (HALL, et al., 2000).

Destaque-se que o espírito intelectual da época (*o Zeitgeist*), assim como o cenário político e econômico, desenharam um contexto particularmente favorecedor à emergência de proposições teóricas que abarcaram temas diversos e controversos, como a sexualidade, numa sociedade ainda arraigada em padrões que valorizavam ou desvalorizavam as ideias e os desejos humanos de acordo com o grau de aproximação com os ideais de desenvolvimento, requinte, controle e religiosidade herdados do Iluminismo.

Na emergência das ciências e dos saberes, também a Psicologia nasce caracterizada pela ampla variabilidade de perspectivas e escolas, cujos supostos, objetos e métodos de investigação marcaram vertentes orientadas por convicções na interveniência preponderante de fatores ambientais/sociais, intrínsecos, adaptativos/ evolucionistas, ou psicobiológicos na determinação do comportamento, assim como vertentes orientadas por convicções embasadas em eixos filosóficos, como a linha humanista, existencial e fenomenológica (HALL, et al., 2000).

E nessa turbulência de tantos “nascimentos”, a teoria psicanalítica surge de forma “inesperada” no cenário da época, em plena interface entre a Psicologia e a Psiquiatria, apresentando um conjunto de proposições que, numa primeira leitura, afrontava direta e profundamente os valores sociais. Mas, ao contrário, a sociedade estava apta e desejava contar com um modelo que pudesse fazer ecoar o discurso secreto dos desejos. As mudanças que se davam na sociedade, particularmente no que se refere à consolidação da separação entre estado e igreja; o chamado do novo modelo político-econômico pelo trabalho da mulher (em razão dos efeitos profundos da revolução industrial no cotidiano das relações) e a forma decorrente como a nova ordem permitiu ampliar a voz feminina em espaços decisórios explicam o extraordinário impacto da teoria de Freud no universo da ciência, das artes, da literatura.

A significativa contribuição da psicanálise reside na construção de uma teoria psicodinâmica e explicitativa das motivações humanas e do processo de formação da personalidade (PERVIN; JOHN, 2004, p. 69), por meio da qual é possível compreender os fenômenos comportamentais e perspectivar os processos históricos que os originaram.

Baseado em constatações empíricas da prática médica, Freud propôs que o aparelho psíquico se organizaria na dinâmica interativa de três níveis da consciência: o consciente propriamente dito, o pré-consciente e o inconsciente. Conforme Schultz e Schultz (2002, p. 49),

o consciente corresponde ao seu significado normal cotidiano. Ele inclui todas as sensações e experiências das quais estamos cientes [...] O consciente ficaria acima da superfície da água [...] Para ele o mais importante é o inconsciente, a parte maior e invisível, abaixo da superfície. [...] As suas vastas e obscuras profundidades são a moradia dos instintos, aqueles desejos que regem o nosso comportamento. O inconsciente contém a força propulsora por trás de todos os comportamentos e é o depositário de forças que não conseguimos ver ou controlar.

Os autores finalizam aludindo ao pré-consciente:

Entre esses dois níveis está o pré-consciente, que é o depósito de lembranças, percepções e ideias (sic) das quais não estamos cientes no momento, mas que podemos facilmente trazer para o consciente. [...] Muitas vezes vemos a nossa atenção indo e voltando de lembranças do momento para eventos e lembranças armazenados no pré-consciente (SCHULTZ; SCHULTZ, 2002, p.49).

O foco da teoria psicanalítica, no entanto, foi, desde o início, o inconsciente. Para o autor, o estudo do consciente era limitado, e a Psicologia, por meio do estudo da consciência, não estaria apta a compreender, a desvendar os motivos ocultos do comportamento humano (HALL, et al., 2000, p. 50).

Mais adiante, desenvolveu outro conjunto de conceitos, integrado pelas instâncias denominadas Id, Ego e Superego, constitutivas da segunda tópica freudiana (a primeira tópica integrava os três níveis de consciência). De forma associada, também o processo de desenvolvimento humano foi estudado e teorizado, particularmente por meio da construção de significados para as vivências infantis, chamadas de fases oral, anal e fálica. Essa faceta do escopo teórico freudiano permitiu a compreensão de elementos muito profundos e precocemente constituídos da psique humana.

4.2.2. A estrutura da personalidade

O “modelo topográfico” de funcionamento mental não foi suficiente para explicar muitos fenômenos da prática clínica, exigindo que Freud conduzisse suas

reflexões em outra direção. Em 1920, a partir da metapsicologia redimensionada no texto “Além do princípio do prazer” (1975), Freud estabelece o modelo estrutural, formalizado em “O Ego e o id”, de 1923, no qual a divisão tripartite da mente (Id, Ego e Superego) constituiria um sistema integrado por instâncias com funções próprias, mas interativas entre si, influenciando a todo tempo o comportamento dos sujeitos.

4.2.2.1 O Id

O Id, ou “isso” em alemão, foi um termo introduzido por Georg Groddeck, em 1923, e adotado por Freud para designar o “espaço” no qual um conjunto de conteúdos, de natureza pulsional e inconsciente, inatos e recalçados, se instalavam e se mantinham fora do âmbito de consciência dos sujeitos. Sob a ótica econômica, essa instância se constituía no reservatório inicial da energia psíquica e fornecedor de toda energia para os outros sistemas.

O Id, portanto, no contexto teórico freudiano, representa o mundo interno e secreto dos indivíduos, cujo conteúdo não pode tornar-se consciente, pois geraria culpa, dor, desorganização. No entanto, todos os elementos que lá estão pulsam todo o tempo para acederem à consciência e obterem satisfação, e o Superego é a instância encarregada de conter o avanço desses elementos, dando-lhes outro destino ou reprimindo-os, mantendo-os submersos, como numa “panela de pressão”.

O Id opera pelo princípio do prazer e pela urgência de realização das necessidades. Conforme Hall et al. (2000), também atua para minimizar o desconforto das tensões geradas pelos impulsos, obtendo sempre alguma forma de satisfação ao retomar níveis confortáveis de homeostase, ao evitar a dor, ao conduzir o comportamento na direção de seus desejos. Trata-se de uma estrutura primitiva, amoral, insistente e impulsiva (SCHULTZ; SCHULTZ 2002), a face “animal”, primitiva e desconhecida do homem (PERVIN; JOHN, 2004).

Para obter satisfação de suas demandas, o Id conta com dois processos sob seu governo: as ações reflexas e o processo primário.

As ações reflexas são reações inatas e automáticas como espirrar e piscar, e geralmente, reduzem a tensão imediatamente. [...] O processo primário envolve uma reação psicológica um pouco mais complicada. Ela tenta descarregar a tensão, formando a imagem de um objeto que vai remover a tensão (HALL, et al. 2000, p. 53-4).

Para Freud, um bom exemplo do processo primário são os sonhos noturnos, pois esses representam a realização de um desejo. As imagens mentais ou os sonhos são as únicas realidades que o Id reconhece (HALL et al. 2000). O Id sozinho não consegue desempenhar todo seu papel; ele precisa dos outros sistemas.

4.2.2.2 Ego

O Ego atua de acordo com o princípio da realidade, ou seja, trata-se de uma instância que reconhece as relações de causa e efeito, identifica as demandas da realidade externa e busca gerir as exigências do Id (e do Superego). Cabe ao Ego transformar a imagem em consciência do real. Como opera de acordo com o princípio da realidade e através do processo secundário (PERVIN; JOHN, 2004), o Ego tem condições de diferenciar a experiência vivida como falsa ou verdadeira e de adiar a descarga da tensão até o momento em que haja a identificação de um objeto que permita que as demandas do Id sejam veiculadas. O processo secundário subentende a formulação de um plano para satisfazer as necessidades do Id (e do Superego) sem que os conteúdos possam tornar-se conscientes na sua forma original. As alternativas encontradas constituem, via de regra, metáforas da coisa desejada, que permitem o prazer, ainda que de forma deslocada para outro objeto, ou disfarçado de outra coisa (HALL, et al., 2000).

O Superego, de outra parte, caracteriza-se como uma instância cuja função é apontar de forma ditatorial, feroz, cruel e, basicamente inconsciente, as normas a serem seguidas pelo Ego.

4.2.2.2 Superego

O Superego representa a moralidade interiorizada nos indivíduos. Ele se ocupa em estabelecer e ditar o valor das atitudes e condutas e em definir quão certas ou erradas elas estão. Trata-se de uma instância que se constrói na relação com o mundo, no interjogo familiar. Os sinais ou verbalizações expressas dos valores sociais portados pelo discurso inconsciente dos pais são transmitidos aos filhos como meio de assegurar a transmissão da cultura, a ordem e os modos de

contenção dos impulsos agressivos e sexuais e, ainda, como cerne da organização mental, a proibição do incesto.

O Superego toma o papel de ser representante da lei, da norma compartilhada e interiorizada. Esse processo é conhecido como introjeção. Hall, et al. (2000, p. 54) explicitam as principais funções do Superego:

[...] (1) inibir os impulsos do Id, especialmente aqueles de natureza sexual ou agressiva, uma vez que estes são os impulsos cuja expressão é condenada pela sociedade; (2) persuadir o Ego a substituir objetivos realistas por objetivos moralistas; e (3) buscar a perfeição.

O Superego apresenta portanto, tendência de se opor aos outros sistemas, mas também apresenta semelhanças em relação a eles. É semelhante ao Id quanto ao aspecto do irracional, e semelhante ao Ego, no tocante à busca por exercer controle, mas deseja que os mundos interno e externo operem à sua maneira. Pode-se, de modo geral, identificar o Id como o componente biológico da personalidade; o Ego, como o componente psicológico; e o Superego, como o componente social (HALL, et al., 2000).

4.2.3 A dinâmica da personalidade

Freud era influenciado pelas ideias positivistas do século XIX, particularmente as que envolviam a Física e a Biologia. O conceito de energia aplicado ao entendimento do processo mental constitui um exemplo claro dessa influência. Para Freud, pensar e lembrar também faziam parte da economia energética do corpo, a energia psíquica (HALL et al., 2000).

Conforme Schultz e Schultz (2002, p.47), “os instintos são uma forma de energia fisiológica transformada que liga as necessidades do corpo com os desejos da mente [...]”, ou seja, o instinto é uma necessidade corporal que se transforma em um estado mental em forma de desejo. Os autores ainda esclarecem que Freud utilizava o termo *Trieb* para se referir ao instinto, o qual, traduzido para o português, significa força impulsora ou impulso.

Assim, a representação psíquica é o desejo, e a excitação corporal é a necessidade. Os instintos são os propulsores da personalidade. O instinto tem quatro aspectos característicos importantes: uma fonte, uma meta, um objeto e um ímpeto. O primeiro diz respeito à necessidade sentida pelo indivíduo, por exemplo,

desejo de satisfazer-se sexualmente; o segundo, a uma meta, ou seja, a direção que indica a forma de satisfação da necessidade, neste caso o desejo sexual; o terceiro, a um objeto, os focos ou sistemas desejados, ou seja, o elemento no qual a energia é depositada e que é reconhecida como objeto de desejo. O último aspecto característico é o ímpeto, ou a força do instinto, determinada pela intensidade da necessidade subjacente (HALL et al., 2000).

Esse modelo de redução de tensão foi criado por Freud, com o objetivo de demonstrar que há uma meta para cada instinto, fazendo com que a agitação provocada pela necessidade seja reduzida por meio da satisfação, proporcionando o retorno ao estado de equilíbrio. Quando um desejo não é satisfeito, há compulsão à repetição (HALL et al., 2000).

Outro aspecto relevante da dinâmica da personalidade é o deslocamento de energia de um objeto para outro. Durante toda vida, o indivíduo possui necessidades que, à medida que vão aparecendo, também vão sendo satisfeitas, mesmo que por meio de objetos substitutos. Isso ocorre, porque a energia psíquica é deslocável. Hall, et al. (2000, p.57) falam sobre a importância do deslocamento de energia para a dinâmica da personalidade:

[...] Ele explica a aparente plasticidade da natureza humana e a notável versatilidade do comportamento humano. Praticamente todos os interesses, preferências, gostos, hábitos e atitudes adultas representam os deslocamentos de energia das escolhas de objeto instintuais originais. Eles são quase todos derivados instintuais.

Quanto ao instinto sexual, este não é um “único instinto”, mas muitos. Diferentes necessidades corporais geram desejos que envolvem diferentes zonas erógenas do corpo. Além disso, a transformação do instinto em energia psíquica ativa as instâncias do aparelho psíquico (Id, Ego, Superego), determinando os movimentos dinâmicos da personalidade.

Uma vez que a quantidade de energia é uma quantidade limitada, existe uma competição entre os três sistemas pela energia disponível. Um sistema obtém controle da energia disponível à custa dos outros sistemas. À medida que um sistema se torna mais forte, os outros dois necessariamente se tornam mais fracos, a menos que uma nova energia seja acrescentada ao sistema total. Originalmente o Id possui toda a energia e a utiliza para a ação reflexa e para a realização do desejo por meio do processo primário. Ambas as atividades estão a serviço direto do princípio do prazer, pelo qual o Id opera (HALL et al., 2000, p.58).

Outro conceito importante da dinâmica da personalidade é a ansiedade. Na teoria psicanalítica, de acordo com Pervin e John (2004, p.85), “[...] a ansiedade é uma experiência emocional dolorosa que representa uma ameaça ou um perigo”. No entanto, quando não se pode relacionar o estado de tensão a um objeto externo, como quando o Ego se vê na contingência de tolher os imperativos do Id e do Superego, impedindo a emergência de elementos proibitivos à consciência, a ansiedade tende a se elevar de forma insuportável, e o Ego inicia um doloroso e árduo trabalho para conter o desconforto. Os autores ainda abordam a diferença entre ansiedade e medo, por meio da explicação adicional de que no estado de medo, a fonte da tensão é conhecida.

Ainda sobre a ansiedade, Schultz e Schultz (2002), referem três tipos: a ansiedade frente à realidade, a ansiedade neurótica e a ansiedade moral. A primeira seria o medo dos perigos percebidos como tangíveis no mundo real; a segunda estaria relacionada à infância, ao conflito entre a gratificação instintiva e a realidade, ao medo de punição inconsciente pelo comportamento dominado pelo Id; a terceira e última estaria relacionada ao confronto entre o Id e o Superego: seria o medo da consciência moral. Quando não concordamos com alguma coisa e mesmo assim a fazemos, o Superego faz com que sintamos culpa, vergonha e dor.

A ansiedade é uma tensão, um sinal de que algo está errado, de que a estabilidade do aparelho psíquico está em risco. O Ego ameaçado precisa de proteção para que não seja aniquilado, assim, surgem os mecanismos de defesa do Ego. Os mecanismos de defesa são defensores da integridade egóica, e essa estratégia serve para aplacar a tensão imediata enquanto busca alternativas para lidar com as demandas geradoras da ansiedade. São eles: principalmente a repressão, a negação, a formação de reação, a projeção, a regressão, a racionalização, o deslocamento, a sublimação. Todos possuem duas características em comum: são negações ou distorções da realidade e são processos inconscientes.

Os mecanismos de defesa do Ego são importantes para garantir o equilíbrio mental e manter os indivíduos protegidos de “si mesmos”, evitando o surgimento de sintomas.

4.2.4 O Desenvolvimento da Personalidade

Freud enfatizou o papel dos primeiros anos de vida da criança para a formação da personalidade, ressaltando que as experiências vividas em fases precoces do desenvolvimento, sobretudo até os cinco ou seis anos de idade, determinavam o padrão de experiências a serem vividas também na vida adulta (HALL, et al. 2000, p. 59).

Durante os cinco primeiros anos da vida da criança, o desenvolvimento se dá por meio de vivências que envolvem zonas específicas do corpo. Durante o primeiro ano, a boca é a principal região de atividade dinâmica, na qual a criança obtém o prazer por meio do sugar, morder ou engolir. Esse período corresponde ao estágio oral, ou fase oral. O segundo estágio acontece no segundo ano de vida, quando se manifestam catexias e anticatexias em relação à eliminação do que é ingerido: tem-se então o estágio anal, ou fase anal. O terceiro é o estágio fálico ou fase fálica: nesse momento, os órgãos sexuais se tornam zonas erógenas. A seguir, inicia-se um novo ciclo com a estrutura personalística já constituída: a criança por volta dos seis anos entraria no estágio da “latência” quando os elementos do inconsciente dão uma “trégua” ao Ego, permitindo o desenvolvimento e o aprendizado. Na fase da adolescência, ressurgem os elementos constitutivos das conflitivas originais, e a sexualidade assume uma organização genital.

Freud criou o modelo de desenvolvimento baseado em supostos sobre a sexualidade infantil, no qual a libido se fixaria nas zonas oral, anal, e fálica, de acordo com o processo de maturação do corpo infantil e das estruturas neurológicas correspondentes. “Os estágios envolvem diferentes modos de gratificação dos impulsos sexuais, e a maturação física define a sequência de predominância de prazer de cada zona erógena, em cada estágio correspondente” (HALL, et al. 2000, p. 65). A forma como essas fases são vividas pela criança pode derivar em uma constituição sadia ou alterada da personalidade.

É importante ressaltar, conforme Hall et al. (2000, p. 65), o significado de sexualidade na perspectiva de Freud:

[...] Quando usou o termo ‘sexualidade’, ele não estava se referindo exclusivamente à sexualidade genital; melhor dizendo, as forças sexuais que induzem os estágios desenvolvimentais refletem tipos de prazer corporal. Os locais de prazer corporal mudam conforme a maturação física que leva a uma sequência normativa de zonas erógenas, cada uma

com um conjunto diferente de ações e objetos específicos. Essa relação entre o físico e o psicológico continua, pois muitos dos traços de caráter associados a um estágio específico são transformações de atos físicos característicos daquele estágio específico.

4.2.5 Perversão da Sexualidade

O termo “perversão” foi utilizado por Freud em seus primeiros trabalhos, já em 1900, em “Três ensaios sobre a sexualidade” (FREUD, 1996). É pertinente ressaltar que traços de perversão podem ser observados em qualquer sujeito, pois a existência de traços não determina *a priori* um transtorno perverso. Na perversão efetivamente predominante no contexto da personalidade, o sujeito vive a experiência de transgredir como forma de prazer, nega-se a submeter-se à lei portada pelos discursos do pai, da mãe e da sociedade; burla o processo constitutivo da vivência do “não” fundante do reconhecimento de si mesmo como sujeito finito, que necessita do outro e o insere no seu universo representacional e afetivo.

As perversões referem-se ao comportamento geral perverso e transgressor dos indivíduos, característico da conduta destes. É com esse entendimento que se pode compreender as perversões sexuais (GABBARD, 1998).

O Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (SANTOS; CECCARELLI, 2009), 4ª edição, revisada (DSM IV – R), constitui o instrumento atualmente mais adotado em todo o mundo como referência para a definição, indicação diagnóstica e prognóstica, manejo de informações de fatores associados e registro do curso dos diferentes quadros psicopatológicos. De acordo com o Manual, os transtornos sexuais são subdivididos em três categorias: a) alterações sexuais que envolvem respostas físico-corporais em homens e mulheres (como a intensidade do desejo; a aversão, a função erétil, a dor); b) alterações sexuais que envolvem o objeto e a forma de prazer, denominadas de parafilias (transtornos com absoluta prevalência entre os homens e que compreendem a pedofilia, o fetichismo, o sadismo e outros); e c) alterações que envolvem a Identidade de gênero (reconhecimento sexual do “eu”, sentir-se homem ou mulher, o que difere da condição do sexo biológico).

No que tange aos transtornos sexuais que envolvem diretamente outra(s) pessoa(s) (parafilias), devem-se destacar dois transtornos, quando manifestos em sua forma real (e não apenas vivenciados sob forma de desejo e fantasia): o

sadismo, se realizado sem o consentimento do outro (estupro), e, especialmente, a pedofilia, pela natureza ilícita da prática e pelo suposto de que o alvo é sempre uma vítima na perspectiva legal e psicológica.

A pedofilia caracteriza-se pelo desejo persistente e busca de realização de atividade sexual com crianças e pré-púberes de até 14 anos (no Brasil, a idade de consentimento continua sendo de 14 anos, ou seja, não é considerado ato ilegal o sexo praticado com maiores de 14 anos, conforme artigo 217 - A do Código Penal, desde que haja consentimento e não envolva qualquer tipo de ganho ou benefício). Para que se estabeleça prática pedófila, o sujeito deve ter pelo menos 16 anos e ser cinco anos mais velho do que a criança, podendo envolver também práticas incestuosas.

Os acometidos por esse transtorno tendem a identificar uma faixa etária e um gênero de preferência. O curso do transtorno de modo geral é crônico, e a taxa de recidiva é o dobro para aqueles que expressam preferência por meninos do que por meninas.

4.2.5.1 A perversão sexual sob a ótica da psicanálise

O termo perversão advém do latim *perversio* e significa "ação de perverter", de "transformar em mal". Na perspectiva psicológica, a perversão sexual está associada à ideia de desvio, de um afastamento das "tendências julgadas normais", ou de "práticas contra a natureza", conforme Aristóteles e Tomás de Aquino, tendo em conta o padrão sexual comum aos homens e aos animais. Nesse sentido, fala-se da sexualidade que se desvia do suposto de uma finalidade básica, ou seja, do suposto de que, no gradiente da normalidade, há que se realizar, predominantemente, um coito que envolva órgãos sexuais diferentes, viabilizando a preservação da espécie, ainda que este não seja o objetivo da atividade e ainda que, por outra razão se inviabilize a fecundação. Quando o desejo e a prática se desviam dessa tendência, estabelece-se a perversão. Nesse sentido, conforme Santos e Cicarelli (2009) a pedofilia, a necrofilia, a homossexualidade, a sodomia, o voyeurismo e outras formas e objetos de promoção de prazer sexual integrariam o rol das práticas perversas.

Os contributos freudianos para a compreensão das perversões são lançados, inicialmente, por meio de publicações que apresentam a criança como um

ser polimorfo e perverso (FREUD, 1996). De acordo com a psicanálise, o inconsciente dos homens seria povoado de desejos que apenas os perversos manifestam e reconhecem. Nos sujeitos perversos, as pulsões inconscientes emergem sem disfarces, ao passo que, nos sujeitos “normais”, esses elementos são convertidos em outras coisas, são disfarçados, ou se transformam em sintoma.

Roudinesco (2007) apud Santos e Cicarelli (2009, p. 15), escreve:

A perversão é um fenômeno sexual, político, social, físico, trans-histórico, estrutural, presente em todas as sociedades humanas: O que faríamos se não mais pudéssemos designar como bodes expiatórios – ou seja, como perversos – aqueles que aceitam traduzir por seus atos estranhos as tendências inconfessáveis que nos habitam e que recalcamos?

De forma sintética, pode-se dizer que o mecanismo que opera na dinâmica mental dos sujeitos não perversos é caracterizado pelo recalçamento das pulsões, pelo reprimir de ideias/impulsos que não podem se tornar conscientes, exigindo que o Ego atue na manutenção da estabilidade. Na perversão, os sujeitos reconhecem a impropriedade social de seus impulsos, mas estes não geram desconforto para sua consciência moral, o que permite o fluir do desejo na maneira mais próxima de sua conformação original e adotar estratégias que visam manter sigilosas as práticas, por temor, apenas, das sanções legais que os privariam de outros prazeres.

A psicanálise auxiliou na compreensão dos mecanismos que estão na base da constituição perversa. Dor (1991) diferencia os termos “perversão” e “perversidade”, Segundo o autor, perversidade é “[...] um tipo de malignidade em operação, no indivíduo, em alguns de seus atos e de suas condutas. Somos, portanto, convocados, sob essa apelação, ao local das apreciações morais do comportamento [...]”. Seria um tipo de desajuste social atrelado ao estado de desenvolvimento psíquico associado à estrutura afetiva do sujeito, e que possivelmente comanda sua vida (BARDENAT apud DOR, 1991, p. 66).

No que se refere ao termo “perversão”, Dor ressalta:

Sob uma forma mais ‘técnica’, encontramos uma modalidade de apreciação idêntica a partir do momento em que se procura examinar se o ato perverso procede ou não de uma *deterioração patológica da personalidade*. Todavia, com a incursão de fator ‘patológico’, deixamos insidiosamente o terreno da ‘perversão propriamente dita’. Com efeito, uma distinção desta natureza tende a circunscrever o domínio das perversões a um *campo de aptidões patológicas permanentes do ser*, isto é, a ‘um desvio das tendências normais’, para retomar aqui a expressão habitual consagrada. [...] (EY apud DOR, 1991, p. 67).

Recorrendo a Henri Ey, Dor (1991, p. 70) faz as seguintes considerações: “Uma definição geral pode qualificar de perversão sexual em um indivíduo toda tendência a procurar a satisfação sexual fora do relacionamento fisiológico com um sujeito de mesma espécie e de sexo oposto”. As perversões sexuais são classificadas em relação ao seu objeto de satisfação e ao meio adotado para satisfação. Dentre as primeiras estão a homossexualidade⁷, a pedofilia⁸, a necrofilia⁹ e a bestialidade¹⁰. Já entre as segundas, encontram-se o fetichismo¹¹, o sadismo¹², o masoquismo¹³. Podem ser mencionados ainda os sujeitos que obtêm satisfação sexual através de atos preliminares à relação sexual, dentre eles, os *voyeurs*¹⁴, os exibicionistas¹⁵.

Freud definiu as perversões contrapondo-as às neuroses e às psicoses. Ele percebeu que os sintomas representam uma transformação de fantasias perversas reprimidas que se tornam conscientes e são expressas por meio das atividades egossintônicas¹⁶ e prazerosas (GABBARD, 1998, p. 221).

Para compreender como se forma um processo perverso nos indivíduos necessita-se investigar a história da perversão, pois se trata da conversão de um trauma infantil em triunfo do adulto (GABBARD, 1998, p. 222).

⁷ No que tange ao entendimento da homossexualidade como transtorno ou não, a questão não é pacífica. Há uma clara tendência por parte de organizações vinculadas à saúde em considerar a homossexualidade como uma condição que não deve ser concebida com qualquer viés psicopatológico. Nesse grupo estão inseridas a Organização Mundial de Saúde, o Conselho Federal de Psicologia. No entanto, as referências no campo da psicopatologia ainda inserem a homossexualidade na relação dos transtornos sexuais, como é o caso do DSM IV – R (Manual de Diagnóstico estatístico de Transtornos mentais) e do CID 10 (Código Internacional de Doenças -10 edição). Independentemente da condição patológica ou não, homossexualidade é considerada o desejo sexual de um sujeito por outro do mesmo sexo, ou seja, não há, *a priori*, associação com a identidade de gênero, mas com o objeto de amor e de desejo.

⁸ Indivíduo que sente atração sexual por crianças (ou adolescentes muito jovens). As pessoas com esse padrão de excitação podem se sentir atraídas por meninos, meninas ou por ambos (BARLOW; DURAND, 2008, p. 437)

⁹ Atração sexual por cadáver (AURELIO VIRTUAL)

¹⁰ Prática de atos libidinosos com animais. (AURELIO VIRTUAL)

¹¹ Pessoa que sente atração por objetos inanimados. Os tipos de fetiche são tão variados quanto o número de objetos, embora roupas íntimas e sapatos femininos sejam muito difundidos. A excitação fetichista está associada a duas diferentes classes de objetos ou atividades: a primeira, ligada a objeto inanimado, e a segunda, ligada à função de estimulação tátil específica, como borracha, particularmente peças de vestuário feitas de borracha (BARLOW; DURAND, 2008, p. 431)

¹² Está associado a provocar dor ou humilhação. (BARLOW; DURAND, 2008, p. 434)

¹³ Está associado a sofrer dor ou humilhação (BARLOW; DURAND, 2008, p. 434)

¹⁴ É a prática de observar uma pessoa nua ou se vestindo, sem que ela suspeite, para ter excitação (BARLOW; DURAND, 2008, p. 432)

¹⁵ Consiste em ter excitação e satisfação sexual mostrando os próprios genitais a estranhos que não suspeitam daquilo que está acontecendo (BARLOW; DURAND, 2008, p. 432)

¹⁶ Conforme ao ego (Termo que qualifica pulsões, representações aceitáveis pelo ego, isto é, compatíveis com sua integridade. (FONTES, 1998, p. 92)

Em relação ao sexo masculino, Kaplan (apud GABBARD, 1998) refere que as perversões têm a função de negar a castração. Acrescenta que a pesquisa clínica tradicional relata que, entre as mulheres, são raros os atos de perversão, contudo outros estudiosos e suas pesquisas atuais demonstram que a dinâmica de cada sexo é diferente, mas ambos podem apresentar comportamentos perversos.

Os indivíduos perversos podem também ser caracterizados como portadores de transtornos de personalidade antissocial, de acordo com o DSM – IV. Há, ainda, outras denominações adotadas: insanidade moral, egopatia, sociopatia e psicopatia. Dentre os aspectos mais importantes do quadro, destaca-se a tendência de não experimentar sofrimento subjetivo, tampouco culpa pelos danos decorrentes de seus atos. As características dos transtornos são enraizadas e inflexíveis, apresentando pouca possibilidade de mudança. A falta de culpa e a pouca habilidade para sentir ou compreender o afeto dos outros é a base da força de sua ação transgressora, de sua doença “moral”.

Outras características seriam relações superficiais, inteligência sem alterações, inexistência de delírios ou sinais de pensamento irracional, ausência de ansiedade e outras manifestações psiconeuróticas, ausência de confiabilidade, inexistência de remorso ou vergonha, julgamento precário, dificuldade profunda para alterar a percepção e o julgamento dos fatos com a própria experiência, egocentrismo acentuado, capacidade destacada para manipular os outros, fazendo-os instrumentos de alcance de seus objetivos.

4.2.6 Freud e a cultura

No texto “O mal-estar na civilização”, Freud (1997) discute o tema “repressão” dos instintos humanos, no sentido de explicar como ocorreu o caráter civilizatório das sociedades. Inicialmente, o texto explicita que o ser humano busca a felicidade e, para assegurá-la, duas metas precisam ser alcançadas: uma visa à ausência de sofrimento e de desprazer, e a outra visa à experiência de prazer. Todo impulso dirigido em direção a essas duas metas estariam submetidas ao que Freud considerou “princípio do prazer”. No entanto, à medida que se percebe que a preservação da vida e o alcance da felicidade dependem dos laços com a realidade, outro princípio passa a reger grande parte das ações, considerando as limitações, ou impossibilidades humanas, de qualquer ordem, e as exigências do meio. Os

comportamentos derivados desses processos são regidos pelo que considerou “princípio da realidade”.

Aspectos que tornam esse processo compreensível estão distribuídos ao longo de toda a obra freudiana. De qualquer maneira, sinteticamente, pode-se dizer que o desenvolvimento de cada sujeito reedita a trajetória civilizatória das sociedades. No início da vida humana, com o aparelho psíquico ainda não constituído, do Id são emanados impulsos que requerem satisfação de todas as necessidades/desejos, de forma urgente e imperativa. Mas a realidade se impõe gradativamente ao sujeito impedindo que o prazer seja obtido de forma imediata e pelo meio, como originalmente foi desejado. É nesse período que o Ego¹⁷ vai sendo formado já com a tarefa de encontrar alternativas toleradas ou valorizadas pelo meio/família para as demandas do Id, dando um destino possível aos impulsos que “exigem” satisfação e, ao mesmo tempo, não afrontando as normas sociais, cujos significados foram apreendidos na relação progressiva com a realidade, por meio das experiências. Mas é também no processo de apreensão da realidade e da lógica social que o sujeito passa a atribuir valor moral às suas próprias demandas pulsionais, ou seja, às demandas do Id, e passa a sentir desprazer, desconforto e culpa ao reconhecer em si os desejos valorados negativamente à luz dos novos juízos, e passa a sentir, também, temores difusos associados à sobrevivência, pois coloca em risco a necessária conquista e manutenção de sua aceitação como membro de uma comunidade humana, dada a “ciência intuída” da inviabilidade de viver isoladamente.

Como defesa contra os sentimentos e afetos vinculados ao desprazer, o ego efetiva a “repressão”, faz tornar inconsciente o desejo que não quer reconhecer, esquecendo-o. Mas os impulsos contidos, reprimidos, geram tensões insuportáveis que precisam ser liberadas, sob pena de danos ao equilíbrio psíquico, cabendo ao Ego encontrar uma saída simbólica, metaforizada, “disfarçada”, por meio da qual o desejo é, ao menos em parte, satisfeito, e a realidade, seu tempo, suas normas, considerados. Entendem-se, assim, os permanentes conflitos gerados pelo confronto entre desejos primitivos ou originais e as barreiras impostas à sua satisfação, entre os princípios do prazer e da realidade.

¹⁷ A formação do Superego é concluída após a fase fálica, ou em torno dos cinco ou seis anos de idade, conforme proposto por Freud na publicação “O Ego e o Id”, de 1923, inclusa na coleção Obras completas (Vol. XIX, 1980)

É nesse sentido que Freud faz um “salto” interpretativo da dinâmica social a partir da microanálise do inconsciente¹⁸.

No texto “Totem e Tabu” (FREUD, s.d.), Freud, com base em reflexões sobre o homem primitivo, a procedência do complexo de Édipo, a horda primeva e a ordem do pai totêmico, lança hipóteses sobre as origens das instituições sociais, das culturas, das religiões, da moralidade, das civilizações¹⁹.

De acordo com o texto, no intuito de se protegerem, os indivíduos se organizaram em sociedades para deter o poder de controlar os perigos à sua sobrevivência. Como decorrência, gerou-se a necessidade de regulação dos comportamentos sociais. É nesse contexto que os sistemas primitivos de regulação das relações humanas/sexuais são particularmente esclarecedoras sobre a origem do proibido, do tabu, e sobre a construção do “horror ao incesto”. De acordo com Freud (s.d.), diferentes culturas primitivas se organizaram a partir de restrições e punições extremas, como a morte, restrições a práticas sexuais inadmissíveis, envolvendo, em especial, o incesto, mas também restrições severas a outras aproximações “indignas” (com a sogra, cunhados, etc), conforme ditames totêmicos próprios de cada cultura. O suposto naturalista desse processo é o de que os agrupamentos humanos estariam sob grande risco de extinção se proliferadas relações consanguíneas, sendo necessário um sistema de alto controle normativo que repercutia, inclusive, sobre o direito de “olhar”, de se comunicar, de habitar sobre o mesmo teto.

Com a complexificação das sociedades e das relações humanas, no lugar dos rígidos sistemas regulados por Totem, inseriu-se a lei formal, o pensamento racional, desencadeando o incentivo às atividades intelectuais, científicas e artísticas, ativando o desenvolvimento das civilizações (FREUD, 1997). Na essência, as ações intelectuais, científicas e artísticas são formas de obtenção de prazer, se consideradas como produto do deslocamento da libido e da sublimação dos instintos, e, na essência, a construção civilizatória deriva desse mesmo processo.

¹⁸ O processo de deslocamentos da libido de um objeto/situação para outro/outra constitui um dos mecanismos pelos quais o enlace sujeito-sociedade se estabelece. A escolha da atividade profissional, por exemplo, pode caracterizar um deslocamento da libido originalmente investida em objetos “proibidos”, sobretudo os de natureza sexual e agressiva. Nesse sentido, a arte, ainda a título de exemplo, pode viabilizar uma forma “segura” de dar vazão a desejos sexuais reprimidos por meio de ações valorizadas pela sociedade (FREUD, 1997)

¹⁹ Para Freud (1997, p. 41-42) “civilização” é: “[...] a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados, dos animais, e que servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos.”

Assim, a cultura se ergue sobre a renúncia dos instintos, gerando um estado de inquietude infindável, chamada por Freud de “frustração cultural”, dominante nos relacionamentos humanos (FREUD,1997).

4.3. TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Na medida em que o presente trabalho volta-se para o questionamento da possibilidade de elementos da Teoria das Representações Sociais subsidiarem a discussão acerca da definição de turismo sexual, cabe aqui apresentar, inicialmente, uma definição de representações sociais e então, ainda que sinteticamente, os caminhos que conduziram à construção da teoria.

4.3.1 Definição

De acordo com Moreira e Oliveira (1998, p. XI-XII) representações sociais são

[...] ideias, imagens, concepções e visões de mundo que os atores sociais possuem sobre a realidade, as quais estão vinculadas às práticas sociais. Ou seja, cada grupo social elabora representações de acordo com a sua posição no conjunto da sociedade, representações essas que emergem de seus interesses específicos e da própria dinâmica da vida cotidiana.

Desde essa perspectiva, Spink, em artigo constante da obra “Textos em representações sociais”, organizada por Guareschi e Jovchelovitch (1995, p. 118), citando Jodelet, ressalta que a Teoria das Representações Sociais reúne dois debates importantes:

No primeiro debate, as representações emergem como uma modalidade de conhecimento prático orientado para a compreensão do mundo e para a comunicação; no segundo debate, emergem como construções com caráter expressivo, elaborações de sujeitos sociais sobre objetos socialmente valorizados.

Tendo em conta o primeiro debate, o estudo das representações sociais – estas, na qualidade de formas de conhecimento prático – insere-se, como assinala a autora, entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum, vendo-o como “[...] um conhecimento legítimo e motor de transformações sociais”. Por outro lado, é possível perceber que, em ambos os debates, as representações sociais

estão vinculadas ao sujeito social, o qual, segundo Jodelet, novamente referido pela pesquisadora, define-se como

[...] um indivíduo adulto, inscrito numa situação social e cultural definida, tendo uma história pessoal e social. Não é um indivíduo isolado que é tomado em consideração, mas sim as respostas individuais enquanto manifestações de tendências do grupo de pertença ou de afiliação na qual os indivíduos participam”. É nessa acepção que as representações são estruturas estruturadas, ou campos socialmente estruturados (p. 120).

Em contraposição, as representações são também uma expressão da realidade intraindividual, ou uma exteriorização de afeto. Observa Spink (1995), na continuidade de seu artigo, que é nesse sentido que as representações passam a ser também estruturas estruturantes que revelam o poder de criação e de transformação da realidade social. Mais uma vez, apoiando-se em Jodelet, lembra que

[...] as representações sociais devem ser estudadas ‘articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e à realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm (p.121).

Assim, as representações sociais são produtos sociais, formados pelas condições sociais que as originam (contexto de produção) associadas às interpretações dos indivíduos e às reinterpretações desenvolvidas pelos sujeitos sociais nos espaços de interação.

Um outro aspecto importante a ser levado em conta no âmbito desta incursão conceitual é o fato de que a elaboração das representações sociais se dá num contexto intertextual, isto é, na interface de texto sócio-histórico – o das construções que alimentam a subjetividade – e do discurso que se institui nas relações sociais. A pesquisadora acrescenta a essas reflexões:

Considerando, ainda, que estes conteúdos que circulam na sociedade podem ter origem tanto em produções culturais mais remotas, constituintes do imaginário social, quanto em produções locais e atuais, deduzimos que o contexto pode ser definido não apenas pelo espaço social em que a ação se desenrola como também a partir de uma perspectiva temporal. Três tempos marcam esta perspectiva temporal: o tempo curto da interação que tem por foco a funcionalidade das representações; o tempo vivido que abarca o processo de socialização – o território do *habitus* (Bourdieu, 1983), das disposições adquiridas em função da pertença a determinados grupos sociais; e o tempo longo, domínio das memórias

coletivas onde estão depositados os conteúdos culturais cumulativos de nossa sociedade, ou seja, o imaginário social (p.122).

4.3.2 O Percurso Histórico da Construção Teórica

A Teoria das Representações Sociais firma-se como tal na década de 50, marcadamente como os estudos de Serge Moscovici²⁰. Estudiosos que o antecederam, segundo Farr (1995) encaminham a abordagem das representações sociais sob duas perspectivas: a individual (a cultura) e a coletiva (a sociedade).

Wundt, cuja investigação tinha como objeto fenômenos mentais coletivos (linguagem, religião, costumes, mito, mágica e fenômenos correlatos), argumentava que tais fenômenos não podiam ser explicados no âmbito do indivíduo, emergindo de interações entre eles. Eram manifestações externas da mente e sem possibilidade de serem estudadas por meio da introspecção. Ao distinguir entre o indivíduo e a interação entre indivíduos, salientava que as leis que norteavam os fenômenos coletivos e os individuais eram diferentes.

Emile Durkheim pontuava a impossibilidade de reduzir representações coletivas a representações individuais, estas a serem estudadas por psicólogos.

[...] representações coletivas eram semelhantes aos objetos da VPs²¹ de Wundt. A diferença entre os dois teóricos, no que se refere aos objetos de estudo na sociologia e PSICOLOGIA SOCIAL respectivamente, era que Durkheim estava interessado, mais que Wundt, em estudar a sociedade, e Wundt, mais que Durkheim, em estudar a cultura. A diferença era mais ênfase do que substancial. Durkheim defendeu a independência da sociologia da psicologia (FARR, 1995, p. 36).

Le Bon contrastou a racionalidade do indivíduo com a irracionalidade das massas, ou seja, o indivíduo enquanto só e enquanto participante da multidão. Ele foi responsável pelo que Farr (1995) chama de individualização da Psicologia Social. Quando Le Bon confronta racionalidade e irracionalidade, ele começa a estabelecer uma relação entre a Psicologia Social e a Psicopatologia. Le Bon exerceu grande influência no desenvolvimento do pensamento de Freud, que se interessou pelas formas de influência social.

Os indivíduos, na massa, estavam relacionados uns com os outros, através de sua Identificação comum com o líder. Durante esse

²⁰ Nasceu em 1928 na França. Psicólogo Social.

²¹ Volkerpsychologie

período Freud revisou sua teoria da mente numa direção explicitamente social, a fim de poder explicar os tipos de fenômeno de massa para os quais Le Bon e outros tinham chamado a atenção (Moscovici, 1981); Rey, 1986). Ele agora distinguia entre Ego, Id e Superego, onde, anteriormente, ele apenas tinha distinguido entre o consciente, o pré-consciente e o inconsciente (FARR, 1995, p. 40).

Esses teóricos, Wundt, Durkheim, Le Bon e Freud são importantes para a compreensão do processo de construção da Teoria das Representações Sociais e das devidas influências sobre Moscovici.

O teórico Moscovici insere-se na tradição europeia de pesquisa, e, para ele, as representações sociais são uma forma sociológica de Psicologia Social. Ele situa seus estudos como uma tendência sociológica da Psicologia Social. Tem como antecessor direto Durkheim, com sua teoria das representações coletivas, da qual se destacam três supostos básicos: 1) para compreender o conhecimento e as crenças complexas de uma sociedade, é impossível partir do individual, pois as premissas de onde o processo de compreensão partiria seriam artificiais e sem profundidade; 2) aquilo que uma pessoa sabe, ela o aprendeu de outro indivíduo, ou seja, o conhecimento e crenças têm origem na interação mútua; 3) as ideias e crenças que possibilitam às pessoas viverem estão alicerçadas em estruturas específicas como igrejas, famílias, movimentos sociais, entre outras (MOSCOVICI, 2004, p. 175-176).

Esses supostos configuram o contexto no qual a Teoria das Representações Sociais se desenvolveu razão pela qual se torna importante demarcar o interesse de Durkheim e de Moscovici nas representações. Este, de acordo com Spink (1993, p. 22), afirmava que

As representações em que estou interessado não são as de sociedades primitivas, nem as reminiscências, no subsolo de nossa cultura, de épocas remotas. São aquelas que nossa sociedade presente, do nosso solo político, científico e humano, que nem sempre tiveram tempo suficiente para permitir a sedimentação que as tornam tradições imutável. E sua importância continua a crescer, em proporção direta à heterogeneidade e flutuação dos sistemas unificadores – ciências oficiais, religiões, Ideologias – e às mudanças pelas quais eles devem passar a fim de penetrar na vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum.

Moscovici está, pois, preocupado com a nova sociedade em que as tecnologias e a comunicação essenciais na formação das representações, as quais não mais se formam apenas a partir da realidade vivida, como pensava Durkheim (MOSCOVICI, 2004, p. 209). Ele mostra com isso que buscou uma ruptura com as

associações que o termo “representações coletivas” havia herdado do passado, como também com as interpretações que sociólogos e psicólogos tinham em relação ao termo “representações sociais”.

A Teoria das Representações Sociais contempla a união da psicologia humana às questões sociais e culturais contemporâneas, assumindo como centro a comunicação e as representações. Para Moscovici (2004), tudo que perturba o curso normal e estável das coisas (violação de regras, fenômenos ou ideias extraordinários, etc.) fascina e alarma. Isso cria motivação para a elaboração de representações sociais, na tentativa de construir uma ponte entre o estranho e o familiar. Nesse processo, tendo em vista o controle do estranho, este é ancorado em um elemento familiar e se modifica²². O autor acrescenta ainda que, além da tentativa de formar uma ponte entre o estranho e o familiar, as representações são formadas para reduzir a margem de não-comunicação, produzida por um curto-circuito na corrente de intercâmbios no seio do grupo social. A finalidade primeira e fundamental da representação social, para Moscovici (2004, p. 208), é

[...] tornar a comunicação, dentro de um grupo, relativamente não-problemática e reduzir o ‘vago’ através de certo grau de consenso entre seus membros. Sendo que essa é a questão, as representações não podem ser conseguidas através do estudo de alguma crença ou conhecimento explícito, nem ser criada através de alguma deliberação específica. Ao contrário, elas são formadas através de influências recíprocas, através de negociações implícitas no curso das conversações, onde as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos.

A Teoria das Representações Sociais, no presente trabalho, faz-se importante referencial teórico, na medida em que, metodologicamente, busca-se identificar, no discurso de jornalistas da mídia impressa, de professores, graduandos em Turismo, representações sociais que estão subjacentes a esse discurso, quando o objeto de suas práticas discursivas é o tema “turismo sexual”.

²² Moscovici, segundo esclarece Spink (1993) identifica dois processos formadores das representações sociais: a objetivação e a ancoragem. O primeiro parte do princípio da materialização: o objeto deixa de ser abstrato e passa a permear a concepção dos indivíduos; o segundo parte do princípio da interpretação desse objeto sob um determinado contexto. Assim, esses dois processos são responsáveis pela mediação social da representação social que menciona, ainda, a autora Jovchelovitch: “A objetivação e a ancoragem são as formas específicas em que as representações sociais estabelecem mediação, trazendo para um nível quase material a produção simbólica de uma comunidade e dando conta da concreticidade das representações sociais na vida social” (apud SPINK, 1993, p. 34).

5 METODOLOGIA

O(s) método(s) a ser(em) adotados em uma pesquisa científica, assim como os procedimentos metodológicos correspondentes definem-se na relação com a natureza do problema, os objetivos gerais e específicos previstos e o referencial teórico, neste definidos operacionalmente os conceitos pelos quais as reflexões serão pautadas. É sob essa ótica que se inserem as considerações que seguem.

5.1 MÉTODO E ABORDAGEM METODOLÓGICA

Conforme mencionado anteriormente, o problema formulado questiona se elementos advindos da Teoria das Representações Sociais e da Sexualidade, na abordagem psicanalítica freudiana, poderiam contribuir para a discussão em torno da definição de turismo sexual, com vistas à configuração desse fenômeno como objeto de estudo na graduação em Turismo. Como é possível de imediato depreender, trata-se de problema que remete a uma discussão teórica que desenha um percurso analítico-interpretativo, o qual requer, de um lado, que sejam focalizados elementos-chave em ambas as teorias e, de outro, se traga a exame o conceito de turismo sexual subjacente às manifestações discursivas dos sujeitos selecionados para a amostra. Emerge, pois, nesse caso, a pertinência de uma abordagem metodológica qualitativa.

Por outro lado, se o turismo e o turismo sexual foram operacionalmente definidos como fenômenos e, correlativamente, inseridos nos fenômenos sociais, permaneceu em questionamento a propriedade da denominação “turismo sexual” para nomear eventos cuja compreensão implica, ora situar o sexo em relação à sexualidade em sua dimensão bio-psicossocial (aqui incluído o aspecto da normalidade e da perversão), ora em relação às representações sociais. Em assim sendo, ambas as dimensões foram analisadas e interpretadas a partir do discurso de professores e alunos de cursos de graduação em Turismo – os quais têm o turismo como objeto central de estudo – e de redatores jornalísticos cujas matérias publicadas incidiam sobre o tema “turismo sexual”. Metodologicamente, adotou-se, portanto, uma abordagem hermenêutica. Nesse contexto, sem apresentar de forma mais aprofundada os supostos teóricos da Hermenêutica – não pertinente a esta finalidade – parece importante aqui retomar, com Ricoeur (1978, p. 8) que

[...] o trabalho da interpretação revela um desígnio profundo: o de superar uma distância, um afastamento cultural, o de equiparar o leitor a um texto que se tornou estranho e, assim, incorporar seu sentido à compreensão presente que um homem pode obter dele mesmo.

O filósofo, remetendo-se a Aristóteles, afirma haver *hermeneia*, “[...] porque a enunciação é uma apreensão do real mediante expressões significantes, e não uma obtenção de pretensas impressões provenientes das coisas mesmas” (p. 8). Referindo-se a Schleiermacher e Dilthey, lembra que os textos, os documentos, os monumentos são expressões da vida fixadas pela escrita. Nesse sentido, diz ele que a “[...] interpretação é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal” (p.15), e o campo hermenêutico passa a ser a circunscrição das expressões de duplo sentido.

Rohden (2003), após mencionar que, para o filósofo Gadamer, “[...] A linguagem é um nós, no qual estamos encadeados um-como-outro e no qual o indivíduo não tem limites fixados” (p. 234), salienta que tanto a semântica como a hermenêutica estudam com seu próprio método a totalidade do acesso ao mundo que representa a linguagem, contudo “[...] a hermenêutica considera a linguagem como um princípio que aponta ‘sempre mais além de si mesma e do que diz explicitamente’, isto é, não se esgota nem se conserva no que se expressa, no que verbaliza” (ROHDEN, 2003, p. 238).

Tal entendimento sobre a hermenêutica conduz a reflexão à metodologia da interpretação. Ricoeur considera que

[...] a interpretação parte da determinação múltipla dos símbolos [...]. Mas cada interpretação, por definição, reduz essa riqueza, esta multivocidade, e ‘traduz’ o símbolo segundo uma grelha de leitura que lhe é própria. A tarefa dessa criteriologia é a de mostrar que a forma da interpretação é relativa à estrutura teórica do sistema hermenêutico considerado (1978, p.16).

No presente trabalho, essa estrutura teórica hermenêutica está representada por duas vertentes. A primeira foi construída a partir da Análise do Discurso, particularmente apoiada nos conceitos de enunciação/enunciado para Bakhtin, de polifonia, segundo Ducrot, e de heterogeneidade, conforme Authier-Revuz, conceitos esses articulados com pressupostos da Teoria das Representações Sociais. Essa vertente teórica referenciou a análise e interpretação das matérias jornalísticas

selecionadas da mídia impressa. A segunda, denominada “fenomenologia hermenêutica”, balizou a análise interpretativa das respostas de alunos e professores de cursos de graduação em Turismo à questão que lhes foi formulada.

Enunciação/enunciado para Mikhail Bakhtin

Opondo-se à concepção de língua como um sistema de normas imutáveis (postulada pela linguística tradicional) e da enunciação, como um ato individual, Bakhtin (1997, p. 290) propõe a dinamicidade da linguagem e a natureza social da enunciação, definida como a materialização da interação verbal de sujeitos históricos. Para ele, a compreensão de um enunciado vivo requer uma atitude responsiva, logo, “[...] toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor”. Aí reside a dinamicidade discursiva. Já o entendimento da natureza social da enunciação parte do pressuposto de que o locutor é também um respondente, pois

[...] não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores — emanantes dele mesmo ou do outro — aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados (p.291).

Essa permanente interrelação do enunciado com outros caracteriza sua natureza dialógica.

Por outro lado, na teoria bakhtiniana, todo enunciado comporta uma face verbal e outra extraverbal, com os elementos extraverbais integrando-se aos verbais como processo indispensável à sua constituição semântica. Assim, o discurso, que permeia aspectos subjetivos do falante, conecta-se a aspectos objetivos do contexto. Nesse sentido, toda dimensão verbal vem a ser sempre heterogênea e constitutivamente ideológica e social. Cabe então aqui lembrar com Braga (1980) o entendimento de que

[...] a linguagem enquanto discurso é interação, um modo de produção social; ela não é neutra, inocente (na medida em que está engajada numa intencionalidade) e nem neutra, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Ela é o “sistema-suporte das representações

ideológicas [...] é o ‘medium’ social em que se articulam e defrontam agentes coletivos e se consubstanciam relações interindividuais (apud BRANDÃO, 1996, p. 12).

Sob esse ângulo, em que a linguagem é considerada sistema de significação da realidade, o ideológico passa a residir entre a coisa representada e o signo que representa (BRANDÃO, 1996).

Na composição, pois, do universo conceitual de Bakhtin, como assinalam Flores et al. (2009, p.101), quando se constitui o enunciado,

[...] há um entrecruzamento de vozes discursivas em concorrência, em que se encontram e se distanciam diferentes pontos de vista, visões de mundo. [...] O enunciado (enunciação), surgido num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos existentes, de ser participante ativo do diálogo social. [...] Assim, o enunciado para Bakhtin (textos de 1934 e 1935) concretiza-se a partir de uma pluralidade de vozes, em que forças de centralização e de expansão em permanente tensionamento garantem a dinamicidade dos sentidos pela interceptação entre vozes sociais, acentuadas valorativamente por sujeitos históricos.

É, portanto, pela marca da natureza social da enunciação e do jogo das vozes discursivas, que se pode buscar articulações com os pressupostos da Teoria das Representações Sociais. Nessa perspectiva, entende-se que, para a análise das matérias jornalísticas, a categoria essencial necessária à compreensão da formação do discurso passa a ser o “sujeito”, histórico, social, heterogêneo, que se constitui a partir do Outro. Não se trata mais do sujeito “uno” ou “homogêneo” como postulado na linguística clássica (BRANDÃO, 1996).

A Teoria da Polifonia de Oswald Ducrot

Ducrot, semantista francês, partindo do conceito de polifonia de Bakhtin e utilizando-se da teoria da narrativa de Genette, constrói sua própria Teoria da Polifonia e vai mostrar, a partir da semântica da enunciação, que há mais de uma voz nos discursos, contestando, também ele, a teoria da unicidade do sujeito falante. (BRANDÃO, 1996)

Esse sujeito, para ele, possui três propriedades fundamentais: ser encarregado de toda atividade psicofisiológica, ser o autor, a origem dos atos ilocutórios e ser o sujeito falante, ou seja, alguém que opera o discurso a partir da ligação da linguagem com o contexto social atual.

A constituição dessas diversas vozes no discurso é marcada pelo percurso que o sujeito faz no momento de articulação entre: a adaptação da sua fala, a elaboração mental e a sua objetivação externa. Esta corresponderia ao ato de enunciação, entendido como a realidade da linguagem a partir da articulação da língua com o contexto não verbal.

De acordo com a descrição de Schröder (2009, p. 189), tendo em conta textos de Ducrot datados de 1988, distinguem-se nos enunciados três sujeitos com funções diferentes:

[...] o sujeito empírico (SE) é o autor do enunciado, responsável por sua relação física, e sua determinação não interessa à descrição lingüística, que deve preocupar-se com o que está no enunciado e não com as condições alheias a sua produção. O locutor (L) é o suposto responsável, a quem se atribui a responsabilidade do sentido construído no enunciado. Ele se mostra na enunciação com marcas de pessoa, tempo e espaço. O Enunciador (E) é a fonte dos diferentes pontos de vista apresentados pelo locutor no enunciado.

Azevedo, no livro “Em busca do sentido do discurso” (2006), explicita que, correlativamente ao locutor (L) e ao Enunciador (E), estão o Alocutário (A), a quem é dirigida a enunciação do locutor, e o Destinatário (D), a quem se dirigem os atos ilocucionários produzidos pelos enunciadores. A autora ainda destaca, relativamente à teoria de Ducrot, que o locutor, responsável pelo enunciado, por meio deste, coloca em cena enunciadores, cujos pontos de vista e cujas atitudes ele organiza. Nesse sentido, ele manifesta sua própria posição em relação aos enunciadores, seja assimilando-se a um ou a outro, seja fazendo-os aparecer para contestá-los, ou para mencionar outros pontos de vista que não os próprios.

Observa Azevedo (2006, p. 91) a esse respeito que “O sentido do enunciado estaria, então, não só nas diferentes vozes que se manifestam através dele, mas, principalmente, na posição do locutor frente aos enunciados que são por ele mobilizados na produção do enunciado”. PARA RECONSTRUIR O SENTIDO DE UM ENUNCIADO, SERIA NECESSÁRIO LOCALIZAR O LOCUTOR E OS ENUNCIADORES E, A SEGUIR, IDENTIFICAR A ATITUDE DO LOCUTOR EM RELAÇÃO A CADA UM DOS ENUNCIADORES.

[...] (a) o locutor pode identificar-se com um dos enunciadores, como no caso da asserção [...] *O céu está nublado* [em que] o locutor apresenta um ponto de vista segundo o qual há nebulosidade no céu e, por sua vez, assume esse ponto de vista; (b) o locutor dá a aprovação a um enunciador, ele indica que está de acordo com esse enunciador, mesmo que o enunciado não tenha por finalidade fazer admitir a origem desse

ponto de vista – é o que ocorre com a pressuposição, num enunciado clássico como *Pedro parou de fumar*, o locutor dá sua aprovação ao enunciador E_1 , que afirma que Pedro fumava antes (o pressuposto) e se identifica com o enunciador E_2 , que afirma que Pedro não fuma atualmente (o posto); e (c) o locutor se opõe ao enunciador, recusa seu ponto de vista, como acontece nos enunciados humorísticos nos quais o locutor apresenta um ponto de vista absurdo, que ele mesmo recusa, sem apresentar nenhum outro que possa corrigir o primeiro.

É, pois, a localização de locutores e enunciadorees em enunciados postos e pressupostos e a identificação de atitudes de locutores em relação aos enunciadorees, por meio de identificação de marcas discursivas, que estiveram na base da busca de sentido no discurso das matérias jornalísticas.

A heterogeneidade discursiva para Jacqueline Authier-Revuz

Em seu “Dicionário da linguística da enunciação”, Flores, et al. (2009, p. 136) explicam que a enunciação, na teoria de Authier-Revuz, “[...] constitui um campo heterogêneo do conhecimento, cujos estudos centram seu interesse na relação do sujeito com a língua e com o sentido”. Por essa razão, para a descrição dos fatos enunciativos, a linguística necessita recorrer a abordagens exteriores ao seu estrito campo de estudo, configurando-se assim a “heterogeneidade teórica”.

Para a pesquisadora, a presença da alteridade no discurso – aquela marcada explicitamente, ou sinalizada de modo implícito – leva a um ponto-limite, no qual a heterogeneidade não é localizável, tampouco marcada na linearidade do dizer, ou na superfície linguística do discurso. É nesse ponto-limite que se institui a heterogeneidade constitutiva; que o Outro, sempre presente na manifestação discursiva, “[...] não se restringe a um exterior a quem/de quem/de que se fala, mas é condição para que se fale” (FLORES et al., 2009, p. 135). A fala é, nessa perspectiva, determinada para além da vontade do falante. ESTE CRÊ SER A FONTE DE SEU DIZER, QUANDO, NA VERDADE, É SEU SUPORTE E SEU EFEITO.

A heterogeneidade constitutiva do discurso leva assim a uma aproximação à Teoria das Representações Sociais. De natureza inconsciente, negada no enunciado, a heterogeneidade constitutiva do discurso é marcada por Ideologias, crenças, etnias e elementos instituídos pelo grupo social.

Authier-Révuz distingue ainda a heterogeneidade mostrada assim definida: “representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a

alteridade que afeta a homogeneidade aparente do seu dizer, através de formas linguisticamente detectáveis, na linearidade do discurso” (FLORES et al., 2009, p.136). Essas formas apreensíveis indicam a inscrição de outro dizer no discurso do enunciador, numa tentativa de apresentar como homogêneo o que, por natureza, é heterogêneo e de marcar o domínio que o enunciador tem de seu dizer. “Desse modo, procura preservar a imagem ilusória de sujeito autônomo, que sabe quem fala, de que fala e como fala, condição necessária para que um discurso seja efetivado” (p. 136).

A heterogeneidade mostrada pode apresentar-se de forma marcada (discurso direto, discurso indireto, glosas, aspas, por exemplo) e não marcada, caso da ironia, do discurso indireto livre, entre outros mecanismos discursivos. O plano da heterogeneidade constitutiva e o da heterogeneidade mostrada apresentam-se solidariamente no discurso, isto é, trata-se de dois planos distintos, mas não disjuntos. Mais uma vez aqui, a análise dessas marcações linguísticas emerge como um procedimento analítico-interpretativo das matérias jornalísticas, passível de engendrar relações comparativas e associativas com os supostos da Teoria das Representações Sociais.

A partir, pois, desse conjunto de elementos teóricos, a identificação das vozes discursivas e da heterogeneidade textual nas matérias jornalísticas selecionadas permitiu extrair percepções e perspectivas da realidade impressas nos enunciados dos locutores ou dos enunciadores e, com base nestas, promover interrelações com o universo das representações sociais.

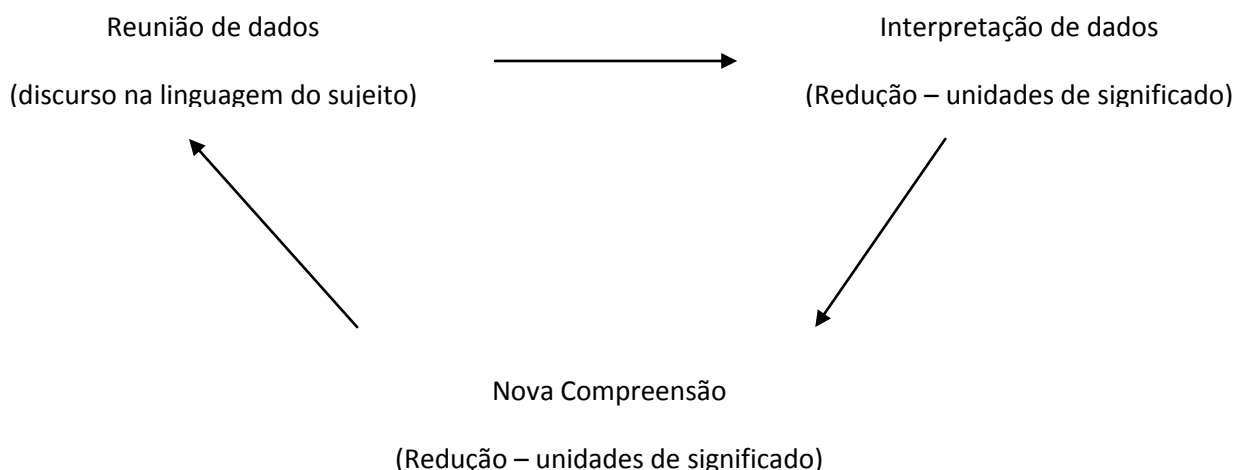
No caso específico das análises interpretativas das respostas de alunos e professores relativas à questão que lhes foi formulada (Como você define turismo sexual?), tomaram-se como referência considerações de Panosso Netto (2005), em sua obra “Filosofia do turismo: teoria e epistemologia”, quando relata o desenvolvimento de uma pesquisa levada a efeito com turistas, os quais responderam às seguintes questões: Em seu entender, o que é turismo? Você se considera um turista? Por quê? Em seu entender, o que faz um turista ser um turista? Você poderia descrever a experiência do que é ser turista?

Na pesquisa, o autor utilizou a fenomenologia hermenêutica como processo metodológico. Segundo Panosso Netto, a fenomenologia é um método propício quando queremos estudar a experiência de vida das pessoas: “[...] a fenomenologia vai trabalhar para compreender o viver de acordo com o percebido por que faz parte

desse viver” (2005, p.114). E, apoiando-se em Dartigues, afirma que: “[...] a tarefa da fenomenologia [é], pois, analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo”. A fenomenologia hermenêutica, explica Mansini apud Coltro (2000, p.39), “[...] furta-se à validação do já conceituado sem prévia reflexão e volta-se para o não pensado, através de uma reflexão exaustiva sobre o objeto de seu estudo, denunciando os pressupostos subjacentes.” Diante dessa concepção, o Panosso Netto chama a atenção para o fato de que

O método fenomenológico não existe na forma de uma regra ou modelo a ser seguido. O método é uma atitude e um posicionamento do pesquisador no desenvolvimento da pesquisa, pois no ato da pesquisa ele deve se livrar de todos os conceitos e conhecimentos que tem da realidade objeto de estudo. Pela ‘suspensão’ de seus juízos ele está realizando a ‘redução eidética’, ação fundamental do método fenomenológico (2005, p.113).

Os dados coletados pelo pesquisador foram analisados de acordo com a proposta hermenêutica: descrição, invariantes e essência. As respostas dos entrevistados foram transcritas em suas partes principais, a partir das quais foi realizada a redução de unidades de significados, na qual o pesquisador buscou destacar as ideias fundamentais de cada uma delas. Posteriormente, foram selecionadas asserções articuladas no discurso de cada entrevistado, procurando chegar ao significado primeiro do que cada um teria querido dizer com sua resposta, estabelecendo uma nova compreensão do objeto investigado. Sintetizando o procedimento, Panosso Netto (2005) apresenta a seguinte figura:



É com base nesse mesmo procedimento que foram analisadas as respostas de alunos e professores de cursos de graduação em Turismo, aos quais foi formulada a questão: Como você define turismo sexual? O processo analítico-interpretativo dos dados convergiu para a identificação do entendimento dos respondentes sobre turismo sexual. Num segundo momento, procuraram-se marcas discursivas de elementos de representações sociais, com vistas ao problema de pesquisa estabelecido para a presente investigação.

5.2 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* PARA ANÁLISE

O *corpus* submetido à análise interpretativa foi, por recorte metodológico, constituído de matérias publicadas em dois jornais de circulação no País (Gazeta de Alagoas e Correio do Povo – RS) acessadas por meio do termo de busca “turismo sexual”, como também de respostas de alunos e professores de cursos de graduação em Turismo oferecidos no quadro de instituições de ensino superior nesses mesmos estados.

5.2.1 Jornais/matérias

Em se tratando de pesquisa qualitativa, do universo de jornais regionais em circulação no Brasil, foram escolhidos dois: Gazeta de Alagoas e Correio do Povo, representativos das regiões Nordeste e Sul: o primeiro, situado entre os diários de maior circulação no Nordeste, de acordo com o Instituto de Verificação de Circulação (Agosto/2008); o segundo, apresentando, conforme a Associação Brasileira de Imprensa, uma tiragem de 150.000 exemplares.

Como já mencionado, os *sites* desses jornais foram acessados por meio do termo de busca “turismo sexual”, a partir do que se obtiveram matérias jornalísticas que tinham esse tema como objeto central, no período determinado de 2007 a 2009. Foram identificadas 18 matérias no jornal Gazeta de Alagoas e 24 no Correio do Povo. Desse conjunto, foram analisadas, respectivamente, 09 e 12 matérias selecionadas por amostragem aleatória mediante aplicação do mecanismo de escolha “uma sim, uma não” e observada a sequência cronológica de publicação (Ver Anexo).

5.2.2 Respostas de alunos e professores

Além das matérias jornalísticas, constituíram o *corpus* da pesquisa respostas à questão “Como você define turismo sexual?” elaboradas por alunos e professores de cursos de graduação em Turismo, igualmente de Alagoas e do Rio Grande do Sul. Em assim sendo, foram selecionadas três IES de cada estado, entre públicas e privadas.

No estado de Alagoas, do universo de 222 alunos no conjunto das três Instituto de Ensino Superior (IES), obtiveram-se 104 respostas; no Rio Grande do Sul, foram 205 os respondentes num universo total de 437 alunos. Quanto aos professores, foram 12 os respondentes de Alagoas, num universo de 39, enquanto, no Rio Grande do Sul, apenas 11 responderam, num universo de 74 docentes.

As respostas dos alunos foram ordenadas, em sequência linear crescente, por período curricular, correspondendo, a cada um deles, as respostas obtidas no conjunto das três IES. No caso dos professores, para ambos os estados, as respostas foram ordenadas por IES.

Para a realização da análise do discurso dos alunos, aplicou-se também o mecanismo de escolha aleatória (“uma resposta a cada quatro”), o que acarretou a probabilidade de estarem representados, nas respostas analisadas, alunos dos diferentes períodos curriculares. Não se procedeu a estudo comparativo de respostas entre períodos. No que diz respeito aos professores, tendo em conta o número reduzido de respondentes, analisaram-se, para cada estado, todas as respostas obtidas.

5.3 PROCESSOS E PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

5.3.1 Matérias jornalísticas

A análise das matérias jornalísticas fez-se sob duas perspectivas e em dois momentos complementares: uma, primeira, assentada na busca de uma apreensão prioritariamente globalizante de sentido, derivada de processos de redução em unidades discursivas (ou organizadoras do discurso) e de articulação dessas unidades; uma segunda, construída a partir de abordagem focada em aspectos específicos do jogo da linguagem no processo enunciativo.

A primeira abordagem analítica procurou então pontuar tópicos (ou unidades discursivas) sobre os quais se voltavam as matérias e, a partir deles, identificar (em situações de discurso explícito) ou inferir (em situações de discurso implícito), ideias, imagens, concepções e visões de mundo próprias dos atores sociais envolvidos (no caso, locutores e enunciadoreis instituídos pelo discurso dos redatores), constitutivas do universo conceitual de turismo sexual e de seus vínculos com as práticas sociais²³. Nessa direção, foi construído, para cada matéria, figura, na forma de quadro, comportando três colunas: na primeira, “Discurso na linguagem do sujeito (mídia)”, as matérias foram transcritas na íntegra; na segunda, “Redução em unidades discursivas”, como o próprio título diz, foram construídas, por identificação de tópicos temáticos ou factuais, unidades-síntese organizadoras dos textos; na terceira, intitulada “Articulação das unidades”, igualmente conforme anunciado no título, buscou-se fazer emergir, de relações percebidas entre as unidades discursivas, o universo conceitual de turismo sexual que ali estaria presente (incluindo aspectos essenciais, complementares e circundantes) sinalizadores de representações sociais.

No quadro exemplificativo, essas articulações estão marcadas em vermelho quando dizem respeito a elementos definitórios de turismo sexual. Quando estas vêm de enunciados explícitos no texto, correspondentes àquela que seria a “voz do jornal”, elas são indicadas sem parênteses. Quando advêm de inferências construídas a partir dos fatos relatados nas notícias, elas são apresentadas entre parênteses.

Em verde, foram colocadas outras inferências relativas a elementos complementares caracterizadores/diferenciadores do turismo sexual e também a elementos circunstanciais em torno dos quais o turismo sexual orbitaria (conforme contexto situacional da notícia). Essas inferências, algumas vezes, foram extraídas de discurso direto (marcados em azul), encerrando também crenças explícitas de diferentes atores sociais.

A título ilustrativo desse processo, segue figura, na forma de quadro, elaborada para a matéria 1 do jornal Gazeta de Alagoas.

²³ De acordo com Moreira e Oliveira (1998, p. XI-XII) representações sociais são idéias, imagens, concepções e visões de mundo que os atores sociais possuem sobre a realidade, as quais estão vinculadas às práticas sociais.

Discurso na linguagem do sujeito (mídia)	Redução em unidades discursivas	Articulação das unidades
MATÉRIA 1 (22 FEV. 2007) TURISMO SEXUAL: AGÊNCIAS SÃO PROCESSADAS PELA ITÁLIA A Justiça italiana está processando quatro agências de viagem por formação de quadrilha e a promoção de turismo sexual no Brasil. A acusação é de que as empresas atendiam clientes entre 20 e 60 anos de idade e organizavam encontros sexuais com meninas menores de idade. Estão presos e sob investigação Luigi Miraglia, de 48 anos e proveniente de Caltanissetta, na Sicília, sua mulher Ângela Ribeira, uma brasileira de 31 anos, Abramo Grasso, de 46 anos e residente em Palermo, e Marco Marchino, de 45 anos, que vive em Turim. Os procuradores Italo Ormanni e Diana De Martino estão à frente dos processos. Segundo informações obtidas em interrogatórios, o pacote para as cidades brasileiras mais famosas custava cerca de € 2 mil, enquanto para os encontros com menores de idade, bastava desembolsar entre € 15 e € 20 a mais. Ângela e Miraglia vivem em Fortaleza desde 1994, onde mantêm a agência LM Tourist, que organizava viagens de toda a Itália ao país com a ajuda das agências Gamble Tour de Palermo, de propriedade de Grasso, e a Margil	Formação de quadrilhas de turismo sexual; Processo judicial de combate do TS Organização por agências de viagem de encontros sexuais ilícitos no Brasil, com meninas menores de idade Desembolso suplementar para os encontros com as menores Viagem para encontros sexuais ilícitos Pesquisa sobre turismo sexual no Brasil para combate do fenômeno	<i>Turismo sexual é Fenômeno ilícito</i> <i>(TS envolve exploração de menores)</i>  <i>O turismo sexual é um fenômeno ilícito envolvendo exploração sexual de menores.</i> <i>Turismo sexual pode ter abrangência internacional.</i> <i>A exploração sexual de menores, no turismo, se faz a qualquer preço.</i> <i>Os promotores de TS constituem quadrilhas.</i> <i>O turismo sexual vem sendo combatido.</i>

Viaggi de Turim, que pertence a Marchino. A investigação que levou à prisão dos quatro em 14 de dezembro de 2004, batizada "Meninas Fortaleza", foi deflagrada logo após uma pesquisa sobre turismo sexual publicada no Brasil em 2002 para combater o fenômeno. Os detalhes das investigações não deixam dúvidas: dos turistas europeus que viajam a Fortaleza para encontros sexuais ilícitos, cerca de 80% são italianos. A polícia de Roma infiltrou quatro agentes entre grupos de turistas que participariam de encontros sexuais no Brasil. Segundo os investigadores, a rede levava cerca de 5 mil turistas por ano ao país.		
--	--	--

Figura 03: Processo de análise de matéria jornalística, por redução em unidades discursivas e articulação dessas unidades

Na sequência, a partir dos dados assim organizados, foram rearticuladas as articulações das unidades discursivas elaboradas para cada uma das matérias em exame. A síntese realizada embasou a formulação de uma primeira síntese interpretativa.

Uma segunda abordagem analítica foi ainda realizada com o objetivo de buscar elementos que pudessem, novamente por via do discurso, dar maior sustentação às conclusões elaboradas, complementando-as, corroborando-as ou, eventualmente, na ótica da falseabilidade, levantar questões sobre elas. O trabalho voltou-se, por meio de análise polifônica e da heterogeneidade do discurso, para o jogo enunciativo entre locutores e enunciadore, entre enunciados explícitos e implícitos, entre enunciados postos e pressupostos, entre diferentes vozes

discursivas. O processo analítico realizado com base em marcas linguísticas sinalizadoras desse jogo levou à construção de uma nova síntese interpretativa.

5.3.2 Respostas de alunos e professores

A análise das respostas de alunos e professores realizou-se, conforme referido acima, por uma abordagem fenomenológico-hermenêutica, que conduziu, por meio de processo de redução de unidades de significado, à elaboração de quadros-síntese, por estado, em que se registraram asserções articuladas no discurso, a partir das quais foram construídas categorias de assertivas, base para o processo de síntese interpretativa.

6. ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DADOS

6.1 REDUÇÃO DAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS EM UNIDADES DISCURSIVAS PARA POSTERIOR ARTICULAÇÃO

Conforme já explicitado, com vistas a analisar as matérias selecionadas dos Jornais Gazeta de Alagoas e Correio do Povo – as quais se encontram, na íntegra, no Anexo –, foi estabelecido, como procedimento metodológico, a redução das matérias em unidades discursivas seguida da articulação dessas mesmas unidades, no intuito de extrair elementos que possibilitassem assim inferir ideias, imagens, concepções dos atores sociais acerca do fenômeno “turismo sexual”. Dito de outra forma, procurou-se identificar a “voz dos jornais” referente ao fenômeno. Esse processo analítico-sintético (desconstrução/reconstrução) de concepções sobre turismo sexual desenvolveu-se basicamente a partir dos seguintes procedimentos: a) Identificação de enunciados que explicitamente compreendem elementos definitórios de turismo sexual; b) inferências sobre a voz dos jornais a partir dos fatos relatados nas notícias (neste caso, o procedimento tem por pressuposto o compromisso do jornalismo em relatar a verdade dos fatos e o comprometimento do jornal com a correção daquilo que veicula, considerando sua “posição” no conjunto da sociedade); c) construção de inferências relativas a aspectos complementares caracterizadores do turismo sexual e a elementos circunstanciais nos quais orbita o fenômeno (conforme contexto situacional da notícia); d) inferências construídas a partir de enunciados em discurso direto, encerrando também crenças explícitas de diferentes atores sociais mencionados no texto, particularmente figuras de autoridade no contexto político-social. A análise desenvolve-se em dois segmentos, focalizando separadamente cada um dos jornais.

6.1.1 Gazeta de Alagoas

Na direção de Identificar a voz do jornal Gazeta de Alagoas no que diz respeito às concepções ali presentes sobre turismo sexual, observem-se, na forma de quadros, as figuras que seguem.

Elementos definitórios explícitos
Turismo sexual é um fenômeno. (Matéria 1)
Turismo sexual é [fenômeno] ilícito. (Matéria 1)
Turismo sexual compreende diferentes dimensões. (Matéria 2)
Turismo sexual [é uma forma] de violência contra criança e adolescente (Matéria 5)

Figura 4: Enunciados explícitos com elementos definitórios de turismo sexual.

Nesses enunciados, a concepção de turismo sexual aparece marcada pela ilicitude, em sendo aproximada a fenômenos como “exploração sexual infanto-juvenil” e “abuso sexual contra a criança e o adolescente”; é marcada também, como um problema de âmbito nacional e internacional, compreendendo diferentes dimensões.

Já a partir dos fatos relatados nas notícias, as “inferências construídas” remetem à formulação da figura 5.

Inferências construídas
Turismo sexual é ilegal, estando associado à exploração sexual de crianças e adolescentes. (O Núcleo de Direitos Humanos do Ministério Público de Alagoas e o Serviço de Enfrentamento à Violência, Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (Sentinela) promovem reunião ampliada, às 9 horas desta segunda-feira, no auditório da Procuradoria Geral de Justiça, em Maceió, para planejar <i>ações de combate à exploração sexual de crianças e adolescentes e ao turismo sexual</i>. – Matéria 2); (De acordo com a procuradora do Trabalho Rosemeire Lôbo, titular da Coordenadoria Regional de Combate à Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente (Coordinfância), esse será um trabalho de conscientização para alertar a população sobre esse <i>mal que agride crianças e adolescentes: a exploração sexual</i>. “Vamos tentar conscientizar as pessoas por meio desses panfletos para evitar que Alagoas seja incluído <i>na rota do turismo sexual e exploração infanto-juvenil</i> como acontece em outras capitais nordestinas”. – Matéria 8) Turismo sexual leva ao crime – ALAGOAS UNE FORÇA CONTRA TURISMO SEXUAL. (Dia 18 de maio de 1973, trinta e quatro anos atrás. Araceli Cabrera Crespo tinha oito anos. Morava em Vitória, no Espírito Santo. Sorriso farto, cabelos longos, de franja. Naquela manhã, não voltou do colégio. Nunca mais foi vista. Seu corpo só foi encontrado seis dias depois, desfigurado com ácido. – Matéria 4)

O turismo sexual, em tempos de globalização, é um dos cenários do crime de exploração sexual de crianças e adolescentes. (BRASIL SEDIARÁ CONGRESSO SOBRE EXPLORAÇÃO INFANTIL: No evento serão abordados a cooperação internacional e os *novos cenários desse crime* O Brasil vai sediar em novembro o 3º Congresso Mundial de Combate à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, no Rio de Janeiro. De acordo com a subsecretária da Criança e do Adolescente da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH), Carmem Oliveira, serão abordados a cooperação internacional e os novos cenários desse crime, como a *pedofilia na internet e o turismo sexual* em tempos de globalização. – Matéria 7)

Turismo sexual, como aquele [tipo de turismo] motivado pela exploração sexual infanto-juvenil, é crime. (Depois de percorrer seis capitais nordestinas, a Campanha Welcome to Brazil desembarca na cidade de Maceió, em Alagoas. Novamente, a campanha — desenvolvida pela Fundação Comissão de Turismo Integrado do Nordeste (CTI-NE), em parceria com Ministério do Turismo e Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, e promovida pela Executiv Projetos e Consultoria — coloca em pauta a *exploração sexual de crianças e adolescentes no turismo*. O Seminário de Sensibilização para o Turismo Sustentável e Infância será apresentado na próxima quarta-feira (20), às 8h, no Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, com o apoio da Secretaria de Estado do Turismo. [...] Em Alagoas, segundo o secretário de Estado do Turismo, Virginio Loureiro, a *exploração sexual no turismo* não atinge taxas que preocupam, pois o próprio ‘trade’ turístico tem uma prática de prevenir para que *esse tipo de crime* não ocorra. “Mesmo com o fato de Alagoas não participar da *rota do turismo sexual*, o seminário é importante para a prevenção e sensibilização dos diversos atores que participam da atividade turística”, destaca. – Matéria 9)

Figura 5: Elementos definitórios de turismo sexual Identificados mediante inferências realizadas a partir de fatos relatados nas notícias.

Com base no acima exposto, observa-se novamente o aspecto de ilicitude do fenômeno, esta percebida por articulações entre elementos explícitos e implícitos no discurso.

Referentemente aos aspectos complementares caracterizadores de turismo sexual, estes são sintetizados na Figura 6.

Aspectos complementares
Turismo sexual envolve exploração de menores a preços irrisórios (Matéria 1) Turismo sexual tem abrangência internacional – ser promovido por agências de viagem transcontinentais, por exemplo. (Matéria 1) A exploração e o abuso sexuais (e o turismo sexual) são problemas de dimensão nacional. (Matéria 3) Os promotores de Turismo sexual constituem quadrilhas. (Matéria 1) Turismo sexual tem sido objeto de preocupação de entidades públicas voltadas ao bem comum e aos direitos humanos e da sociedade civil. (Matéria 2) Turismo sexual requer empreendimentos sociais de monitoramento (selo) e de combate, assim como um código de conduta. (Matéria 3) O combate do turismo sexual ficou associado ao dia 18 de maio. (Matéria 4) Turismo sexual é combatido pelo Ministério Público, assim como o são outras formas de violência contra criança e adolescente. (Matéria 5) Turismo sexual e outras formas de violência sexual contra crianças e adolescentes devem ser denunciadas. (Matéria 5) O processo de combate à violência sexual não é recente. (Matéria 5) Exploração de crianças e adolescentes e Turismo sexual têm sido objeto de preocupação de entidades públicas voltadas ao bem comum e aos direitos humanos, assim como da sociedade civil. (Matéria 5) O Trade turístico, em Alagoas, não é conivente com a exploração do turismo sexual. (Matéria 6) Sua abordagem compreende a cooperação internacional. (Matéria 7) O interesse pela temática é amplo. (Matéria 7) Nacionalmente, há a necessidade de apoio das instâncias municipal, estadual e federal para implementação de políticas públicas de combate à exploração, numa rede de

proteção à vítima. (Matéria 7)

O turismo sexual – e a exploração sexual de crianças e adolescentes – **acontece em hotéis, pousadas e em lugares de veraneio.** (Matéria 8)

Alagoas ainda não entrou na rota do turismo sexual como outros Estados do nordeste. (Matéria 8)

Há **necessidade de conscientizar** a população sobre o turismo sexual e a exploração sexual de crianças e adolescentes. (Matéria 8)

É importante discutir no exterior (em lugares emissivos) essa problemática, destacando a posição do Brasil a esse respeito. (Matéria 9)

O trade turístico pode ter papel importante na minimização do problema. (Matéria 9)

É importante denunciar a prática de turismo **com motivação de exploração sexual infanto-juvenil.** (Matéria 9)

O perfil das crianças que sofrem exploração sexual **varia de acordo com a região e** está quase sempre **ligado à pobreza.** (Matéria 7)

A participação de crianças do sexo masculino na exploração sexual é negada socialmente. (Matéria 7)

Figura 6: Aspectos complementares caracterizadores de turismo sexual.

Como se faz possível observar, o universo semântico da ilicitude constrói-se, nessas inferências, sobre dois polos: de um lado o mundo da criminalidade e de sua recorrência (quadrilha, “violencia sexual”, exploração de crianças e adolescentes, “não é recente”, “preços irrisórios”); de outro, a oposição a essa realidade já realizada e a realizar (“combate”, “denúncia”, “monitoramento”) envolvendo organismos públicos e a sociedade civil. Note-se a associação da exploração sexual de crianças à pobreza – o que denota busca de explicações de natureza social ao fenômeno – e a referência feita à negação social em relação à exploração sexual de meninos, o que leva a supor a negação da negação da masculinidade, do “ser macho”, social e tradicionalmente vinculados ao sexo masculino, ao homem.

Em relação às falas (em discurso direto) atribuídas às figuras de autoridade citadas pelos locutores e aqui selecionadas, a Figura 7 apresenta um conjunto dos respectivos enunciados.

Falas das figuras de autoridade
“Uma série de atividades vão ser desenvolvidas a partir da segunda semana do próximo mês, culminando com a grande manifestação que vamos realizar em Maceió no dia 18 de maio”, adiantou a promotora de Justiça. Segundo Marluce Falcão, uma panfletagem em vários pontos da cidade e nas rodovias que dão acesso a Maceió é uma das atividades programadas. Além disso, também está sendo programada uma sessão pública na Assembléia Legislativa do Estado para discutir o Código de Conduta do Turismo contra Exploração Sexual Infanto-Juvenil. Durante a reunião, foi formado o Comitê de Monitoramento do Fórum, integrado pelo Programa Sentinela, pelas Secretarias de Ação Social e Turismo do estado e do município, entidades da sociedade civil organizada, além da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), do MPE, MP do Trabalho e MP Federal. “O Comitê será o guardião do Código de Conduta, que tem como objetivo criar uma rede de proteção contra o turismo sexual. Caberá ao Comitê avaliar se uma empresa merece ou não receber o selo de amiga da luta contra o turismo sexual, do mesmo jeito que caberá ao Comitê retirar o selo de qualquer empresa que tenha contrariado as regras estabelecidas pelas entidades que fazem parte do Fórum”, explicou a promotora de Justiça. A mesa diretora da reunião contou ainda com a participação da secretária municipal de Turismo, Cláudia Cristina Pessoa; do deputado Judson Cabral (PT), do vereador Marcelo Malta (PCdoB); do comandante do policiamento da Capital, Adilson Bispo; do vice-presidente do Conselho Estadual da Criança e do Adolescente, Carlos Alberto Silva Santos; representante do Projeto Sentinela, Maria Salete de Albuquerque Beltrão e do inspetor Lacerda, da Polícia Rodoviária Federal. (MATÉRIA 3)
De acordo com a promotora Marluce Falcão, um número cada vez maior de crianças e adolescentes são vítimas de abuso e exploração sexual em Alagoas. “A ideia é conscientizar a população da importância da denúncia”. O Ministério Público discute também ações práticas para combater o turismo sexual principalmente na Capital alagoana. A promotora disse ainda que o MP e os órgãos parceiros já colhem os resultados de campanhas anteriores.

Entre autoridades presentes, a delegada da Polícia Civil, Ana Luiza Nogueira e o vereador Diogo Gaia, que preside a Comissão da Criança e do Adolescente na Câmara.

Durante a reunião deve ser definida a programação da Semana Estadual de Combate à Exploração Sexual, prevista para o período de 12 a 16 de maio. A semana marca as atividades alusivas ao 18 de Maio, Dia Nacional de Combate à Exploração E ao Abuso Sexual.

De acordo com os promotores de Justiça Marluce Falcão e Ubirajara Ramos, Myriã Tavares, Alexandra Beurlen, Adriana Gomes, Luís Medeiros e Cláudio Sá, foram convocados à discussão representantes de todos os órgãos que lidam com questões relacionadas à defesa de crianças e de adolescentes, além das entidades da sociedade civil organizada para discutir, juntamente com lideranças comunitárias, religiosas e estudantis, estratégias de combate a essas formas de violência.

“Convocamos ainda os empresários e profissionais que atuam no setor turístico, cujo apoio foi fundamental em campanhas realizadas em anos anteriores”, afirmou a promotora de Justiça Marluce Falcão. Segundo ela, os participantes também devem definir a programação da Semana Estadual de Combate à Exploração Sexual, prevista para o período de 12 a 16 de maio. A semana marca as atividades alusivas ao 18 de Maio, Dia Nacional de Combate à Exploração e Abuso Sexual. (MATÉRIA 5)

“A Campanha tem o apoio também do trade turístico, já que um dos seus objetivos é combater à exploração do turismo sexual”, afirmou Marluce Falcão. Segundo ela, todos os gestores públicos que lidam com as questões sociais, as autoridades em segurança pública e a comunidade estudantil foram convocados a participar da campanha, cujo ponto alto será a caminhada pela orla de Maceió, no próximo domingo, 18 de maio, pela manhã. A concentração será no Alagoinha, a partir das 8 horas.

O 18 de maio marca o Dia Nacional de Combate à Exploração e Abuso Sexual, com manifestações em todo o País. **“Em Maceió, vamos realizar essa caminhada pela orla, distribuindo panfletos e conscientizando às pessoas para denunciar todo e qualquer abuso contra crianças e adolescentes”,** revelou Marluce Falcão. (MATÉRIA 6)

Cerca de 3 mil pessoas devem participar do evento, sendo metade brasileiros e metade congressistas internacionais, além de adolescentes de vários países”, afirma a subsecretária.

De acordo com ela, a experiência brasileira de combate à pedofilia inclui um apoio interministerial, no qual os Ministérios do Turismo, do Desenvolvimento Social agem em conjunto com a SEDH e a Polícia Rodoviária Federal. **“Mas a gente só consegue avançar se**

tivermos o apoio dos estados e municípios para *implementar as políticas públicas*", ressalva Carmem.

Nesse ponto, segundo ela, é importante responsabilizar autoridades envolvidas com a exploração sexual de crianças e adolescentes, como aconteceu recentemente em Roraima. Lá a Polícia Federal prendeu o procurador-geral do estado e um major da Polícia Militar, durante a Operação Arcanjo.

"Hoje nós temos uma cultura que coloca a vítima como um problema. Muitos acusados tentam se defender em seus depoimentos dizendo que a criança ou o adolescente abusado o seduziu. Nós temos que trabalhar com uma rede de proteção à vítima", explica Carmem.

O perfil das crianças que sofrem exploração sexual, segundo ela, varia de acordo com a região. Nos locais mais isolados, como a Amazônia ou os garimpos, a faixa etária é menor, mas o perfil quase sempre está ligado à pobreza. Apesar de as meninas ainda serem maioria e de não haver dados precisos sobre quantas crianças e adolescentes estão nessa situação, a subsecretária garante que muitos meninos são explorados sexualmente.

"Temos uma negação social sobre as crianças do sexo masculino na exploração sexual, mas ela é visível nas ruas, nos hotéis", conclui Carmem. (MATÉRIA 7)

De acordo com a procuradora do Trabalho Rosemeire Lôbo, titular da Coordenadoria Regional de Combate à Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente (Coordinfância), esse será um trabalho de conscientização para alertar a população sobre esse mal que agride crianças e adolescentes: a exploração sexual. **"Vamos tentar conscientizar as pessoas por meio desses panfletos para evitar que Alagoas seja incluído na rota do turismo sexual e exploração infanto-juvenil como acontece em outras capitais nordestinas"**.

A campanha foi Idealizada pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos do Governo Federal, mas em Alagoas recebeu apoio da PRT, da Associação Nacional dos Procuradores do Trabalho (ANPT) e do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool do Estado. (MATÉRIA 8)

"Em cada destino, tentamos adequar essa sensibilização ao enfrentamento da realidade local. Principalmente, levantando dados de cada lugar", explica o consultor da Executiv, João Arthur Lucena, que apresenta o Seminário de Sensibilização para o Turismo Sustentável e Infância, em Maceió.

No exterior, a campanha foi apresentada em oito feiras de turismo. Argentina, Inglaterra, Portugal, Holanda, Espanha, Itália, Alemanha e Suécia receberam a equipe brasileira que distribui material de divulgação mostrando que o Brasil é contrário à prática do turismo com motivação sexual infanto-juvenil. **"Embora internamente o Brasil já discuta o tema há mais de uma década, falar sobre isso no exterior ainda é um tabu"**, observa o consultor da

Executiv, Francisco Rosário, mostrando o pioneirismo do país com o projeto.

A repercussão foi tamanha que rendeu o reconhecimento e convite da Ecpat — rede mundial de enfrentamento à exploração sexual infanto-juvenil, pornografia infantil e tráfico de criança com fins sexuais — para participar da Rede de Especialistas Mundiais em Proteção de Crianças contra a Exploração Sexual no Turismo. Além disso, a Welcome to Brazil é agora a representação nacional na Protect Children, a força-tarefa da Organização Mundial do Turismo (OMT), Ecpat e Unicef contra a exploração sexual no turismo.

“Estamos divulgando para os operadores internacionais que o Brasil reprime essa prática. Que se o turista quer vir para o país com esse objetivo, não venha. E, se vier, ele será punido”, destaca João Arthur Lucena. Segundo ele, a recepção dos operadores também está bastante positiva. Muitos deles, inclusive, já se comprometeram a divulgar a campanha em seus materiais promocionais.

Em Alagoas, segundo o secretário de Estado do Turismo, Virginio Loureiro, a exploração sexual no turismo não atinge taxas que preocupam, pois o próprio ‘trade’ turístico tem uma prática de prevenir para que esse tipo de crime não ocorra. **“Mesmo com o fato de Alagoas não participar da rota do turismo sexual, o seminário é importante para a prevenção e sensibilização dos diversos atores que participam da atividade turística”**, destaca.

A meta do projeto é sensibilizar também para a denúncia dos casos de exploração sexual infanto-juvenil. O Disque Denúncia 100 é uma das ferramentas de combate divulgadas na campanha. Até novembro do ano passado, quase seis mil denúncias dessa natureza foram registradas em todo o país. Informações sobre o projeto podem ser vistas no site www.turismoeinfancia.com.br e denúncias sobre exploração sexual de crianças e adolescentes podem ser feitas por meio do Disque 100. (MATÉRIA 9)

Figura 7: Enunciados proferidos por figuras de autoridade mencionadas pelos locutores das matérias.

Dentre as figuras de autoridade referidas pelos locutores nas matérias do jornal analisado, destacam-se: uma promotora de justiça, uma secretária especial de direitos humanos, uma procuradora do trabalho, um consultor da *Executiv*, um secretário de turismo. No conjunto das 15 citações, por aproximação, cerca de 40% referem-se: à figura “promotora de justiça”, e 27% à “secretária especial de direitos humanos”, reiterando-se assim a ligação feita, nas matérias, à ilicitude do turismo sexual. Nessas referências está posta em relevo a busca de defesa dos direitos humanos comprometidos pelas situações ilícitas acusadas pela promotoria, conforme denotam as expressões: “exploração sexual infanto-juvenil”, “exploração sexual de crianças e adolescentes”, “abuso e exploração infanto-juvenil” ou ainda “abuso e exploração de crianças e adolescentes”. Ressalte-se que essas

expressões se verificam em 23 aparições em 9 matérias, o que totalizaria, por aproximação, 3 aparições por matéria.

Em síntese, retomando o conceito de representações sociais segundo Moreira e Oliveira (1998, p. XI-XII), ou seja, o de que estas correspondem a

[...] ideias, imagens, concepções e visões de mundo que os atores sociais possuem sobre a realidade, as quais estão vinculadas às práticas sociais. Ou seja, cada grupo social elabora representações de acordo com a sua posição no conjunto da sociedade, representações essas que emergem de seus interesses específicos e da própria dinâmica da vida cotidiana;

tendo em conta o entendimento de que o jornal faz parte dos atores sociais elaboradores e indutores de representações (no caso, sobre turismo sexual), como também os fatos veiculados, explícita e implicitamente, pelas matérias; poder-se-ia sintetizar a voz do jornal Gazeta de Alagoas prioritariamente em três grandes focos: a ocorrência do turismo sexual em Alagoas e no Brasil; a aproximação do turismo sexual com o abuso e à exploração sexuais e, por conseguinte, a ilicitude do fenômeno.

6.1.2 Correio do Povo

A exemplo da análise realizada de matérias do Jornal Gazeta de Alagoas, segue análise de matérias do jornal Correio do Povo, iniciando com elementos definitórios de turismo sexual explicitamente enunciados.

Elementos definitórios
Turismo sexual é [um fenômeno] ilícito. (Matéria 2)
Turismo sexual é uma contravenção (Matéria 11)

Figura 8: Enunciados explícitos com elementos definitórios de turismo sexual.

Conforme os enunciados destacados, está nitidamente presente a ideia de transgressão no campo conceitual da ilicitude (atribuída ao turismo sexual), esta aparecendo novamente como elemento central na definição do fenômeno. Para essa mesma direção apontam as inferências construídas. Leia-se a Figura 9 que segue.

Inferências construídas

Turismo sexual é **ilícito** ([...] Em março, a assessoria do grupo teve que se defender da acusação de incentivar o turismo sexual com crianças, na Espanha. A publicidade da linha Armani Junior mostrava duas crianças de origem asiática, abraçadas e sorridentes, sendo que uma vestia jeans e outra, a parte superior de um biquíni e bermudas. A Justiça de Madri considerou o anúncio 'no limite da legalidade e pediu que a campanha fosse cancelada porque parecia incitar o turismo sexual', não considerando normal que duas crianças aparecessem com os lábios pintados. – Matéria 2)

Turismo sexual **aproxima-se à violência sexual contra menores** ([...] O longa-metragem brasileiro a ser exibido hoje à noite no Palácio dos Festivais, na mostra de competição, é uma obra de ficção sobre a realidade de um sertão contemporâneo. 'Deserto feliz', dirigido pelo paraibano Paulo Caldas, trata do Recife e da relação com o exterior. Pelo olhar da vida de Jéssica, de 16 anos, o espectador pode conhecer a violência sexual numa Juazeiro/Petrolina marcada pela mistura do moderno com o arcaico, bem como as armadilhas do chamado 'turismo sexual' em Recife e, ainda, o amor e as diferenças culturais na distante Berlim. – Matéria 3)

Turismo sexual **afeta crianças** (TURISMO SEXUAL - Será realizado no próximo dia 30, na Capital, seminário sobre proteção de crianças contra o turismo sexual. O evento ocorrerá no Centro de Eventos do Hotel Plaza São Rafael, às 18h30min, e terá como palestrante a professora Elisângela Machado, do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília. – Matéria 4)

Turismo sexual tem a **mesma natureza criminal do tráfico de crianças para o exterior, do abuso sexual de menores e divulgação de imagens na Internet** [de crianças] – (Casal americano é preso por pedofilia em Taquara. Uma rede internacional de pedofilia, que incluiria tráfico de crianças para o exterior, abuso sexual de menores, turismo sexual e divulgação de imagens na Internet, foi desmantelada na manhã de ontem pelo Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic), por meio da Delegacia de Homicídios (DH). [...] Matéria 6); ([...] À frente do caso, o delegado pretende ouvir novamente os norte-americanos Frederic Calvin Louderback, conhecido como Fritz, 63 anos, e sua companheira Bárbara Louize Anne, 74 anos. Também deverá colher o depoimento do casal de gaúchos envolvidos na rede, que atuaria também no tráfico internacional de crianças, abuso sexual de menores, turismo sexual e divulgação de imagens na Internet. [...] Matéria 7)

Turismo sexual está associado ao **tráfico de drogas** ([...] De acordo com o delegado Juliano

Ferreira, as investigações começaram em fevereiro deste ano, a partir de um homicídio na Avenida Farrapos envolvendo narcotráfico. Os agentes da DH apuraram que a droga era enviada ao norte-americano detido ontem e descobriram então o esquema de pedofilia, que chocou a todos e revoltou os adeptos do naturismo no Clube Colina do Sul. O delegado não descarta que muitos turistas trazidos por Fritz seriam pedófilos. As investigações prosseguem para descobrir o paradeiro de pelo menos três menores de idade que, em 2006, foram enviados aos Estados Unidos. A Interpol e o FBI devem ser acionados. [...] – Matéria 6)

Turismo sexual **envolve mulheres.** – Matéria 11

Turismo sexual é crime pela aproximação com **o tráfico internacional de pessoas** (O Unibanco Arteplex fará exibição hoje, às 21h, para convidados, do documentário 'Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado', de Joel Zito Araújo. O filme, com lançamento previsto para o próximo dia 29 na Capital, trata das questões ligadas ao turismo sexual no Brasil, e à dura realidade do tráfico internacional. A sessão de hoje contará com a presença do diretor. – Matéria 10)

Figura 9: Elementos definitórios de turismo sexual Identificados mediante inferências realizadas a partir de fatos relatados nas notícias.

Nesse conjunto de inferências, observa-se a inserção de outros elementos no campo conceitual do turismo sexual: tráfico de pessoas, tráfico de drogas, divulgação de imagens na internet, reforçando ainda mais o universo da ilicitude.

Em relação a aspectos complementares caracterizadores de turismo sexual, as matérias do jornal Correio do Povo remetem à Figura 10, igualmente elaborada sob a forma de quadro.

Aspectos complementares
O erotismo brasileiro é divulgado na França. (Matéria 5)
O erotismo brasileiro dá prestígio ao Brasil na França. (Matéria 5)
Turismo sexual é uma realidade de Recife. (Matéria 3)
Liberação sexual e obsessão pelo prazer: esta é inerente àquela. (Matéria 5)
Redes de pedofilia podem incluir turismo sexual ao lado de tráfico de crianças, abuso sexual de menores e divulgação de imagens na internet. (Matéria 6)

O crime de pedofilia internacional (e do Turismo sexual) **requer envolvimento de organizações de combate ao crime**, de âmbito nacional e internacional. (Matéria 7)

Turismo sexual pode ser de **abrangência internacional**. (Matéria 7)

Os promotores de turismo sexual constituem **quadrilhas internacionais**. (Matéria 7)

Os crimes relacionados ao abuso ou exploração sexual de crianças **são impunes**. (Matéria 8)

Turismo sexual está associado a caso de **rede internacional de pedofilia**. (Matéria 7)

Turismo sexual envolve **exploração sexual e tráfico internacional de mulheres**. (Matéria 11)

Pobreza e o imaginário do príncipe encantado vinculam-se ao turismo sexual **com mulheres**. (Matéria 11)

Figura 10: Aspectos complementares caracterizadores de turismo sexual.

A presença da mulher no turismo sexual vem marcada por dois fatores contingenciais: pobreza e sonho com o príncipe encantado, pondo em confronto duas realidades: a vivida e a sonhada. Por outro lado, chamam a atenção particularmente os elementos ligados ao prazer sexual, ao erotismo, contemplados, ainda que indiretamente, no universo do turismo sexual.

Voltando agora a análise para as manifestações em discurso direto, tem-se a figura 11.

Discurso direto
Engana-se quem pensa que o crime só é praticado em grandes cidades. As ocorrências incluem o meio rural. Apenas até novembro deste ano, foram recebidos 1,2 mil telefonemas do RS no Disque-Denúncia Nacional de exploração sexual (fone 100). Em 2006, o total de denúncias no Estado foi 743. 'Por um lado, o crescimento é positivo, pois revela maior sensibilização da sociedade quanto à gravidade do problema', avalia Velasquez. Porém, a exploração sexual de crianças e adolescentes fica mais difícil de ser punida quando o cenário é a Internet. 'Nunca tivemos tanto adolescentes envolvidos em crimes dessa natureza como agora', diz a psicóloga e policial civil Suzana Braun, diretora do Centro de

Saúde Mental da Secretaria de Segurança Pública do RS. Ela destaca que a visibilidade dos casos de pedofilia na Internet neste ano dão uma noção da gravidade do problema. **'Todos precisam reagir, o governo, os pais e a escola'**, defende Suzana. (MATÉRIA 8)

Figura 11: Incidências de discursos diretos presentes nas matérias do jornal Correio do Povo.

Os enunciados, como se pode constatar, de um lado, ampliam a abrangência do turismo sexual no país, o qual se encontra hoje presente também no meio rural; de outro, trazem à cena o envolvimento crescente de adolescentes, fato particularmente ligado à ação criminal via internet.

Em síntese, no conjunto das matérias publicadas no jornal Correio do Povo, ainda que outros elementos sejam pontuados no cenário do turismo sexual, é a exploração sexual infanto-juveni, o abuso sexual de crianças e adolescentes que mais se destaca como elemento caracterizador do fenômeno, sendo marcado por 09 aparições num conjunto de 12 matérias o que se constitui num número significativo de ocorrências.

6.1.3 Uma primeira síntese interpretativa das matérias jornalísticas

Considerando as análises discursivas de cunho global efetuadas das matérias de ambos os jornais, em que se buscaram enunciados explícitos ou implícitos definitórios de turismo sexual, um texto parece emergir do conjunto das notícias relatadas, expressando assim, grosso modo, a voz dos referidos veículos. TURISMO SEXUAL É UM CRIME, UM FENÔMENO ILÍCITO QUE SE CARACTERIZA PRINCIPALMENTE PELA EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES. MUITAS VEZES FAVORECIDO PELA IMAGEM DIVULGADA NO EXTERIOR DO EROTISMO BRASILEIRO E PROMOVIDO POR QUADRILHAS DE ÂMBITO INTERNACIONAL, ALARGA SUA ATUAÇÃO PARTICULARMENTE SERVINDO-SE DE CENÁRIOS DE POBREZA. ESTÁ ASSOCIADO, EM CERTOS MOMENTOS, AO TRÁFICO DE DROGAS, DE CRIANÇAS E DE MULHERES ASSUMINDO-LHES A NATUREZA CRIMINAL. ESPECIFICAMENTE EM RELAÇÃO ÀS MULHERES, A VULNERABILIDADE DESTAS TORNA-SE MAIOR, NA MEDIDA DE SEU IMAGINÁRIO SOBRE POSSIBILIDADES DE MUDANÇA DE VIDA E DE ENCONTRO DO PRÍNCIPE ENCANTADO. NO BRASIL, O TURISMO SEXUAL ATINGE TAMBÉM O MEIO RURAL E VEM GANHANDO FORÇA COM A UTILIZAÇÃO DA INTERNET COMO FORMA DE ABRIGÁ-LO. EMBORA SE QUEIRA PASSAR NO EXTERIOR A IMAGEM DE REPRESSÃO DO TURISMO SEXUAL NO BRASIL, O CRIME AINDA É IMPUNE NO PAÍS. NO ENTANTO,

TEM SENDO COMBATIDO POR AÇÃO DE ORGANISMOS PÚBLICOS, PRIVADOS, DA SOCIEDADE CIVIL, PELO PRÓPRIO TRADE TURÍSTICO – NA SUA GRANDE MAIORIA NÃO CONIVENTE COM ESSA AÇÃO ILÍCITA. O COMBATE REQUER, CONTUDO, MONITORAMENTO E DEBATE CONSTANTES, SENSIBILIZAÇÃO, CONSCIENTIZAÇÃO PERMANENTES DA POPULAÇÃO, DENÚNCIAS DE OCORRÊNCIA DO PROBLEMA E, SOBRETUDO, POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS À SOLUÇÃO DESTE.

Desse texto poderiam assim ser demarcados alguns elementos que se mostram topicalizados: ocorrência do fenômeno, aproximação à exploração sexual de crianças e adolescentes, seu caráter criminal e, em decorrência, seu combate.

6.2 ANÁLISE POLIFÔNICA

Sempre tendo presente o objetivo deste trabalho de contribuir para a discussão sobre o conceito de turismo sexual na perspectiva da inserção do tema na graduação em Turismo, faz-se pertinente recorrer, complementarmente à análise ora finalizada, a novos subsídios de ordem discursiva que possibilitem uma nova leitura das matérias jornalísticas.

Nesse sentido, tendo em conta o postulado backthianiano segundo o qual, quando se constitui o enunciado,

[...] há um entrecruzamento de vozes discursivas em concorrência, em que se encontram e se distanciam diferentes pontos de vista, visões de mundo; [que] [...] o enunciado surgido num determinado momento social e histórico não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos existentes, de ser participante ativo do diálogo social (FLORES, et al., 2009, p.101),

as mesmas matérias passam, a seguir, a ser analisadas tendo por referente as teorias da Polifonia e da Heterogeneidade (sintetizadas no item Metodologia). Serão pontualmente identificadas marcas linguístico-textuais no jogo enunciativo entre locutores e enunciadores, entre enunciados explícitos e implícitos, entre enunciados postos e pressupostos e entre vozes discursivas, sempre com vistas a identificar sinalizadores de concepções sobre turismo sexual subjacentes às manifestações discursivas.

O universo conceitual do turismo sexual, considerando o conjunto de assuntos abordados e as manifestações verbais explícitas e implícitas presentes nas notícias publicadas, será focado, intra e interfragmentos, sob os balizadores, já

mencionados: ocorrência de turismo sexual no país, aproximação do turismo sexual ao abuso e à exploração sexuais e, conseqüentemente, ilicitude do fenômeno.

6.2.1 Gazeta de Alagoas

6.2.1.1 Ocorrência de turismo sexual no Brasil

Observe-se o seguinte fragmento:

A Justiça italiana está processando quatro agências de viagem por formação de quadrilha e a ***promoção de turismo sexual no Brasil***²⁴. A acusação é de que as empresas atendiam clientes entre 20 e 60 anos de idade e organizavam encontros sexuais com meninas menores de idade. (MATÉRIA 1)

O relato, pelo enunciado implícito na voz do locutor e pela articulação dos termos “promoção” e “turismo sexual”, confirma o entendimento da existência de turismo sexual no Brasil. Esse entendimento é também identificado em marcações discursivas do fragmento que segue.

Integrantes do Fórum Alagoas de Enfrentamento à Exploração Sexual Infanto-Juvenil participaram, nesta segunda-feira, de reunião preparatória do ***Dia Nacional de Combate ao Turismo Sexual***, que será realizado em 18 de maio, ***em todo país***. Realizada no auditório da Procuradoria Geral de Justiça, a reunião foi conduzida pela promotora Marluce Falcão, coordenadora do Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos do Ministério Público Estadual, e pelo promotor Ubirajara Ramos, coordenador do Núcleo de Defesa da Infância e da Juventude (MATERIA 3)

Em havendo uma data nacional de combate ao turismo sexual, é pressuposto que o fenômeno exista (entendimento esse assumido pelo locutor). No enunciado presente na voz do locutor, nenhum elemento marca oposição a esse pressuposto, ao contrário, ele é reforçado pela inserção textual da expressão “em todo país”.

Na mesma direção pode ser apontado o segmento “PARA PLANEJAR AÇÕES DE COMBATE À EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E AO TURISMO SEXUAL” consituíntes da matéria 2.

²⁴ Os grifos constantes dos fragmentos apresentados, marcados em negrito e itálico, correspondem a destaques realizados pela autora.

O Núcleo de Direitos Humanos do **Ministério Público de Alagoas** e o Serviço de Enfrentamento à Violência, Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (Sentinela) promovem reunião ampliada, às 9 horas desta segunda-feira, no auditório da Procuradoria Geral de Justiça, em Maceió, para **planejar ações de combate à exploração sexual de crianças e adolescentes e ao turismo sexual** (MATERIA 2).

Na medida em que “TURISMO SEXUAL” é enunciado como objeto de “combate”, é pressuposto o enunciado “Existe turismo sexual”. Quanto ao fato de encontrar-se ou não turismo sexual em Alagoas, num primeiro momento, o trecho destacado não permite concluir de modo absoluto pela existência desse fenômeno no local, pois o fato de a reunião acontecer em Maceió (fato anunciado no título e confirmado pelas expressões indicativas do local) não implica obrigatoriamente que o objeto de combate seja encontrado no Estado. Entretanto, articulando a referida marcação discursiva com o segmento “O MINISTÉRIO PÚBLICO DISCUTE TAMBÉM AÇÕES PRÁTICAS PARA COMBATER O TURISMO SEXUAL PRINCIPALMENTE NA CAPITAL ALAGOANA”, extraído da matéria 5, a inferência torna-se autorizada.

Outros segmentos com marcações discursivas da existência de turismo sexual no Brasil ou em Alagoas poderiam ser aqui apresentados, entretanto eles revelam a mesma lógica de articulação discursiva e conceitual que aquela já descrita²⁵.

Caberia aqui chamar atenção para o fato da recorrência, nas matérias, do recurso da introdução, pelo locutor 1, em discurso direto, de outras vozes explicitamente marcadas (locutor 2, 3...), as quais, ao serem assimiladas à voz do locutor 1, conferem credibilidade a seu discurso. Essa credibilidade é potencializada ainda pelo recurso à figura da autoridade, quando a estes locutores são assimilados os sujeitos empíricos.

6.2.1.2 Aproximação do turismo sexual ao abuso e à exploração sexuais

A leitura das matérias traz à tona enunciados que referem exploração sexual infanto-juvenil e turismo sexual, ora tidos como fenômenos distintos, ora como

²⁵ Exemplos desses segmentos: “A Campanha tem o apoio também do trade turístico, já que um dos seus objetivos é combater a exploração do turismo sexual” (Matéria 6); “De acordo com a Secretária [...] serão abordados a cooperação internacional e os novos cenários desse crime, como a pedofilia na internet e o turismo sexual em tempos de globalização” (Matéria 7).

fenômenos que se fundem. Esses dois posicionamentos discursivos – e concepções correspondentes, serão a seguir abordados.

Observe-se o fragmento abaixo:

Reunião aconteceu nesta manhã, na sede da Procuradoria Geral da Justiça. Representantes do Ministério Público, Governo do Estado, Prefeitura de Maceió, Polícia Civil, Câmara Municipal, empresários, reuniram-se, na manhã de quinta-feira, na Procuradoria Geral de Justiça de Alagoas. O assunto discutido: o combate à exploração de crianças e adolescentes e ao turismo sexual (MATÉRIA 5).

Nesse extrato, a conjunção “e”, como marca do discurso do locutor, permite a inferência de que turismo sexual e exploração sexual estejam sendo considerados fenômenos distintos, visto que “e”, termo de caráter aditivo, reforça a diferenciação entre eles. A mesma lógica aplica-se ao extrato que segue.

O Núcleo de Direitos Humanos do Ministério Público de Alagoas e o Serviço de Enfrentamento à Violência, Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (Sentinela) promovem reunião ampliada, às 9 horas desta segunda-feira, no auditório da Procuradoria Geral de Justiça, em Maceió, para planejar ações de combate à exploração sexual de crianças e adolescentes e ao turismo sexual. (MATÉRIA 2)

Tal distinção vem ainda corroborada pela articulação dos segmentos em relevo no extrato da matéria 5.

De acordo com a promotora Marluce Falcão, ***um número cada vez maior de crianças e adolescentes são vítimas de abuso e exploração sexual em Alagoas.*** “A ideia é conscientizar a população da importância da denúncia”.

O Ministério Público ***discute também ações práticas para combater o turismo sexual*** principalmente na Capital alagoana. A promotora disse ainda que o MP e os órgãos parceiros já colhem os resultados de campanhas anteriores (MATÉRIA 5).

A contraposição do segmento “um número cada vez maior de crianças e adolescentes são vítimas de abuso e exploração sexual em Alagoas” ao segmento “discute também ações práticas para combater o turismo sexual”, leva ao entendimento de que se trata de dois fenômenos. Isso é reforçado pelo advérbio “também” (igualmente). Ressalte-se que ambos os segmentos expressam a voz (em

discurso indireto direto) do locutor 2: no primeiro caso, apresentando a constatação de um fato (abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes em Alagoas); no segundo, informando sobre o combate de outro fato (turismo sexual). Associe-se a essas marcações discursivas, aquela acima indicada referente à mesma matéria.

Sob esse mesmo ângulo de análise pode ser aqui mencionado o segmento em discurso direto: “A campanha tem apoio também do trade turístico, já que um de seus objetivos é combater à (sic) exploração do turismo sexual”. A expressão “um dos” individualiza esse objetivo em relação a outros.

Parecem ser suficientes esses fragmentos para explicitar tal forma de entendimento a respeito dos fenômenos. Contudo, uma percepção diferente pode ser inferida de manifestações verbais implícitas e explícitas constantes em outros segmentos, quando a exploração sexual infanto-juvenil tornar-se elemento definidor de turismo sexual. É o que pode ser verificado a partir da sequência da análise.

Leia-se o extrato seguinte:

“Uma série de atividades vão ser desenvolvidas a partir da segunda semana do próximo mês, culminando com a grande manifestação que vamos realizar em Maceió no dia 18 de maio”, adiantou a promotora de Justiça. Segundo Marluce Falcão, uma panfletagem em vários pontos da cidade e nas rodovias que dão acesso a Maceió é uma das atividades programadas. Além disso, também está sendo programada uma sessão pública na Assembléia Legislativa do Estado para **discutir o Código de Conduta do Turismo contra Exploração Sexual Infanto-Juvenil**.

Durante a reunião, foi formado o Comitê de Monitoramento do Fórum, integrado pelo Programa Sentinela, pelas Secretarias de Ação Social e Turismo do estado e do município, entidades da sociedade civil organizada, além da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), do MPE, MP do Trabalho e MP Federal.

“O Comitê será o guardião do Código de Conduta, que tem como objetivo criar uma rede de proteção contra o turismo sexual. Caberá ao Comitê avaliar se uma empresa merece ou não receber o selo de amiga da **luta contra o turismo sexual**, do mesmo jeito que caberá ao Comitê retirar o selo de qualquer empresa que tenha contrariado as regras estabelecidas pelas entidades que fazem parte do Fórum”, explicou a promotora de Justiça (MATERIA 3).

O turismo sexual é aqui associado à exploração sexual infanto-juvenil. Três fragmentos da matéria podem ser articulados para compreender esse sentido atribuído ao fenômeno. São eles: “[...] discutir o Código de Conduta do Turismo contra a Exploração Sexual Infanto-Juvenil”; “O comitê será o guardião do Código de Conduta, que tem como objetivo criar uma rede de proteção contra o turismo sexual”

e “[...] luta contra o turismo sexual”. O primeiro segmento tem como enunciados pressupostos “Existe exploração sexual infanto-juvenil”; “Existe exploração sexual infanto-juvenil no Turismo” (o Código de Conduta é do Turismo) e “A exploração sexual no turismo é combatida”. A partir dele, numa primeira leitura, ainda é possível inferir o enunciado de que o turismo tem natureza diferenciada da exploração sexual de crianças e adolescentes. Entretanto, quando associado ao segundo e terceiro segmentos, as referências à exploração sexual infanto-juvenil são abarcadas pelo termo “turismo sexual”, de modo que, no universo conceitual depreendido, os dois exploração sexual infanto-juvenil passa a ser característica definidora do turismo sexual.

É importante aqui voltar a análise para o jogo das vozes discursivas. Pelo recurso à alteridade marcada, o locutor traz à matéria discursiva a voz do locutor 2 (associada ao sujeito empírico duplamente marcado: “Promotora de Justiça, Marluce Falcão), que, em enunciado precedente na notícia, é apresentada, na qualidade de figura de autoridade, como condutora da reunião preparatória do Dia Nacional de COMBATE AO TURISMO SEXUAL. Em não havendo qualquer marca linguística que ponha em questão o enunciado explícito, por parte de nenhum dos locutores, ambos assumem o enunciado implícito “O objeto do combate pelo Código de Conduta do Turismo é o turismo sexual”. O próprio título da matéria, “Fórum prepara estratégia para combater turismo sexual” vem ratificar esse posicionamento discursivo.

Em parágrafo anterior, no entanto, na sequência ao discurso direto do locutor 2, o objeto de combate do Código de Conduta é apresentado como a exploração sexual infanto-juvenil. Em seu conjunto, esse jogo polifônico, não apenas contribui para reforçar o entendimento de que os fenômenos “turismo sexual” e “exploração sexual infanto-juvenil” se fundem, como também de que esse entendimento é representativo da coletividade com o aval de autoridades institucionais.

Outros fragmentos podem ainda ser citados no sentido de evidenciar essa assimilação de um fenômeno ao outro. Dentre eles, o que segue:

ALAGOAS UNE FORÇA CONTRA TURISMO SEXUAL

Dia 18 de maio de 1973, trinta e quatro anos atrás. Araceli Cabrera Crespo tinha oito anos. Morava em Vitória, no Espírito Santo. Sorriso farto, cabelos longos, de franja. Naquela manhã, não voltou do colégio. Nunca mais foi vista. Seu corpo só foi encontrado seis dias depois, desfigurado com ácido.

Dizem ter sido reconhecido pelo seu cachorro, enquanto aguardava necropsia na gaveta do Instituto Médico Legal (IML) de sua cidade.

A menina Araceli **foi seqüestrada, drogada, torturada e assassinada** na tarde do dia em que desapareceu, **por um grupo de jovens da alta sociedade capixaba** (MATÉRIA 4).

Na matéria, há o relato sobre violência sofrida por uma criança e a data de sua morte, 18 de maio. Essa violência é explicitada “seqüestrada”, “drogada”, “torturada” e “assassinada”, assim como a sua autoria “grupo de jovens da alta sociedade capixaba”. Todavia, o título da matéria “Alagoas une forças contra turismo sexual”, a princípio trata-se incoerente com a sequência textual. A recuperação da coerência é somente possível pela recuperação de enunciados implícitos contextualizados por conhecimentos extra-texto compartilhados pelo leitor e não verbalizados textualmente. Se assim não o fosse, a compreensão da notícia e de sua contextualização pelo título ficaria comprometida.

O locutor 1 estaria então assumindo sequências de enunciados representativos de posicionamentos coletivos como: “Dia 18 de maio é o dia que se homenageia a menina Aracelli, morta pela violência sexual acometida contra ela”; “a violência sexual infanto-juvenil é característica do turismo sexual”; “o dia 18 de maio é (por essa associação à violência sexual) o Dia Nacional de Combate e ao Turismo Sexual”; nesse dia são organizados eventos para refletir sobre a violência sexual e realizar campanhas de combate ao turismo sexual”.

Em outras palavras, na voz do locutor (e da coletividade) estaria implícito que a violência contra crianças e adolescentes é característica do turismo sexual. Dessa forma, o dia que marca o combate ao turismo sexual pode estar vinculado à data da morte da menina violentada em Vitória.

Esse fragmento pode ainda ser associado a outros publicados pelo jornal antes e depois dessa data: matérias 2 e 3 (2007); 5 e 6 (2008). E, nesse sentido, vale atentar para um aspecto aparentemente divergente entre esses fragmentos. Vejam-se os próximos segmentos:

Integrantes do Fórum Alagoas de Enfrentamento à Exploração Sexual Infanto-Juvenil participaram, nesta segunda-feira, de reunião preparatória do **Dia Nacional de Combate ao Turismo Sexual**, que será realizado em **18 de maio, em todo país** (MATÉRIA 3)

Durante a reunião deve ser definida a programação da Semana Estadual de Combate à Exploração Sexual, prevista para o período de 12 a 16 de maio. A semana marca as atividades alusivas ao **18 de Maio, Dia Nacional de Combate à Exploração e ao Abuso Sexual**. (MATÉRIA 5)

O 18 de maio marca o Dia Nacional de Combate à Exploração e Abuso Sexual, com manifestações em todo o País (MATÉRIA 6).

Como se constata, no mesmo jornal, o evento de 18 de maio aparece denominado de formas diferentes, variando o objeto do combate: turismo sexual, na primeira ocorrência; exploração e abuso sexuais, nas outras duas. Porém, em vez de aí estar implícita uma oposição, as substituições de cada um dos complementos nominais pelo outro vem reiterar o processo de fusão dos fenômenos.

Outras marcas discursivas podem ainda ser trazidas a análise, como as constantes dos próximos segmentos:

Serão distribuídos abanos de carnaval com a mensagem “Exploração sexual de crianças e adolescentes é crime”. Denuncie.

De acordo com a procuradora do Trabalho Rosemeire Lôbo, titular da Coordenadoria Regional de Combate à Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente (Coordinfância), esse será um trabalho de conscientização para alertar a população sobre **esse mal que agride crianças e adolescentes: a exploração sexual**. “Vamos tentar conscientizar as pessoas por meio desses panfletos para **evitar que Alagoas seja incluído na rota do turismo sexual e exploração infanto-juvenil** como acontece em outras capitais nordestinas” (MATÉRIA 8) [grifo meu].

Na matéria, evidencia-se uma sequência coesiva em dois níveis: o primeiro, de superfície, é expresso na relação entre o primeiro segmento marcado, “**Serão distribuídos abanos de carnaval com a mensagem ‘Exploração sexual de crianças e adolescentes é crime’**”, o segundo “[...] **esse mal que agride crianças e adolescentes: a exploração sexual**” – relação essa estabelecida pelo pronome “esse – e o terceiro, “[...] **evitar que Alagoas seja incluído na rota do turismo sexual e exploração infanto-juvenil**”. Nos três segmentos o locutor faz referência à exploração sexual infanto-juvenil.

O segundo nível coesivo configura-se por relações implícitas que podem ser construídas a partir do termo “rota” e de outros termos presentes no decurso da matéria. Numa primeira leitura, pelo fato de os dois adjuntos estarem ligados pela

conjunção “e”, turismo sexual e exploração sexual infanto-juvenil estariam sendo considerados como distintos um do outro. Porém, o caráter aditivo da conjunção parece diluir-se quando considerado o título da matéria, “PRT faz campanha contra exploração sexual”, contraposto a aproximações entre ambos os fenômenos identificadas, na voz do locutor, em segmentos como “[...] fará um alerta à sociedade, principalmente às empresas do setor turístico, sobre a exploração sexual infanto-juvenil”; “[...] o material será deixado em hotéis e pousadas de Maceió e, na sexta-feira (20/02), distribuído aos motoristas que estejam saindo da cidade”. Nesse contexto enunciativo, a conjunção “e” parece mais configurar uma relação de consequência: “turismo sexual, logo, exploração infanto-juvenil”.

Outra lógica coesiva implícita construída nessa mesma direção pode ser inferida na análise da matéria 9, **AÇÃO CONTRA ABUSO INFANTIL É REALIZADA NO CENTRO** – Campanha destaca a importância de delatar violência. Nela, coexistem dois tipos de segmento: aquele que traduz a percepção da existência da dinâmica da exploração sexual infanto-juvenil **no** turismo e o outro, que pontua a exploração sexual infanto-juvenil como **uma das motivações** para o turismo. Vejam-se inicialmente fragmentos elucidativos:

Depois de percorrer seis capitais nordestinas, a Campanha Welcome to Brazil desembarca na cidade de Maceió, em Alagoas. Novamente, a campanha — desenvolvida pela Fundação Comissão de Turismo Integrado do Nordeste (CTI-NE), em parceria com Ministério do Turismo e Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, e promovida pela Executiv Projetos e Consultoria — coloca em pauta a **exploração sexual de crianças e adolescentes no turismo**. O Seminário de Sensibilização para o Turismo Sustentável e Infância será apresentado na próxima quarta-feira (20), às 8h, no Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, com o apoio da Secretaria de Estado do Turismo.

No exterior, a campanha foi apresentada em oito feiras de turismo. Argentina, Inglaterra, Portugal, Holanda, Espanha, Itália, Alemanha e Suécia receberam a equipe brasileira que distribui material de divulgação mostrando que **o Brasil é contrário à prática do turismo com motivação sexual infanto-juvenil**. “Embora internamente o Brasil já discuta o tema há mais de uma década, falar sobre isso no exterior ainda é um tabu”, observa o consultor da Executiv, Francisco Rosário, mostrando o pioneirismo do país com o projeto.

“Estamos divulgando para os operadores internacionais que o Brasil reprime essa prática. Que **se o turista quer vir para o país com esse objetivo**, não venha”. E se vier, será punido.

Na sequência, porém, observe-se o fragmento:

Em Alagoas, segundo o secretário de Estado do Turismo, Virginio Loureiro, a **exploração sexual no turismo** não atinge taxas que preocupam, **pois o próprio ‘trade’ turístico tem uma prática de prevenir** para que esse tipo de crime não ocorra. **“Mesmo com o fato de Alagoas não participar da rota do turismo sexual**, o seminário é importante para a **prevenção e sensibilização** dos diversos atores que participam da atividade turística”, destaca (MATÉRIA 9).

Pelo fragmento, exploração sexual [infanto-juvenil] no turismo – contra a qual o *trade* turístico faz trabalho de prevenção e sensibilização – aparece como elemento definidor de turismo sexual, mediante a configuração de uma lógica implícita entre enunciados, assumida pelo locutor 1 (no discurso indireto) e pelo locutor 2 (pela heterogeneidade marcada) e expressa na forma de pressupostos: “Em Alagoas há exploração sexual no turismo”; “estar na rota de turismo sexual pressupõe haver exploração sexual no turismo”; “as taxas de exploração sexual em Alagoas são inferiores àquelas que caracterizam uma rota de turismo sexual”; “Alagoas não participa da rota de turismo sexual”.

Essa aproximação do turismo sexual à exploração sexual infanto-juvenil, denotando uma fusão entre os fenômenos, instaura a dimensão da ilicitude, cujas marcações enunciativas serão pontuadas na continuidade.

6.2.1.3 Ilcitude do turismo sexual

A ilicitude do turismo sexual pode ser examinada seja por sua associação com a exploração sexual infanto-juvenil, seja, pela menção, nos textos, a instituições socialmente definidas por sua oposição à criminalidade, pela referência à agressão aos direitos humanos, entre outros aspectos. Também aqui torna-se pertinente retomar o último segmento transcrito

Vê-se que o locutor 1 define explicitamente como crime a exploração sexual no turismo. Porém, ao enunciar que Alagoas – onde ocorre exploração sexual, mesmo sendo em níveis não preocupantes –, não participa da rota do turismo sexual, este passa a ser associado à exploração sexual. Opera-se então um deslizamento do sentido de criminalidade para o denominado “turismo sexual”.

Outras matérias reforçam a inserção do turismo sexual no universo da criminalidade, o que é percebido pela articulação de seus segmentos, mediante

mecanismos discursivos ora explícitos, ora implícitos. Isso pode ser observado no fragmento a seguir transcrito:

A Justiça italiana está processando quatro agências de viagem por formação de quadrilha e a promoção de turismo sexual no Brasil. A acusação é de que as empresas atendiam clientes entre 20 e 60 anos de idade e organizavam encontros sexuais com meninas menores de idade (MATÉRIA 1).

Lexicalmente, a ilicitude, denotada pelos termos “processando”, “acusação”, “justiça”, “quadrilha” associados a “promoção de turismo sexual” e “organizavam encontros sexuais com meninas menores de idade”, é potencializada na oposição entre as expressões “menores de idade” e “clientes entre 20 e 60 anos de idade”. Aspectos complementares ao quadro da criminalidade no universo conceitual do turismo sexual podem também ser inferidos: a dimensão transcontinental da exploração sexual contra crianças e adolescentes, assim como a preocupação mundial com o combate à exploração sexual infanto-juvenil e, por conseguinte, com o turismo sexual.

Da mesma matéria, cabe destacar para análise novos segmentos:

A investigação levou à prisão dos quatro em 14 de dezembro de 2004, batizada ‘Meninas Fortaleza’, foi deflagrada logo após uma pesquisa sobre turismo sexual publicada no Brasil em 2002 para combater o fenômeno (Matéria 01).

Nessa citação, sete elementos articulam-se entre si: “investigação”, “prisão”, “meninas”, “pesquisa”, “turismo sexual”, “combater” e “fenômeno”. Essa marcação discursiva sinaliza a compreensão do turismo sexual como um fenômeno que necessita ser combatido – e o que deve ser combatido é socialmente ilícito.

O Núcleo de Direitos Humanos do Ministério Público de Alagoas e o Serviço de Enfrentamento à Violência, Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (Sentinela) promovem reunião ampliada, às 9 horas desta segunda-feira, no auditório da Procuradoria Geral de Justiça, em Maceió, para planejar ações de combate à exploração sexual de crianças e adolescentes e ao turismo sexual. (MATERIA 02).

Neste caso, o fato de o Núcleo de Direitos Humanos e o Serviço de Enfrentamento à Violência, Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes estarem discutindo a exploração sexual de crianças e o turismo sexual, leva a

considerar que eles, os fenômenos, tenham a mesma natureza, a do crime, independentemente da marcação linguística de adição no discurso efetuada pelo emprego da conjunção “e”.

De acordo com a promotora Marluce Falcão, ***um número cada vez maior de crianças e adolescentes são vítimas de abuso e exploração sexual em Alagoas.*** “A ideia é conscientizar a população da importância da denúncia”.

O Ministério Público ***discute também*** ações ***práticas para combater o turismo sexual*** principalmente na Capital alagoana. A promotora disse ainda que o MP e os órgãos parceiros já colhem os resultados de campanhas anteriores (MATÉRIA 05).

O combate ao turismo sexual, como marca de ilicitude, confirma-se também na articulação de novos segmentos, de acordo com o informado na notícia:

“Uma série de atividades vão ser desenvolvidas a partir da segunda semana do próximo mês, culminando com a grande manifestação que vamos realizar em Maceió no dia 18 de maio”, adiantou a promotora de Justiça. Segundo Marluce Falcão, uma panfletagem em vários pontos da cidade e nas rodovias que dão acesso a Maceió é uma das atividades programadas. Além disso, também está sendo programada uma sessão pública na Assembleia Legislativa do Estado para ***discutir o Código de Conduta do Turismo contra Exploração Sexual Infanto-Juvenil.***

Durante a reunião, foi formado o Comitê de Monitoramento do Fórum, integrado pelo Programa Sentinela, pelas Secretarias de Ação Social e Turismo do estado e do município, entidades da sociedade civil organizada, além da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), do MPE, MP do Trabalho e MP Federal.

“O Comitê será o guardião do Código de Conduta, que tem como objetivo criar uma rede de proteção contra o turismo sexual. Caberá ao Comitê avaliar se uma empresa merece ou não receber o selo de amiga da ***luta contra o turismo sexual***, do mesmo jeito que caberá ao Comitê retirar o selo de qualquer empresa que tenha contrariado as regras estabelecidas pelas entidades que fazem parte do Fórum”, explicou a promotora de Justiça (MATERIA 3).

O locutor marca que será discutido em sessão pública um código de conduta que é contra a exploração sexual infanto-juvenil *no* turismo. O emprego da contração “no”, de imediato, remete ao enunciado de que a exploração sexual acontece no turismo, tendo, pois, esta natureza diferente da exploração. Contudo, quando, novamente na matéria, o locutor refere o objetivo do código, ele, o locutor, assume o posicionamento enunciativo da figura de autoridade (locutor 2), afirmando que o objetivo desse código é o de “criar uma rede de proteção contra o turismo sexual”.

Permite-se então inferir que o turismo sexual é aquele definido pela exploração sexual. A ideia é reforçada na menção a “luta contra o turismo sexual”.

6.2.2 Correio do Povo

6.2.2.1 Ocorrência de turismo sexual no Brasil

A análise das matérias do jornal Correio do Povo tendo por foco enunciados que afirmam explícita ou implicitamente existir turismo sexual no Brasil remete à seleção de alguns fragmentos, conforme aqueles a seguir apresentados. Observe-se assim o segmento abaixo:

Turismo sexual na tela

O Unibanco Arteplex fará exibição hoje, às 21h, para convidados, do documentário 'Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado', de Joel Zito Araújo. O filme, com lançamento previsto para o próximo dia 29 na Capital, **trata das questões ligadas ao turismo sexual no Brasil**, e à dura realidade do tráfico internacional. A sessão de hoje contará com a presença do diretor. (MATÉRIA 10)

Partindo do enunciado explícito no qual o locativo “no Brasil” está relacionado diretamente a “turismo sexual”, torna-se pressuposto discursivo o enunciado “Há turismo sexual no Brasil”. Essa mesma lógica enunciativa está presente no próximo extrato selecionado:

O diretor Joel Zito Araújo (foto ao lado) é um atento observador das **mazelas brasileiras**. [...] Ele já colocou sua câmara na questão racial, e agora se volta para uma **grave** questão, a exploração sexual. O documentário Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado está entre as estreias do final de semana na Capital. O turismo sexual e outras **contravenções** ligadas ao ramo levam, anualmente, 900 mil pessoas pelas fronteiras internacionais exclusivamente para esse fim. Entretanto, **apesar de todos os perigos**, jovens mulheres brasileiras, ao entrar no mundo do turismo sexual, acreditam que vão mudar de vida e sonham com seu príncipe encantado (Matéria 11.)

Aqui, a voz do locutor alterna em papéis enunciativos: o de analista crítico e o de relator. Nesse jogo discursivo, a existência de turismo sexual no Brasil fica explicitamente marcada pela articulação da expressão valorativa “mazelas” qualificada por “brasileiras” e o segmento “O turismo sexual ... encantado”, o qual explicita a “mazela” referida. Neste, a existência do turismo sexual é reforçada ainda

pelo caráter assertivo da enunciação (reforçado por dados quantitativos) e pelo hibridismo presente na voz do locutor – em certos momentos mais explicitamente marcada (“entretanto, apesar de todos os perigos”; “contravenções”) –, hibridismo esse configurado enunciativamente pela mescla do referente do discurso (temática do filme, fatos relatados) com a expressão de seu posicionamento em relação ao turismo sexual.

Sob uma outra lógica pode ser mencionado o fragmento extraído da matéria 1:

AMBIÇÃO PELO PODER
No desenrolar da trama de 'Paraíso tropical', os personagens vão se envolver em tramas de ambição, ganância e disputa pelo poder. ***Os dois assuntos principais, no entanto, serão os do turismo sexual e tráfico de mulheres.*** (Matéria 1)

Ao informar que o turismo sexual é um dos temas principais de novela no Brasil. O fenômeno é associado ao “Paraíso Tropical”, o Brasil.

É ainda interessante chamar a atenção para o jogo entre enunciado e contexto enunciativo que se verifica na matéria 4.

Será realizado no próximo dia 30, na Capital, **seminário sobre proteção de crianças contra o turismo sexual**. O evento ocorrerá no Centro de Eventos do Hotel Plaza São Rafael, às 18h30min, e terá como palestrante a professora Elisângela Machado, do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília (MATÉRIA 4).

No texto, a existência do turismo sexual no Brasil, particularmente no Rio Grande do Sul, não é inferida por articulações que se restringem ao nível do enunciado, mas por uma lógica configurada na relação entre enunciado e contexto da enunciação, a qual poderia ser assim expressa: “seminário sobre proteção de crianças contra o turismo sexual” remete a uma preocupação existente com o fenômeno. Esta, por sua vez, só teria razão de ser em havendo turismo sexual no local (Rio Grande do Sul ou Brasil).

Numa outra perspectiva, a existência do turismo sexual no Rio Grande do Sul é abordada nas matérias 06 e 07, as quais referem um caso ocorrido em Taquara, no Rio Grande do Sul.

Casal americano é preso por pedofilia em Taquara.
Uma ***rede internacional de pedofilia***, que incluiria ***tráfico de crianças***

para o exterior, abuso sexual de menores, turismo sexual e divulgação de imagens na Internet, foi desmantelada na manhã de ontem pelo Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic), por meio da Delegacia de Homicídios (DH) (MATÉRIA 06).

À frente do caso, o delegado pretende ouvir novamente os **norte-americanos** Frederic Calvin Louderback, conhecido como Fritz, 63 anos, e sua companheira Bárbara Louize Anne, 74 anos. Também deverá colher o depoimento do casal de **gaúchos envolvidos na rede**, que atuaria também no **tráfico internacional de crianças, abuso sexual de menores, turismo sexual e divulgação de imagens na Internet**.

Ficou (sic) para hoje os laudos de avaliação psicológica de seis dos oito meninos suspeitos de terem sofrido **abuso sexual no Morro da Pedra, em Taquara** (MATÉRIA 07).

Considerando que é no e pelo circuito enunciativo (do dizer), que se instaura uma relação entre locutor e alocutário, ambos interagindo a partir de um referente textual, este, no presente caso, denota claramente o referente contextual (desmantelamento da rede internacional de pedofilia). Quando são trazidos à enunciação fatos evidenciados predomina, na voz do locutor o teor assertivo-referencial (“casal americano é preso por pedofilia”). Em relação ao turismo sexual, porém no circuito contextual (ou do fazer), o fenômeno está ainda em investigação; então, correlativamente, no circuito enunciativo (do dizer), a concretude do fenômeno é “posta em suspenso” por meio do marcador linguístico “incluiria”. Discursivamente, portanto, no âmbito do dizer e do fazer, os enunciados na voz do locutor não estariam atestando a existência do fenômeno; eles, apenas, integrando-o ao cenário da pedofilia.

6.2.2.2 Aproximação do turismo sexual ao abuso e à exploração sexuais

O correio do Povo, a exemplo do jornal Gazeta de Alagoas, também possibilitou, por meio das matérias discursivas, identificar enunciados que referem abuso sexual, exploração sexual infanto-juvenil e de mulheres e turismo sexual, ora como fenômenos que se confundem, ora como fenômenos distintos.

Analise-se o fragmento abaixo:

Casal americano é preso por pedofilia em Taquara. Uma **rede internacional de pedofilia**, que incluiria **tráfico de crianças** para o exterior, **abuso sexual de menores, turismo sexual e divulgação de imagens na Internet**, foi desmantelada na manhã de ontem pelo Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic), por meio da Delegacia de Homicídios (DH). (MATÉRIA 06)

Nesse trecho, o locutor elenca os crimes que teriam sido cometidos pelo casal americano. O enunciado explícito na voz desse locutor distingue o turismo sexual de outros eventos ilícitos: “tráfico de crianças”, “abuso sexual de menores”, e “divulgação de imagens na internet”. É a dimensão do crime contra a criança e o adolescente e o fato de estarem todos eles associados à “rede internacional de pedofilia” que os aproxima. A mesma lógica aplica-se a outros dois fragmentos.

No Rio Grande do Sul, em novembro, um casal de norte-americanos foi preso em Taquara sob a acusação de uma rede internacional de **pedofilia**, que incluiria **tráfico de crianças** para o exterior, **abuso sexual de menores**, **turismo sexual** e **divulgação de imagens na Internet**. (MATÉRIA 8)

Também deverá colher o depoimento do casal de gaúchos envolvidos na rede, que atuaria também **no tráfico internacional de crianças**, **abuso sexual de menores**, **turismo sexual** e **divulgação de imagens na Internet**. (MATÉRIA 7)

Outra situação pode ser observada no fragmento seguinte:

Dura realidade

O diretor Joel Zito Araújo (foto ao lado) é um **atento** observador das *mazelas brasileiras*. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, realiza documentários desde 1988. É dele títulos como 'A Negação do Brasil' e 'Filhas do Vento'. Ele já colocou sua câmera na questão racial, e agora **se volta para uma grave questão, a exploração sexual**. O documentário 'Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado' está entre as estréias no final de semana na Capital. O **turismo sexual** e outras **contravenções** ligadas ao ramo levam, anualmente, **900 mil pessoas pelas fronteiras internacionais exclusivamente para este fim**. Entretanto, apesar de todos os perigos, **jovens mulheres brasileiras, ao entrar no mundo do turismo sexual**, acreditam que vão mudar de vida e sonham com o seu príncipe encantado. **Indo do Nordeste brasileiro a Berlim**, o filme busca entender os imaginários sexuais, raciais e de poder das **'jovens cinderelas do Sul** e dos **lobos do Norte**'. A produção, de 107 minutos, **se junta ao esforço do Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Contra Crianças e Adolescentes** (instituído como o 18 de maio) para denunciar e impedir o crescimento da prática (MATÉRIA 11).

Pela articulação de expressões e de segmentos, algumas inferências são permitidas no que tange à relação estabelecida entre exploração sexual e turismo sexual. Na rede coesiva do texto, o locutor, por um processo que se poderia denominar “metonímico”, substitui o segmento “exploração sexual” por “turismo sexual”, conferindo-lhes uma natureza comum. Essa fusão de conceitos é reiterada na menção ao Dia Nacional de Combate ao Abuso, mais especificamente na

referência à exploração sexual contra crianças e adolescentes (alteram-se aqui apenas os sujeitos: crianças e adolescentes no lugar de mulheres). De outra parte, em aceitando essa fusão, uma nova lógica enunciativa emerge da voz do locutor: se a exploração sexual materializa-se numa relação de imaginários sexuais, raciais e de poder – imaginários esses afetos ao turista e aos promotores da atividade; se exploração sexual e turismo sexual se confundem; então o turismo sexual abarca esses mesmos imaginários, com suas conotações negativas, o que se deprende nas expressões: “jovens mulheres brasileiras” (cinderelas do sul) de um lado; exploradores sexuais do Norte, de outro.

Em síntese, no conjunto de suas matérias do jornal Correio do Povo, o fenômeno “turismo sexual”, que estaria ocorrendo no Rio Grande do Sul, sob a voz do locutor, ora se apresenta como distinto dos fenômenos do abuso e da exploração sexual, ora com eles se confunde, contudo o traço que os aproxima recai sobre a ilicitude que os caracteriza. A análise que segue detalha um pouco mais esse aspecto.

6.2.2.3 Illicitude do turismo sexual

Como já apontado à ilicitude do turismo sexual pode ser percebida principalmente pela associação a casos relacionados a crimes contra a criança e o adolescente, o que fica denotado nos extratos a seguir indicados.

Casal americano é preso por pedofilia em Taquara
Uma rede internacional de pedofilia, que incluiria tráfico de crianças para o exterior, abuso sexual de menores, turismo sexual e divulgação de imagens na Internet, foi desmantelada na manhã de ontem pelo Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic), por meio da Delegacia de Homicídios (DH) (Matéria 6).

A ilicitude do turismo sexual está marcada pela aproximação deste a crimes de natureza sexual contra crianças e adolescentes, como nos segmentos marcados, correspondentes à voz explícita do locutor: “Casal americano é preso por pedofilia” e “Uma rede internacional de pedofilia, que incluiria tráfico de crianças para o exterior, abuso sexual de menores, turismo sexual e divulgação de imagens na Internet”. Ainda por meio dessa aproximação, infere-se o enunciado implícito de que turismo sexual é um crime de violência sexual.

Outras matérias seguem lógica semelhante em relação à ilicitude, referindo-se ao mesmo caso mencionado na matéria anterior. Por exemplo, observe-se o fragmento que segue:

Internet é esconderijo do crime
Exploração sexual de crianças e adolescentes fica mais difícil
de ser punida nesse novo cenário Joana Colussi
A impunidade a crimes relacionados ao abuso ou exploração sexual de
crianças e adolescentes é reforçada com um novo esconderijo. Se não
 bastasse a chamada cifra obscura – casos de violência que não chegam ao
 conhecimento das autoridades policiais pelo medo da denúncia –, **a**
Internet passou a ser o alvo principal para a prática de um dos crimes
organizados mais lucrativos do mundo. O ano de 2007 chega ao fim com
 a **comprovação trágica da proliferação da pedofilia na rede mundial de**
computadores.
 No Rio Grande do Sul, em novembro, um casal de norte-americanos foi
 preso em Taquara sob a acusação de uma **rede internacional de**
pedofilia, que incluiria tráfico de crianças para o exterior, abuso sexual
de menores, turismo sexual e divulgação de imagens na Internet
 (Matéria 8).

O entendimento de turismo sexual como fenômeno ilícito (crime) é reforçado pela inserção textual de segmentos que marcam mais uma vez sua aproximação a crimes de natureza sexual contra as crianças e adolescentes (“comprovação trágica da pedofilia na rede mundial de computadores” e “rede internacional de pedofilia, que incluiria tráfico de crianças para o exterior, abuso sexual de menores, turismo sexual e divulgação de imagens na internet”). No fragmento, destaca-se uma sequência coesiva, a qual tem início com o termo “crime” (caracterizado em segmento posterior como “organizado” e “lucrativo”), presente no título e associado ao termo “internet”. Na sequência, o segmento é explicitado por outro: “exploração sexual de crianças e adolescentes”, ao qual se agrega posteriormente o termo “abuso”. Com a progressão temática, o último segmento, por meio de uma nominalização, é sintetizado no termo “pedofilia”, este, por sua vez, contextualizado na “rede mundial de computadores”. Na sequência, “pedofilia” e “rede mundial de computadores” remete a outra rede – “internacional de pedofilia”. E nesta se insere o turismo sexual.

Também na direção da aproximação do turismo sexual à violência contra a criança, portanto, ao crime, pode ser mencionada outra matéria, na qual se encontra o seguinte fragmento:

No início deste ano, Armani desmentiu especulações sobre a venda de seu grupo, avaliado em 5 bilhões de euros e composto pela tradicional linha 'Giorgio Armani', da juvenil 'Emporio Armani' e da empresa de decoração 'Armani Casa', além de hotéis espalhados pelo mundo. A confusão ocorreu na Semana de Moda de Milão, quando um jornal alemão publicou a L'Oreal como possível compradora, marca que colabora com a grife italiana na elaboração de perfumes e cosméticos. Em março, **a assessoria do grupo teve que se defender da acusação de incentivar o turismo sexual com crianças, na Espanha. A publicidade da linha Armani Junior mostrava duas crianças de origem asiática**, abraçadas e sorridentes, sendo que uma vestia jeans e outra, a parte superior de um biquíni e bermudas. **A Justiça de Madri considerou o anúncio 'no limite da legalidade e pediu que a campanha fosse cancelada porque parecia incitar o turismo sexual'**, não Considerando normal que duas crianças aparecessem com os lábios pintados (Matéria 2).

A associação de turismo sexual à pedofilia é imediata no enunciado “... a assessoria do grupo teve que se defender da acusação de incentivar o turismo sexual com crianças, na Espanha”, como também é imediata, pela presença do termo “defender”, a inferência do enunciado implícito presente na voz do locutor de que o incentivo ao turismo sexual é crime na Espanha. Essa percepção é ratificada no segmento “A Justiça de Madri considerou o anúncio ‘no limite da legalidade e pediu que a campanha fosse cancelada porque parecia incitar o turismo sexual’”. Nesse mesmo enunciado, fica implícito, na voz do locutor, que o fenômeno pode ser incitado por campanhas publicitárias, ou seja, estas seriam um meio para preparar um contexto para o turismo sexual. Articulando os segmentos já expostos a um terceiro, “A publicidade da linha Armani Junior mostrava duas crianças de origem asiática”, é reforçada essa ideia de incentivo ao turismo sexual configurado, discursivamente, pela relação entre os termos indicativos de nacionalidade: “Espanha” e “asiática”. Por outro lado, chama a atenção a presença das aspas simples no segmento “A Justiça de Madri considerou o anúncio 'no limite da legalidade e pediu que a campanha fosse cancelada porque parecia incitar o turismo sexual'”, pelas quais se verificam marcas de heterogeneidade discursiva, confundindo-se a voz do locutor com aquela que expressaria a voz da justiça.

Alguns aspectos complementares referentes à natureza ilícita do turismo sexual podem ser ainda apontados: a dimensão cinematográfica que o fenômeno atinge (matérias 11 e 12, sobre documentário “Cinderela, Lobos e um Príncipe Encantado”) e a preocupação em discutir, no Rio Grande do Sul, o envolvimento de crianças com o turismo sexual (Matéria 8: Internet é esconderijo de crime).

Nesse contexto da natureza ilícita do turismo sexual, cumpre destacar para análise a seguinte passagem:

O diretor Joel Zito Araújo (foto ao lado) é um atento observador das **mazelas brasileiras**. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, realiza documentários desde 1988. É dele títulos como 'A Negação do Brasil' e 'Filhas do Vento'. Ele já colocou sua câmera na **questão racial**, e agora se volta para uma **grave questão, a exploração sexual**. O documentário 'Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado' está entre as estréias no final de semana na Capital. **O turismo sexual** e outras **contravenções** ligadas ao ramo **levam, anualmente, 900 mil pessoas pelas fronteiras internacionais** exclusivamente para este fim. Entretanto, apesar de todos os **perigos, jovens mulheres brasileiras**, ao entrar no **mundo do turismo sexual, acreditam** que vão **mudar de vida e sonham com o seu príncipe encantado**. Indo do **Nordeste brasileiro a Berlim**, o filme **busca entender os imaginários sexuais, raciais e de poder das 'jovens cinderelas do Sul e dos lobos do Norte'**. A produção, de 107 minutos, se junta ao esforço do Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Contra Crianças e Adolescentes (instituído como o 18 de maio) para denunciar e impedir o crescimento da prática (MATÉRIA 11).

A matéria 11, já analisada no sentido de mostrar a fusão entre os conceitos de turismo sexual e de exploração sexual, insere pela primeira vez, nesse cenário, a mulher. Inicialmente, de modo explícito, na voz do locutor, vem expresso seu posicionamento em relação ao turismo sexual: “mazelas brasileiras”, “grave questão”, “contravenções”, “apesar do perigo”. Em enunciados seguintes, parecem confundir-se as vozes do locutor e do cineasta (que estaria justificando a escolha do tema) e a própria história do filme. A contravenção é apresentada sob dois ângulos: o da promoção do turismo sexual e dos que são levados a ele. Ressaltem-se, respectivamente, os termos e segmentos de enunciados explícitos do locutor: “levam, anualmente, 900 mil pessoas pelas fronteiras internacionais” (do tráfico ao tráfico), de um lado; “jovens mulheres brasileiras”, “mundo do turismo sexual”, de outro. A presença de termos/passagens como “apesar de todos os perigos”, “acreditam”, “mudar de vida”, “sonham com seu príncipe encantado”, tem implícita a contraposição entre “falsas promessas” (por parte dos promotores) e “credulidade”, “situação e vulnerabilidade” (por parte das mulheres). Duas outras marcas discursivas se distinguem nos enunciados explícitos do locutor: a contraposição “Nordeste brasileiro e Berlim”, e “jovens cinderelas do Sul e dos lobos do Norte”. Entre elas, o termo “imaginário”. Essas marcas, articuladas com as anteriormente assinaladas, permitem mais uma vez cotejar o mundo da promoção do turismo

sexual, que se serve do imaginário (sexual, de poder), e dos levados a ele, que estão à mercê desse imaginário.

Por fim, reiterando e acentuando a natureza ilícita do turismo sexual, apresenta-se a matéria 5, sobre o escritor francês Michel Houellebecq:

Michel Houellebecq acaba de adaptar para o cinema seu romance 'A Possibilidade de uma Ilha'. Irreverente e desconcertante nas suas posições intelectuais e políticas, ele é um serial killer da cultura espetacular. Os seus principais alvos são o neoliberalismo comportamental dominante, as seitas, a cultura de mídia, a superstição religiosa, o turismo sexual e o imaginário pós-68. Os seus livros parecem unificados por uma visão de mundo e por um estilo radical. (Matéria 5)

O termo “turismo sexual”, na voz do locutor, é enfatizado como algo condenável e destrutível, o que se identifica, particularmente, pela articulação dos termos “serial killer” e “alvo”.

6.3 UMA SEGUNDA SÍNTESE INTERPRETATIVA DAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS

Procedendo agora a uma nova síntese interpretativa, desta feita agregando subsídios resultantes da análise discursiva elaborada sob as lentes das teorias da Polifonia e da Heterogeneidade Discursiva, alguns pontos são aqui destacados no sentido de identificar, na voz dos jornais, o universo conceitual de turismo sexual configurado nas respectivas matérias e representações sociais a ele subjacentes. Tem-se aqui em conta novamente o entendimento de Jodelet, referido por Spink (1995), segundo o qual

[...] as representações sociais devem ser estudadas ‘articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e à realidade material, social e Ideativa sobre a qual elas intervêm (p.121).

Lembrando que as matérias foram obtidas por meio do termo de busca “turismo sexual”, o referente enunciativo constitui-se, pois, num elemento importante a ser focalizado. Considerando o conjunto de matérias, o jornal Gazeta de Alagoas centra diretamente no turismo sexual o objeto das notícias: relato de caso policial envolvendo rede de agências de turismo, preparação e realização de eventos para discussão sobre o tema, realização de campanhas de combate ao fenômeno –

alguns desses objetos sendo, inclusive, retomados em ano subsequente. Esses referentes, de imediato, inserem o turismo sexual no âmbito da contravenção, do crime organizado (com abrangência nacional e internacional), que atinge Alagoas e outras regiões brasileiras. Veja-se que, tanto explícita quanto implicitamente, os enunciados não põem em questão a ocorrência do fenômeno, esta, aliás, apresentada como fato não recente (e, de igual modo, seu combate).

Conforme análise, é particularmente a associação de turismo sexual à exploração sexual de crianças e adolescentes, que o inscreve no universo da ilegalidade. Lexicalmente, os enunciados estão marcados por termos como “processo”, “acusação”, “justiça”, “quadrilha”, “investigação”, “prisão”.

O apelo à heterogeneidade mostrada (como a define Authier-Révuz apud Flores et al., 2009), mediante inserção, nas matérias jornalísticas, do discurso de figuras de autoridade, não apenas corrobora os enunciados dos locutores – o que confere maior credibilidade ao seu discurso – e instaura discursivamente territórios simbólicos compartilhados sinalizadores de representações sociais estruturadas, como também insere enunciativamente, no universo conceitual do turismo sexual, a oposição ao fenômeno, esta, expressa pela ação de organismos do poder público, da sociedade civil, de organizações diretamente ligadas ao turismo. Nessa perspectiva, pelo jogo polifônico, a voz do jornal passa a subsumir a voz das figuras de autoridade. Isso somado ao papel que lhe é estabelecido na qualidade de veículo de comunicação responsável, na prática social, por informar com fidedignidade fatos e ideias, inscreve o entendimento de turismo sexual ali enunciado implícita e explicitamente (fenômeno que tem na exploração sexual infanto-juvenil sua propriedade básica definitiva) no universo da heterogeneidade constitutiva (como a concebe a mesma autora).

Em se tratando do jornal Correio do Povo, o quadro conceitual que se depreende das matérias reflete semelhante entendimento em relação ao turismo sexual. No entanto, do ponto de vista do referente enunciativo, em sete das matérias veiculadas, o foco temático não recai diretamente sobre o turismo sexual. A título de exemplo, tem-se notícia sobre evento literário com a presença de um escritor francês que tem livro publicado, no qual o turismo sexual é abordado entre outros diversos temas. Na sequência, em entrevista com o escritor, o fenômeno é referido tangencialmente. Outro aspecto que chama a atenção é a natureza de algumas

sessões em que o turismo sexual é textualizado: Bastidores (de novelas), Moda, Assuntos econômicos, Resenhas cinematográficas.

No que diz respeito à ocorrência do turismo sexual no Rio Grande do Sul, conforme detalhado nas análises precedentes, ela se evidencia principalmente pela notícia policial de desmantelamento de rede internacional de pedofilia em uma cidade do Estado, fato esse retomado em duas situações: quando inserido em matéria sobre a internet como esconderijo do crime de exploração sexual contra crianças e adolescentes (fato discursivamente marcado como presente no RS, no meio urbano e rural) e, um ano depois, por ocasião do *habeas corpus* concedido ao casal de criminosos.

Considerado o mesmo jogo polifônico, exceção feita à entrevista com o escritor em uma das matérias, predominam os enunciados assertivos dos locutores, constitutivos do discurso indireto. Diversamente do jornal Gazeta de Alagoas, o recurso à heterogeneidade mostrada através da inserção do discurso da figura de autoridade verifica-se somente em duas ocasiões, reforçando o já enunciado em relação ao desmantelamento da rede de pedofilia e aos crimes de exploração sexual abrigados pela Internet.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que é ampliada a dimensão da ilicitude do universo conceitual de turismo sexual com a referência a aspectos como o cenário da pobreza no país, o imaginário de outras situações de vida, a figura da mulher e o tráfico internacional de pessoas (aspectos tematizados no documentário resenhado), uma outra dimensão do turismo sexual, não marcada pela perversão sexual, é abordada, ainda que periféricamente, e apenas recuperável por relações enunciativas implícitas: a do erotismo, da busca pelo prazer, independentemente de vinculações moralistas ou de outra ordem que a matéria possa aventar.

Em conclusão, parece possível afirmar, pela presente síntese interpretativa, que são consonantes as vozes dos jornais analisados no que diz respeito à ocorrência de turismo sexual no país (no caso, com o foco em Alagoas e no Rio Grande do Sul) e à dimensão de ilicitude inerente à sua definição como exploração sexual infanto-juvenil. Ter-se-ia assim, em dois pontos geográficos bem diversos do país, resguardadas algumas especificidades locais, um universo conceitual semelhante, provavelmente configurado a partir de representações sociais estruturadas e estruturantes comuns.

Contudo, Considerando, de acordo com Spink (1995), que a elaboração das representações sociais se dá num contexto intertextual, isto é, na interface do texto sócio-histórico – o das construções que alimentam a subjetividade – e do discurso que se institui nas relações sociais, cabe chamar a atenção para o fato de que os mesmos aportes teóricos que pautaram as análises discursivas e a síntese interpretativa realizadas, acabam por relativizar, em determinados momentos, esse caráter consensual ou tácito da concepção de turismo sexual, tal como apresentada acima: em ambos os jornais, coexistem enunciados que se contrapõem, quer dentro de uma mesma matéria, quer entre elas, particularmente no que tange ao binômio “turismo sexual – exploração sexual infanto-juvenil”.

Nas relações enunciativas entre locutores e enunciadores, entre enunciados implícitos e explícitos, entre postos e pressupostos, entre vozes discursivas no jogo polifônico, o binômio manifesta-se, simultaneamente, sob formas distintas, a saber: (a) turismo sexual como fenômeno diverso da exploração sexual infanto-juvenil; (b) turismo sexual definido como exploração sexual infanto-juvenil; (c) exploração sexual infanto-juvenil no turismo; (d) exploração sexual infanto-juvenil como motivação do turismo sexual.

Em (a), ambos os fenômenos, implícita ou explicitamente, aparecem justapostos, intermediados, na maior parte dos casos, pela conjunção aditiva “e”; em (b), a exploração sexual infanto-juvenil é textualizada como elemento constitutivo ou definatório de turismo sexual; em (c), a exploração sexual infanto-juvenil institui-se como uma ocorrência particular no turismo, sem que esta deva obrigatoriamente ser designada como turismo sexual; em (d), amplia-se o universo conceitual do turismo sexual, na medida em que a exploração sexual infanto-juvenil seria uma das motivações do turismo sexual (independente dos aspectos éticos aí implicados).

Esses “deslizamentos” conceituais que se constata em ambos os jornais – Identificados pela análise polifônica – levam a refletir sobre o que estaria na base de sua ocorrência, sobre que representações sociais aí estariam envolvidas. Excluídas quaisquer possibilidades de explicações relacionadas a impropriedades de manejo linguístico-discursivo na produção textual, tais “deslizamentos” seriam reflexos de imprecisões, hibridismos ou redimensionamentos conceituais sinalizadores de representações sociais ainda não suficientemente estruturadas de turismo sexual, ou de novas estruturações em curso associadas a reinterpretções que sujeitos sociais (no caso, redatores jornalísticos) começam a empreender, ou reflexos de

ambas as situações? Considerados os processos formadores das representações sociais Identificados por Moscovici, a que faz alusão Spink (1993), estariam se processando novas objetivações e ancoragens? São todas essas questões cujas respostas não poderiam aqui ser por ora precisadas, mas cuja formulação não poderia escapar ao olhar atento do pesquisador.

No que diz respeito, pois, às matérias analisadas, estariam subjacentes à voz da mídia impressa (no presente trabalho, metodologicamente representada pelos jornais Gazeta de Alagoas e Correio do Povo), produções simbólicas compartilhadas de turismo sexual objetivadas essencialmente no na exploração sexual de crianças e adolescentes, como também na dimensão de ilicitude ou criminalidade que compreendem, e ancoradas no contexto social e turístico das regiões envolvidas. Nessa perspectiva, tais produções simbólicas encerram processo metonímico, no qual o universo conceitual de turismo sexual é definido por uma de múltiplas dimensões passíveis de abordagem do fenômeno (a parte pelo todo). Não integra esse universo, por exemplo, a dimensão da sexualidade inerente à natureza e ao desenvolvimento humanos (tangenciada em matéria do Correio do Povo), a partir das quais outros processos de objetivação e de ancoragem construiriam representações sociais eventualmente explicativas de entendimento do turismo sexual como fenômeno diverso do fenômeno da exploração sexual infanto-juvenil, não marcado pela perversão sexual.

6.4 DEFINIÇÃO DE TURISMO SEXUAL NAS RESPOSTAS DE ALUNOS E PROFESSORES DOS ESTADOS DE ALAGOAS E DO RIO GRANDE DO SUL

Na sequência à análise interpretativa das matérias jornalísticas selecionadas dos jornais Gazeta de Alagoas e Correio do Povo, por meio da qual se buscou inferir representações sociais subjacentes ao discurso, o trabalho centra-se agora no segundo segmento do *corpus* da pesquisa: respostas de alunos e professores de cursos de graduação em Turismo, de ambas as localidades, à questão: Como você define turismo sexual?

6.4.1 Respostas dos alunos

Aplicado o questionário, o número de respostas obtido em cada um dos Estados girou em torno de 45% dos respectivos universos de alunos. Para a respectiva análise, elas se encontram agrupadas em dois segmentos.

6.4.1.1 Alunos de Alagoas

Especificamente com relação aos respondentes de Alagoas, as definições apresentadas estão transcritas na Figura 12.

Sujeitos	Respostas
1	Eu acho que poderia encaixar essa pergunta na exploração de menores feita por turistas que vem de longe.
2	Turismo sexual é quando pessoas saem de seu país ou estado para se prostituirem em outro lugar.
3	É um ato explorador, “turistas” que na maioria das vezes saem de seu habitat apenas para a pratica sexual (não só com mulheres, mas também com homossexuais e menores de idade).
4	Bem, falar de um tema tão polêmico quanto esse é difícil, mas com poucas palavras: é tudo aquilo que uma pessoa “de maior” usa crianças e adolescentes de forma muito pesada.
5	Exploração de menores para turista ou pode ser mulheres se prostituindo.
6	Nada mais que prostituição, venda de seres humanos, tentando apenas enfeitar o nome para “turismo sexual”. Turismo deve ser um elemento para a vida social e econômica de um determinado local. Tema polêmico.
7	Turismo sexual são as pessoas que usou esta forma de falar. Na verdade o turismo sexual é só uma vontade de relação carnal.
8	É aquele “turismo”, cuja sua finalidade, basicamente é direcionado apenas para o sexo. Homens, principalmente, que vem de outros estados ou países, atrás de meninas, em sua maioria jovem, para diversão sexual.
9	É um tipo de turismo onde pessoas com o propósito de gastar satisfazendo as suas vontades sexuais com mulheres, gays, etc.
10	Normal...
11	Crime do mais alto nível, porém com outro nome mais sofisticado.
12	É o tipo de turismo aonde o passageiro vai ao destino na intenção de satisfazer seus desejos sexuais.
13	Sem resposta.

14	Turismo sexual é um “turismo” ilegal que infelizmente ocorre no nosso estado.
15	São pessoas que visitam outras localidades especificamente para praticar esse tipo de turismo.
16	Turismo voltado para crianças indefesas vítimas de maus-tratos.
17	Exploração, prostituição de mulheres.
18	São pessoas que viajam à procura de “diversão”, onde é uma enorme crueldade.
19	Trata-se de um segmento na área de turismo onde as pessoas são motivadas e atraídas pela satisfação sexual.
20	Deslocamento de pessoas para outros lugares para praticar atos sexuais.
21	O turismo sexual é uma formação de mercado que gera lucro e, além disso, gera muitos problemas em nossa sociedade, sem haver um planejamento.
22	É o turismo que trabalha com o sexo, ou melhor, um tipo de turismo movido pelo sexo.
23	É um segmento que se utiliza da imagem e do corpo das pessoas menos favorecidas, que não tem um outro tipo de vida e o fazem como profissão
24	Trata-se de uma forma a qual as pessoas se prostituem em busca de lucro (dinheiro).
25	É a exploração de crianças e mulheres, na maioria das vezes feita por estrangeiros, e a falta de oportunidade e educação familiar.
26	É uma forma de degradação do turismo. O turismo brasileiro tem uma imagem muito forte fora do nosso território relacionado a isso, esperamos que mude.
27	Exploração de menores ou maiores de idade com um fim exclusivo de abusar sexualmente ou tirar vantagem ilícita ou imprópria. Por tanto, o turismo sexual é problema social que preocupa diversos países se tornando um mercado cada vez mais lucrativo.

Figura 12: Definição de turismo sexual apresentada por alunos respondentes das IES de Alagoas

Aplicando a essas respostas o processo de redução de unidades de significado, chega-se às seguintes asserções articuladas no discurso de cada respondente, conforme apresentado na Figura 13.

Sujeitos	Asserções articuladas no discurso
1	Exploração sexual de menores por turistas
2	Deslocamento para pessoas se prostituírem
3	Deslocamento para fins de exploração sexual de mulheres, homossexuais e crianças
4	Uso fortemente indevido, por adultos, de crianças e adolescentes
5	Exploração de menores ou prostituição de mulheres para turistas
6	Forma velada de venda de seres humanos, de prostituição

7	Vontade de relação carnal expressa de forma velada
8	Deslocamento de turistas, nacionais e internacionais, para diversão sexual com meninas
9	Tipo de turismo com propósito de pagar por satisfação sexual com mulheres e gays
10	Algo normal
11	Crime hediondo nomeado de forma sofisticada
12	Tipo de turismo com propósito de satisfação desejos sexuais;
13	Sem resposta
14	Tipo ilegal de turismo
15	Deslocamento para a prática de turismo sexual
16	Exploração e abuso sexual de crianças vítimas de maus-tratos
17	Exploração e prostituição de mulheres
18	Deslocamento para uma diversão cruel
19	Segmento turístico motivado pela satisfação sexual
20	Deslocamento para prática sexual
21	Mercado para obtenção de lucro, gerando problemas sociais
22	Tipo de turismo movido pelo sexo
23	Segmento turístico que explora a imagem e o corpo de pessoas vulneráveis e sem opção, que fazem dele profissão
24	Forma de prostituição objetivando lucro
25	Exploração, por estrangeiros, de crianças e mulheres desprovidas de oportunidades e de educação familiar
26	Forma de degradação do turismo
27	Exploração lucrativa voltada ao abuso sexual de menores e adultos, gerando problema social

Figura 13: Asserções articuladas no discurso de alunos respondentes de IES de Alagoas

Dando prosseguimento ao processo de redução no sentido de Identificar o significado primeiro que turismo sexual teria para os respondentes, encontram-se, nas respostas formuladas, categorias definitórias do fenômeno e desdobramentos caracterizadores dessas categorias. Para cada uma destas, são indicadas as asserções articuladas que lhes correspondem.²⁶ Esse processo analítico é explicitado na Figura 14.

²⁶ Tem-se aqui presente a fórmula da definição trazida por Garcia (1985), segundo o qual a definição expressa-se por meio de uma proposição denominada “predicativa”, a qual é constituída por quatro elementos: termo (definiendum), cópula (verbo “ser” ou equivalentes), gênero (genus) e diferenças caracterizadoras (differentiae). O termo consiste naquilo que vai ser definido. A cópula corresponde ao verbo “ser” ou verbos equivalentes, passíveis de serem empregados em estruturas menos rígidas (“consistir em”, “significar”, entre outros). O gênero equivale à classe (ou ordem) de coisas a que pertence o gênero. As diferenças

Categoria definitiva e número total de asserções correspondentes	Diferenças caracterizadoras	Asserções
Exploração sexual	Crianças	16
	menores (crianças e adolescentes)	1
	Mulheres	17
	mulheres, homens e crianças	(3)
	menores e mulheres	5, 25
	menores e adultos	27,4
Deslocamento	exploração sexual	(3)
	diversão sexual com meninas	8
	prostituição de pessoas	2
	prática sexual	15, 20
	diversão cruel	18
Segmento	satisfação sexual	19
	exploração sexual	23
Tipo de turismo	satisfação sexual paga	9
	satisfação sexual	12, 22
	ilegal	14
Forma (de)	velada de prostituição	6
	prostituição para lucro	24
	degradação do turismo	26
Mercado	exploração sexual, gerando problemas sociais	21
Algo normal	-----	10
Crime	hediondo, nomeado de forma sofisticada	11
Vontade	relação carnal	7
Sem resposta		13

Figura 14: Categorias definitórias de turismo sexual construídas a partir das asserções articuladas no discurso dos alunos respondentes de IES de Alagoas

De acordo com os dados acima, duas categorias definitórias se destacam: exploração sexual e deslocamento, as quais encerram cerca de 52% do conjunto de categorias Identificado. A incidência desta última, em se tratando de alunos de cursos de Turismo, não parece causar estranheza, a considerar o fato de várias

compreendem tudo aquilo que distingue a coisa representada pelo termo de outras coisas incluídas na mesma classe. Desse modo, tem-se a seguinte fórmula da definição: $T = G + d1 + d2 + \dots + dn$.

abordagens teóricas centrarem, no deslocamento, as bases conceituais de turismo. Nessa mesma perspectiva, estaria situada a incidência da categoria “segmento”. No que tange à exploração sexual, ela tem como objeto crianças, mulheres, homossexuais, adultos e adolescentes, com 6, 3,1,1 e 3 incidências, respectivamente. A força que assume a exploração sexual como significado primeiro para turismo sexual torna-se ainda maior quando a categoria é associada a elementos discursivos constantes de diferenças caracterizadoras, os quais, ao mesmo tempo, remetem ao universo social da ilicitude, da criminalidade: “cruel”, “uso indevido”, “ilegal”. Some-se a isso, a vinculação com a categoria “crime”, esta, por sua vez, acentuada pelo elemento qualificador “hediondo” (“mais alto nível”, no discurso do aluno). Esse cenário de ilicitude (em alguns casos, encoberto, conforme asserções 6 e 11) vem ainda complementarmente marcado pelo elemento “prostituição”, cuja incidência se faz explicitamente em três diferenças caracterizadoras, como também, indiretamente, na categoria “mercado”. Poder-se-ia ainda acrescentar que na essência do fenômeno estaria um processo cíclico, no qual o turismo sexual gera problemas sociais, sendo, simultaneamente, uma decorrência destes (asserções 16, 21, 23, 25).

Mais um aspecto cabe ser destacado: a incidência de vinculação do turismo sexual, desta feita, ao prazer, à satisfação sexual, esta se instituindo como um outro significado primeiro para o fenômeno. Sem qualquer conotação de sexualidade perversa (tampouco de problema social), o fenômeno vem associado (em oito incidências) à “normalidade” da busca da satisfação sexual (“É algo normal”, de acordo com o explicitamente enunciado no discurso do aluno). Por outro lado, o sexo inserido no âmbito da moralidade ou dos tabus também se mostra presente associado à experiência sexual a que levaria o fenômeno. Isso se depreende da conjunção, na asserção 7, dos termos “relação carnal” e “forma velada”.

6.4.1.2 Alunos do Rio Grande do Sul

Relativamente aos alunos das IES do Rio Grande do Sul, suas respostas à questão “Como você define turismo sexual?”, compõem a Figura 15 a seguir apresentada.

Sujeitos	Respostas
1	Para mim um atrativo turístico instituído por falha na gestão social de uma determinada região.
2	É uma tipologia atual do turismo, onde provavelmente não é de conhecimento geral.
3	É o turismo em busca da satisfação sexual dos viajantes.
4	É o turismo onde o turista vai com o objetivo de explorar o sexo.
5	É o turismo cuja a motivação ocorre através da oferta de sexo pago na localidade visitada.
6	É quando a atividade turística tem como motivação a exploração sexual.
7	É a prática do turismo com objetivo e intenção sexual através da prostituição.
8	É a prática ou a busca de opções predominantemente noturnas de lazer voltadas a práticas sexuais em destinos turísticos consolidados.
9	A exploração sexual praticada por pessoas que estão passando um tempo em alguma outra localidade longe de sua residência.
10	É um segmento do turismo que contradiz com o que prezamos dentro do fenômeno do turismo, envolvendo a comunidade no processo não afetando sua cultura e ética.
11	Pessoas que vendem seu corpo para ter sua subsistência em contrapartida para dar prazer alheio a outros.
12	Esse termo me remete a prostituição, lembram turistas procurando menininhas menores de idade.
13	Viajar com um único objetivo, satisfazer desejos sexuais.
14	Ter alguém como acompanhante, sendo está paga.
15	Remunerar um acompanhante para qualquer tipo de evento.
16	A exploração do corpo da mulher ou do homem sexualmente; muitas vezes os explorados não ganham dinheiro algum.
17	É o turismo onde as pessoas buscam e procuram o prazer.
18	Alguém no mundo “pessoa sem noção” que viaja para ter sexo-prazer, juntamente com outro pacote turístico.
19	Não acho uma coisa legal de ser feita pois, envolve muito a vida de pessoas, me parece um tipo de prostituição com outro nome.
20	Não existe turismo sexual, o que existe é falta de educação para as pessoas. É um problema social.
21	Turismo sexual infelizmente é uma atividade bastante vista no Brasil principalmente no norte, eu não concordo, pois vender o corpo para obter dinheiro nunca será a solução, a muitos outros meios.
22	É o tipo de turismo onde há como objetivo principal a procura pelo sexo oposto, para companhia, entre outros fins.

23	Turismo que utiliza o sexo e que envolve muitas vezes crianças e jovens nesse setor, algo não apropriado e devido a questão de saúde.
24	Exploração de menores, um fato ou caso muito polêmico pois não sabem dá valor as coisas que tem.
25	Viagens que o principal motivo é a procura por relações sexuais.
26	Para mim turismo sexual é a circulação de pessoas para uma determinada cidade diferente do seu habitat social, com o objetivo de se divertir sexualmente.
27	Pessoas que viajam em busca de satisfazer seus desejos sexuais normalmente as vitimas são as adolescentes, existe todo um “mercado” ilegal por trás do turismo sexual.
28	É a prática da venda de serviços de caráter sexual feitas de forma ilusórias, covarde e/ou criminosa.
29	É algo muito errado. Pois, por exemplo, aqui no Brasil isso denigre a imagem do país.
30	É quando o turista tem em sua motivação de viagem o propósito sexual.
31	Deslocamento de pessoas para alguma região do globo para praticar exploração sexual.
32	É o turismo no qual pessoas visitam determinados locais em busca de mulheres ou homens, que são profissionais do sexo. Muitas vezes buscam isso até mesmo em outros países.
33	A busca do prazer sem consciência.
34	Seriam pessoas que vem de outros lugares para desfrutar de sexo, pagando por isso.
35	Atividade inserida na oferta turística de determinadas cidades, especialmente grandes centros, nem sempre de forma exposta ou evidenciada.
36	Busca por sexo ou aventuras.
37	Sexo pago ou não.
38	Essência, uma exploração de menores.
39	Atrativo que surge em função de redes de prostituição e afins.
40	Turismo que explora a prostituição e também suas vertentes como: drogas, desempregos.
41	Busca por: sexo, prazer e atrativos em relação ao sexo.
42	Uso do sexo como prática indevida do setor.
43	É a exploração do turismo voltado apenas para a exploração de mulheres (principalmente), sendo muitas vezes até menores de Idade e crianças, buscando o sexo como propósito da viagem.
44	É quando os turistas procuram determinadas destinações por causa da prostituição e executam tal atividade. E também pode ser uma prática consciente no caso de “orgias” ou “sofazão” sem envolver prostituição.

45	É a atividade turística quando feita por motivação sexual.
46	É um fenômeno de consumo, baseado na volúpia sexual do indivíduo que relaciona a localidade geográfica com o ato sexual em si.

Figura 15: Definição de turismo sexual apresentada por alunos respondentes das IES do Rio Grande do Sul

Da mesma forma como se procedeu na análise anterior, aplicando a essas respostas o processo de redução de unidades de significado, obtém-se o conjunto de asserções articuladas no discurso de cada respondente, como apresentado na Figura 16.

Sujeitos	Asserções articuladas no discurso
1	Atrativo turístico decorrente de má gestão social
2	Tipo de turismo desconhecido pelo grande público
3	Turismo com motivação sexual
4	Tipo de turismo definido por exploração sexual
5	Turismo motivado por sexo pago
6	Turismo com motivação de exploração sexual
7	Prática turística com motivação sexual por meio da prostituição
8	Prática turística noturna de lazer com motivação sexual
9	Prática da exploração sexual em locais diferentes daquele de origem
10	Segmento turístico oposto à natureza do fenômeno “turismo”
11	Venda do corpo motivada pela busca de subsistência
12	Prostituição com menores de idade
13	Deslocamento para satisfação sexual
14	Acompanhamento de turistas, com remuneração
15	Acompanhamento remunerado de turistas em eventos
16	Exploração sexual de mulheres e homens
17	Turismo com motivação de prazer
18	Turismo “condenável” motivado por sexo-prazer
19	Prostituição com outro nome
20	Problema social ligado a falha na educação
21	Atividade de venda do corpo para obtenção de recursos financeiros
22	Tipo de turismo em que se busca companhia do sexo oposto
23	Setor do turismo envolvendo, muitas vezes, exploração sexual infanto-juvenil
24	Exploração sexual de menores
25	Deslocamento para relações sexuais
26	Deslocamento para satisfação de desejos sexuais com menores
27	Venda ilusória, covarde e/ou criminoso de serviços sexuais

28	Algo errado que denigre a imagem do País
29	Deslocamento com motivação sexual
30	Deslocamento para a prática de exploração sexual
31	Turismo, nacional/internacional, para encontro com profissionais do sexo
32	Busca por prazer sem consciência
33	Deslocamento para desfrutar do sexo
34	Atividade turística oferecida, explícita ou implicitamente, em grandes centros
35	Busca por sexo ou por aventuras
36	Sexo pago ou não
37	Exploração de menores
38	Atrativo turístico ligado a redes de prostituição
39	Turismo de exploração da prostituição associada a drogas e desemprego
40	Busca por sexo, prazer e atrativos em relação ao sexo
41	Utilização indevida do sexo pelo setor turístico
42	Exploração sexual de mulheres, jovens e crianças por turistas buscando sexo
43	Deslocamento para prática sexual envolvendo prostituição ou não
44	Fenômeno de consumo centrado no prazer do sexo relacionado ao local em que este ocorre
45	Prática do turismo com motivação sexual
46	Alternativa turística baseada na busca pelo sexo, tornando-se problema em havendo envolvimento de menores

Figura 16: Asserções articuladas no discurso de alunos respondentes de IES do Rio Grande do Sul

A partir dessas asserções, chega-se à sistematização constante da Figura 17.

Categoria definitiva e número total de asserções correspondentes	Diferenças caracterizadoras	Asserções
Exploração sexual	mulheres e homens	16
	menores (crianças e adolescentes)	24, 37
	mulheres, jovens e crianças	42
Deslocamento	satisfação sexual (5)	13
	relações sexuais	25
	satisfação de desejos sexuais com menores	26
	motivação sexual	29
	exploração sexual (3)	30
	desfrutar do sexo	33

	prática sexual envolvendo prostituição ou não	43
Segmento/setor	oposto à natureza do turismo	10
	envolvendo exploração sexual infanto-juvenil ou não	23
Tipo/turismo (com, que, para, de...)	desconhecido pelo grande público	2
	definido por exploração sexual	4, 6
	motivação de prazer	17
	busca de companhia do sexo oposto	22
	nacional e internacional / encontro com profissionais do sexo	31
	exploração da prostituição / drogas / desemprego	39
	motivação sexual (sim/não)	3, 46
	motivação sexo pago	5
	condenável / motivação sexo-prazer	18
Prática/atividade	motivação sexual por meio da prostituição	7
	noturna de lazer / motivação sexual	8
	exploração sexual	9
	venda do corpo	21
	oferecida em grandes centros	34
	motivação sexual	45
Atrativo	decorrência de má gestão social	1
	ligado a redes de prostituição	38
Prostituição: • Prostituição	com menores de Idade	12
	com outro nome	19
• Acompanhamento de turistas	com remuneração	14, 15
• Venda do corpo	para subsistência	11
• Venda de serviços sexuais	ilusória, covarde e/ou criminosa	27
		36
• Sexo pago		

Busca	prazer sem consciência	32
	sexo ou aventuras	35
	sexo-prazer	40
Algo errado	-----	28
Fenômeno de consumo	relacionado ao prazer e ao sexo	44
Problema social	ligado a falha na educação	20
Utilização indevida do sexo	pelo setor turístico	41

Figura 17: Categorias definitórias de turismo sexual construídas a partir das asserções articuladas no discurso dos alunos respondentes de IES do Rio Grande do Sul

Observa-se também, nas respostas dos alunos do Rio Grande do Sul, a presença da categoria definitória “deslocamento” (com 7 incidências diretas e uma indireta integrando as diferenças caracterizadoras da asserção 9) aliada à categoria “segmento”, possivelmente atreladas a estudos já realizados pelos alunos. Somente eles, no entanto, apresentam asserções articuladas em torno da categoria “atrativo”, porém atrelada a problemas de ordem social.

Sem constituírem uma definição tautológica, são 11 as incidências em que o significado primeiro do turismo parece instaurar-se na possibilidade de este assumir diferentes facetas (“tipo de turismo”, “o turismo que”), cujas especificidades variam e, ao mesmo tempo, encontram elos entre elas, pela aproximação à exploração sexual, à prostituição, ou, de outro ângulo, pela aproximação à busca da experiência sexual, do prazer, do encontro com o outro. De certa forma, sob essa mesma perspectiva estariam as categorias “prática” ou “atividade”, com suas 6 incidências.

Semelhante ao Identificado nas respostas dos alunos alagoanos, a conotação de algo imoral aparece na asserção em que sexo, quando associado ao prazer, é tido como “condenável”.

Numa visão abrangente, poder-se-ia dizer que o significado primeiro de turismo sexual, para esses alunos, também recai significativamente sobre a exploração sexual de crianças, jovens, mulheres e homens (quer como categoria definitória, quer como diferença caracterizadora), sobre a prostituição e, com um grau menor de incidências, sobre motivação/satisfação sexual.

Focalizando agora, em conjunto, as asserções de alunos de ambos os Estados, os significados primeiros depreendidos, por processo de redução, das asserções articuladas nos respectivos discursos, poderiam ser sintetizados e representados pelo diagrama constitutivo da Figura 18.

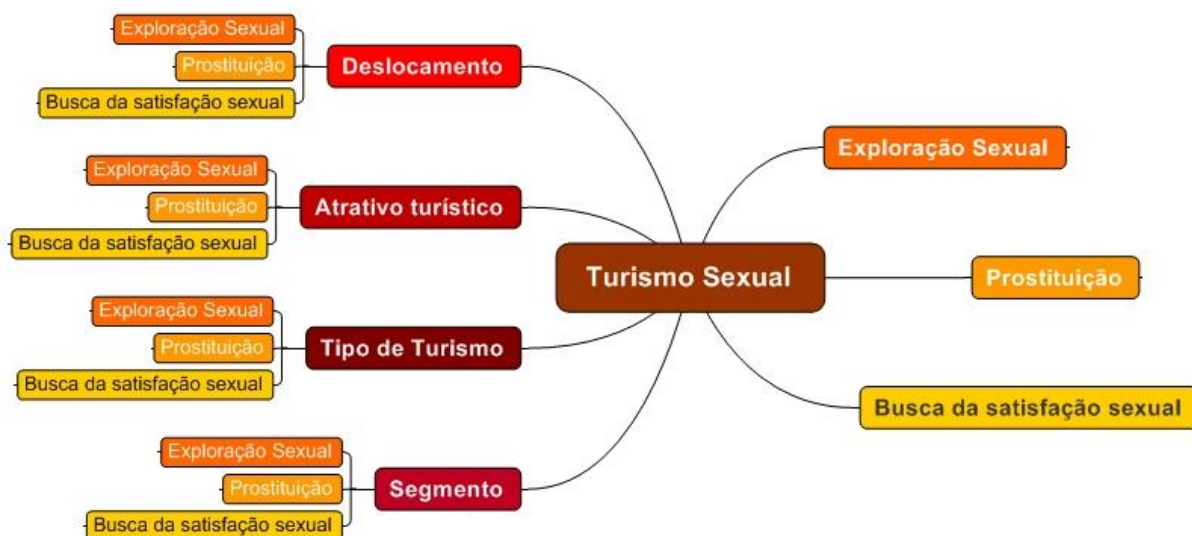


Figura 18: Significados primeiros depreendidos de asserções dos alunos respondentes das IES de Alagoas e do Rio Grande do Sul – Redução 01

Consideradas as categorias definitórias, o diagrama põe em relevo dois grupos delas: o primeiro, abrangendo exploração sexual, prostituição e busca de satisfação sexual; o segundo, compreendendo o turismo nas formas substantivada ou adjetivada (turismo, turístico). Estas formas, por sua vez, aparecem desdobradas em elementos caracterizadores, os quais retomam as categorias constitutivas do primeiro grupo. Em assim sendo, por novo processo de redução, poder-se-ia representar como o turismo sexual se mostra em essência a esses alunos por meio dos diagramas que compõem as Figura 19 e 20.



Figura 19: Significados primeiros depreendidos de asserções dos alunos respondentes das IES de Alagoas e do Rio Grande do Sul – Redução 02.

Relativamente à inserção da prostituição no enunciado definatório, esta tende a aparecer como problema social (associado a outros) quando abordada com foco no morador e, com maior incidência, como exploração sexual (prioritariamente da mulher) quando abordada com o foco no turista que dela se serve. Em alguns casos específicos, aparece desprovida de uma ou outra conotação (referência sob a ótica do prazer sexual), de sorte que, numa visão mais sintética/redutora, poder-se-ia inferir que o significado primeiro de turismo sexual para os sujeitos-alunos questionados insere-se num universo de exploração sexual (envolvendo, principalmente, crianças e adolescentes). Paralelamente a este, porém em proporção menor, tem-se a vinculação com a busca de satisfação sexual, na ótica de quem a procura ou de quem a promove, tal como está representado na Figura 20.



Figura 20: Significados primeiros depreendidos de asserções dos alunos respondentes das IES de Alagoas e do Rio Grande do Sul – Redução 03.

6.4.2 Respostas dos Professores

Na sequência, a análise centra-se nas respostas dos sujeitos “professores”, alagoanos e gaúchos, os quais responderam à questão: Como você define turismo sexual?

6.4.2.1 Professores de Alagoas

Foram 12 as respostas obtidas em Alagoas e 11, no Rio Grande do Sul. Especificamente com relação aos respondentes de Alagoas, as definições apresentadas estão transcritas na Figura 21.

Sujeitos	Respostas
1	Na verdade vejo uma exploração sexual no turismo. A partir do momento que aceito o turismo sexual, aceito algo ilegal
2	Mácula social! Atividade nociva aos valores de ética, moral e desrespeito aos valores do ser humano e da sociedade. Pratica abominável enquanto atividade turística, econômica e social, transformando seres humanos em mercadorias, contribuindo negativamente no volume de negócios de determinada área turística
3	Negocio onde homens e mulheres têm como objetivo a busca do prazer sexual
4	Organização de viagens com o intuito de estabelecer contato sexual com os residentes do local de destino
5	Uma modalidade de turismo. Partindo do princípio que prostituição não é crime, sendo inclusive profissão reconhecida em muitos países. É fonte de renda permitida
6	É a atividade turística com a finalidade de buscar sexo
7	O turismo com a finalidade da pratica sexual
8	Deslocamento de pessoas de seu local de origem para outro local por mais de 24h com interesses sexuais
9	Deslocamento de pessoas para lugares onde são oferecidos como elementos motivadores o sexo livre e sem limites
10	Qualquer deslocamento de pessoas com motivações sexuais
11	Exploração da prostituição como forma de atrair turistas
12	O turismo ou a pessoa em seus deslocamentos com fins turísticos que pratica ou se utiliza de serviços de profissionais do sexo

Figura 21: Definição de turismo sexual apresentada por professores respondentes das IES de Alagoas

Aplicando a essas respostas o processo de redução de unidades de significado, chegou-se às seguintes asserções articuladas no discurso de cada respondente, conforme apresentado na Figura 22.

Sujeitos	Asserções articuladas no discurso
1	Exploração sexual no turismo como ato ilegal

2	Atividade nociva, antiética e imoral
3	Negócio relacionado ao prazer sexual
4	Organização de viagem com propósito de encontro sexual entre turistas e residentes
5	Modalidade de turismo envolvendo prostituição como atividade lícita
6	Atividade turística para busca de sexo
7	Turismo para prática sexual
8	Deslocamento pelo interesse sexual
9	Deslocamento para prática de sexo livre e sem limites
10	Qualquer deslocamento para prática de sexo
11	Exploração da prostituição como atrativo turístico
12	Deslocamento para prática sexual com profissional do sexo

Figura 22: Asserções articuladas no discurso de alunos respondentes de IES de Alagoas

Retomando o processo de redução anteriormente realizado, tem origem a Figura 23, na qual são indicadas categorias definitórias, seus desdobramentos em diferenças caracterizadoras e as asserções que dizem respeito a cada uma delas.

Categoria definitória e número total de asserções correspondentes	Diferenças caracterizadoras	Asserções
Exploração sexual	no turismo	1
Atividade/ Prática	nociva, antiética e imoral	2
	para busca de sexo	6
Deslocamento	interesse sexual	8
	prática de sexo livre e sem limites	9
	prática de sexo	10
	prática sexual com profissional do sexo	12
Modalidade de turismo/ turismo que	envolvendo prostituição como atividade lícita	5
	prática sexual	7
Negócio/ Organização de viagem	relacionado ao prazer sexual	3
	encontro sexual	4
Exploração da prostituição	como atrativo turístico	11

Figura 23: Categorias definitórias de turismo sexual construídas a partir das asserções articuladas dos professores respondentes de IES de Alagoas

A partir dos dados é possível perceber a predominância da categoria definitória “deslocamento”, representando 33,5% do conjunto de categorias. Por outro lado, o elemento “prostituição” aparece também, quer como categoria definitória, quer como elemento caracterizador de turismo sexual, perfazendo um total de 3 incidências (5, 11 e 12), porém, sem que, discursivamente, esteja marcada de forma negativa (a palavra “exploração” em si não carrega obrigatoriamente carga semântica negativa).

Já a busca da satisfação sexual figura em 7 incidências (3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12), o que é denotado pelas expressões “busca de sexo”, “interesse sexual”, “prática de sexo”, “prática sexual”, “relacionado ao prazer sexual” e “encontro sexual”. Não se identificam nessas caracterizações sinalizadores discursivos explícitos de perversão da sexualidade. De outra parte, chamam a atenção as caracterizações “nociva, antiética e imoral”, que encerram um juízo de valor negativo em relação à prática de turismo sexual.

6.4.2.2 Professores do Rio Grande do Sul

Tendo agora presentes as respostas de professores das IES do Rio Grande do Sul e aplicando semelhantes procedimentos de redução aos das análises anteriores, são formuladas as figuras 24, 25 e 26 as quais se encontram a seguir.

Sujeitos	Respostas
1	Segmentação do mercado turístico quando pessoas viajam com a finalidade de encontros sexuais
2	É a exploração de crianças, jovens e adultos que utilizam o sexo para sobreviver em condições de exclusão social
3	É o turismo cujo objetivo é a exploração num país, para mim, em desenvolvimento
4	Uma busca específica visando satisfações diversas
5	Não tenho elementos para defini-lo
6	É o turismo que é dado pela oferta sexual
7	Prática turística na qual a motivação principal da viagem é a realização de encontros visando a satisfação sexual, sendo muitas vezes esta prática proibida ou difícil no local de origem do visitante

8	De duas formas, positiva o turismo sexual que é procurado por turistas por meio de casas noturnas e a forma negativa que tem que ser combatida que é o turismo de menores e desfavorecidos
9	O uso indevido da estrutura da cidade e da comunidade em geral
10	Exploração de pessoas, sobretudo grupos de risco como em situação de vulnerabilidade social em crianças
11	Acredito não ser turismo sexual e sim um problema de ordem social, onde os turistas utilizam garotas de programa

Figura 24: Definição de turismo sexual apresentada por professores respondentes das IES do Rio Grande do Sul

Observem-se, a partir das respostas, o conjunto de asserções articuladas no discurso.

Sujeitos	Asserções articuladas no discurso
1	Segmento caracterizado pela busca de encontro sexual
2	Exploração sexual de crianças, jovens e adultos vulneráveis
3	Turismo que objetiva a exploração em países em desenvolvimento
4	Busca específica para satisfações diversas
5	Sem elementos para definir
6	Turismo que oferta sexo
7	Prática turística com propósito de satisfação sexual e ocasionalmente ilícita no local de origem
8	Prática turística de encontro sexual ou de exploração sexual de menores vulneráveis
9	Uso indevido da estrutura e da comunidade
10	Exploração de pessoas, sobretudo grupos de risco como em situação de vulnerabilidade social em crianças
11	Acredito não ser turismo sexual e sim um problema de ordem social, onde os turistas utilizam garotas de programa

Figura 25: Asserções articuladas no discurso dos professores respondentes de IES do Rio Grande do Sul

Na continuidade da análise, leiam-se as categorias definitórias construídas, assim como as respectivas caracterizações e as asserções que lhes correspondem.

Categoria definitória e número total de asserções	Diferenças caracterizadoras	Asserções
---	-----------------------------	-----------

correspondentes		
Exploração sexual	Crianças	2, 10
	Jovens	(2)
	Adultos	(2)
	pessoas de grupos de risco	(10)
Segmento turístico	busca de encontro sexual	1
Turismo que/ Tipo	objetiva exploração em países em desenvolvimento	3
	oferta de sexo	6
	exploração de menores vulneráveis	(8)
Prática turística	satisfação sexual	7
	ocasionalmente lícita no local de origem	7
	encontro sexual de exploração sexual de menores vulneráveis	(8)
	de exploração sexual de menores vulneráveis	(8)
	busca por satisfações diversas	4
Uso indevido da estrutura da cidade e da comunidade	-----	9
Problema de ordem social	pelo uso de garotas de programa	11

Figura 26: Categoria definitiva de turismo sexual construída a partir das asserções articuladas no discurso dos professores respondentes de IES do Rio Grande do Sul

Analisando agora os dados sintetizados na figura anterior e procurando agregá-los ainda mais no sentido do processo de redução almejado, constata-se que as categorias “tipo de turismo” (“turismo que”), “prática turística” e “busca”, apresentadas como elementos definitórios compreendem o maior número de asserções, as quais, por sua vez, novamente se polarizam em exploração sexual aliada à exploração (de crianças, jovens, pessoas vulneráveis) e em busca de satisfação de desejos sexuais. Essa dimensão negativa, do ilícito, vem ainda reforçada pela própria categoria definitiva “exploração sexual” (vejam-se as

asserções 2 e 10) e naquelas em que se põe em relevo a problemática social aí envolvida, quer explicitamente, na asserção articulada 11, ou, implicitamente, na asserção 9 (“uso indevido da estrutura e da comunidade”).

Chama ainda a atenção a associação explícita que é feita entre exploração sexual e “países em desenvolvimento”, carreando, indiretamente, uma conotação de cenário de pobreza a abrigar tal situação. Por outro lado, a ideia de “negócio”, já constante do quadro relativo aos docentes de Alagoas, aqui como lá, aparece vinculada à promoção de experiência sexual, sem marcas semântica de perversão sexual ou de problema social associado à pobreza ou a pessoas socialmente vulneráveis. No que concerne à prostituição, esta é abordada na asserção 11 (“utilização de garotas de programa”), a qual a caracteriza como um problema social.

Em suma, guardadas algumas especificidades de cada um dos grupos de sujeitos (alunos e professores de cada e de ambos os estados), a análise interpretativa dos dados parece possibilitar uma aproximação entre o conjunto de asserções articuladas. Note-se, no entanto, que, em se tratando dos docentes, a dimensão da satisfação sexual assume proporção praticamente igual à dimensão da exploração sexual (13 e 10 incidências, respectivamente). Nesse sentido, utilizando a mesma representação gráfica, ter-se-ia, no presente caso, o seguinte diagrama:



Figura 27: Significados primeiros depreendidos de asserções dos professores respondentes das IES de Alagoas e do Rio Grande do Sul

7. PARA DISCUSSÃO/(RE)CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE TURISMO SEXUAL

No sentido de contribuir para a discussão/(re)construção do conceito de turismo sexual, na perspectiva de abordá-lo pedagogicamente na formação superior em Turismo, este trabalho teve como um de seus objetivos analisar a qualificação “sexual” atribuída ao fenômeno “turismo”, sob as lentes da Teoria das Representações Sociais e da sexualidade na perspectiva psicanalítica freudiana. O percurso analítico fez-se a partir da Identificação de representações sociais, inferidas de matérias de jornais e de respostas de alunos e professores, tendo por objeto o tema “turismo sexual”. Esse processo conduziu à elaboração de sínteses interpretativas, cujos principais tópicos serão agora resgatados no intuito de, recursiva e ciclicamente, construir uma nova síntese, desta feita, aproximando ambas as abordagens teóricas.

Com relação ao jornal Gazeta de Alagoas, foi possível perceber aspectos significativos que marcam a percepção da dimensão ilegal associada ao turismo sexual, dentre eles, a presença de termos como “contravenção”, “crime organizado”, “quadrilha”, “combate”, “prisão”, “vítimas”, explicitamente enunciados, denotando o entendimento do turismo sexual inserido nesse universo, particularmente relacionado à exploração sexual de crianças e adolescentes. Outro aspecto significativo observado diz respeito à ausência de marcações linguísticas, nos enunciados, sinalizadoras de negação, por parte dos locutores, de oposição à associação entre turismo sexual e exploração sexual de menores, reforçando o caráter ilegal aí implicado. Ainda é possível pontuar a ênfase à visão de ilicitude do fenômeno proporcionalmente ao combate que dele se faz, quer na voz dos locutores, quer a partir da heterogeneidade mostrada, ou seja, pelo discurso das figuras de autoridade.

Quanto ao Correio do Povo, contrapondo-o ao jornal alagoano, vale destacar a Identificação de concepções definitórias de turismo sexual igualmente centradas na exploração sexual de menores. Diferentemente, porém, do primeiro jornal, a heterogeneidade mostrada aparece de forma menos acentuada nas matérias – possivelmente em função da natureza destas – diluindo a presença de representantes institucionais vinculados ao combate desse tipo de exploração. Parece ainda relevante relembrar a associação do turismo sexual ao contexto de

pobreza, ao imaginário de outras situações de vida, ao tráfico de mulheres e a outros fenômenos ilícitos, instaurando o turismo sexual no cenário dos problemas sociais. Já temas como “erotismo” e “busca pelo prazer” são muito periféricamente abordados, de sorte que o fenômeno “turismo sexual” passa a ser mencionado praticamente associado a um único aspecto, configurando-se, de um lado, um fenômeno que se poderia denominar de metonímico e, de outro, um discurso institucional, pelo teor das matérias, de manutenção da viabilidade do sistema social.

Faz-se curioso aqui relevar que, quando inserido o termo de busca “turismo sexual” para cada um dos jornais *on line*, dentre as matérias selecionadas pelo sistema, havia aquelas em que claramente título e conteúdo versavam sobre o tema “turismo sexual” e outras que, embora tivessem como referente situações de pedofilia ou de crime contra crianças, não tinham qualquer relação direta com turismo sexual. Isso supõe terem sido levados em conta, na programação do sistema, critérios classificatórios vinculados a representações sociais assentadas na dimensão da criminalidade, vindo ao encontro do que se depreendeu na análise discursiva das respectivas matérias.

Não se poderia aqui deixar de recuperar, nesses contextos discursivos de ambos os jornais, alguns deslizamentos conceituais, intra e intertextos, que emergiram na análise polifônica. Predominantemente, o turismo sexual é, como se viu, aproximado à exploração sexual de menores, refletindo produções simbólicas compartilhadas por locutores radicados em pontos geográficos diferentes do País. Ao mesmo tempo, porém, esta é textualizada, pontualmente, como algo que ocorre em paralelo ao turismo sexual, ou inserido no turismo. A exploração sexual de menores manifesta-se, ainda, discursivamente, como uma motivação do turismo sexual. Tais deslizamentos parecem assim sinalizar a formação de ideias, imagens, concepções estruturadas numa perspectiva sócio-histórica, como produto social, e simultaneamente estruturantes de novas interpretações. Ter-se-iam então representações sociais não sedimentadas, mas fluidas.

Em se tratando, porém, de inferências discursivas, há que se ter presente que a voz social do jornal se instaura no jogo polifônico entre o sujeito empírico, ser bio-psicossocial, encarregado de toda atividade psicofisiológica, e o sujeito jornalista locutor, autor dos atos ilocutórios, responsável pelo sentido construído no enunciado e que opera o discurso a partir da ligação da linguagem com o contexto institucional/social (no caso, o jornal, a mídia). Na enunciação, portanto, sobrepõem-

se papéis e vozes, dificultando pontuar quando cada sujeito entra/está em cena. Assim sendo, parece possível considerar a hipótese de que os deslizamentos conceituais Identificados poderiam estar eventualmente atrelados a essa ambiguidade empírico-enunciativa, aos limites difusos entre os universos conceituais enunciados e de seus enunciadores.

Relativamente às respostas de alunos e professores, estas, correspondendo à formulação de uma definição de turismo sexual, permitiram inferir do discurso como o fenômeno se lhes apresenta. Para ambos, o foco definatório recaiu basicamente sobre a exploração sexual e sobre a busca de satisfação sexual, diferindo a incidência com que esses aspectos foram mencionados pelos sujeitos: incidência maior do foco na exploração sexual, no caso dos alunos; com semelhante incidência, no caso dos professores.

Os alunos referem, em suas definições, a exploração sexual de crianças, mulheres, homossexuais, adultos e adolescentes e a associam, também, à prostituição. Termos como “crueldade”, “ilegalidade”, “criminalidade” ratificam o foco sobre a ilicitude do turismo sexual, assim como sobre o que se constitui uma problemática social.

Entre os professores, aparece a ideia de negócio vinculada à promoção de experiência sexual, sem marcas semânticas de exploração sexual ou de problema social associado à pobreza ou a pessoas socialmente vulneráveis. Por outro lado, em alguns enunciados, associando-o a países em desenvolvimento, o turismo sexual vem abrigado pelo cenário de pobreza. Chama a atenção, ainda, o fato de que, tanto alunos, quanto professores inserem em suas categorias definitórias elementos técnicos afetos à área do turismo, na medida em que este é objeto de estudo de ambos os sujeitos.

Em se tratando, pois, de representações sociais, esse conjunto de elementos trazidos à presente síntese poderiam ser reportados aos supostos de Durkheim, citados por Moscovici (ver item 4.3.2). Se, para o teórico, a compreensão do conhecimento e das crenças complexas de uma sociedade não parte do individual; se conhecimento e crenças têm origem na interação mútua; se ideias e crenças têm seus alicerces em estruturas específicas como igrejas, famílias, movimentos sociais, estão aí as instituições “mídia” e “Academia”, nesse jogo de interação, a alimentar e a ser alimentadas por modelos simbólicos, por imagens e valores afetos ao turismo sexual: este, na mídia, interpretado e reinterpretado em um

universo conceitual objetivado e ancorado prioritariamente na exploração sexual que ocorre no cenário do turismo (fato social de natureza ilícita, cuja ocorrência é enunciada como pressuposto), a qual passa a instituir-se como elemento básico definatório do fenômeno; na Academia, Considerando o conjunto de alunos e professores, turismo sexual é interpretado e reinterpretado num universo conceitual objetivado e ancorado, também e de forma significativa, na busca da satisfação sexual orbitada igualmente no contexto do turismo. São essas as representações que, pelo veio da análise discursiva, estariam a (re)construir-se nas influências recíprocas estabelecidas entre mídia e sociedade, entre mídia e Academia, entre professores e alunos.

Voltando agora as lentes analíticas à luz da abordagem psicoantropológica que caracteriza a psicanálise segundo Freud, uma outra leitura pode ser feita no intuito de discutir o conceito de turismo sexual. Nesse sentido, assumindo o pressuposto de que a sexualidade constitui o cerne do sistema de compreensão da vida mental dos sujeitos e da organização social, mostra-se como um caminho a ser tomado recorrer ao discurso freudiano da organização dos grupos sociais, ou seja, ao discurso fundante de acesso à cultura, de reconhecimento do interdito que viabiliza o social, impondo como necessária a repressão da sexualidade e da agressividade.

Como já se fez menção anteriormente, a sexualidade permeia a vida humana de forma profunda e integral, na medida em que se trata de impulsos humanos originalmente polimorfos, amorais, perversos e submetidos aos ditames e à urgência da instância mais profunda do aparelho psíquico: o Id. Assim, para que o sujeito aceda à cultura, para que se integre à lógica normativa que constitui a base do convívio social, é necessário que o Ego opere na direção de reprimir impulsos e lembranças, dando adequado destino às pulsões e aos traços da memória que envolvem objetos e formas de prazer inviáveis de serem acolhidos ou aceitos pelo próprio sujeito e pela sociedade, pois comprometem a viabilidade das relações e a gregariedade humana. Trata-se, sobretudo, da repressão dos impulsos/ideias/desejos perversos, incluindo desde práticas que afrontam sistemas elementares de valores de um grupo de referência e familiar, como relações extraconjugais em determinadas culturas, por exemplo, até práticas transgressoras de abrangência jurídico-legal, como a pedofilia. A repressão instaura-se, assim, como base para a ordem social através do deslocamento das ideias/impulsos

proibitivos para outros objetos e processos aceitos e valorizados pelo grupo em que os sujeitos se constituem.

Portanto, elementos pulsionais “inconcebíveis” não podem ser aflorados na sua forma original. Devem ser mantidos encobertos ou devem deslizar por conteúdos que metaforizam os elementos originais, viabilizando algum grau de satisfação. Essa é razão pela qual a sexualidade assume formas de tabu em praticamente todas as sociedades humanas; esse é o processo que constrói a concepção de inerência social da sexualidade como prática que está submetida a regras morais; essa é a base que explica a tendência de o tema “sexualidade” ser evitado, ser desconfortável e ser tratado com desvios e cuidados em qualquer âmbito²⁷; essa é também a razão de a sexualidade se constituir em assunto pelo qual as pessoas particularmente se interessam e para o qual dirigem sua atenção, ainda que o discurso perlocutório seja tonalizado pela “repreensão”²⁸; e por fim, essa é ainda a razão que justifica a associação do termo “turismo sexual” com a ideia de sexualidade transgressora, pois tudo o que se refere ao sexual, para ser aceito, deve ter outro nome, e toda busca sexual deve ser velada, colorida com tons que disfarçam sua origem.

Se a cultura falha na propagação do discurso que funda o regramento social, a transgressão se instala, desestabilizando a ordem que viabiliza a manutenção dos sistemas de comportamentos humano/coletivo.

É nessa perspectiva que, no contexto contemporâneo, a mídia, como representante privilegiado da instituição social, assume o discurso fundante, dele sendo portadora. Como denunciante dos fatos e das práticas transgressoras, os jornais fortalecem o discurso de ordem que viabiliza a organização das relações humanas na sociedade. Trata-se, pois, da marca social ecoada pela voz da mídia.

Lipovetsky (2007) fala de um mundo pós-moderno, de uma “era do vazio”, em que se dá concomitantemente o avanço do processo de personalização e o recuo do processo disciplinar; em que se diversificam e se multiplicam possibilidades

²⁷ Exceção deve ser feita aos contextos em que a temática da sexualidade é estimulada, tolerada, ou integra a cultura em grupos de pares, embora, também nesses âmbitos, sejam adotadas estratégias de proteção e sigilo. Exemplo dessa situação são os diálogos sobre experiências sexuais entre adolescentes, dentre outros

²⁸ O reconhecido impacto social de notícias que referem transgressões sexuais (pedofilia, incesto, estupro, entre outras) com repercussões econômicas de vulto para os meios de comunicação, expressa um dos meios encontrados pelas pessoas para “olhar, espiar, lembrar o proibido” e para obter, mesmo que de forma velada, algum prazer transgressor.

de escolha, se liquefazem marcos de referência, minando e pulverizando o ideal moderno de subordinação do individual às regras racionais coletivas e instituindo a realização pessoal como um valor fundamental. Nesse mundo, que qualifica como “era do hiperconsumo”, da “felicidade paradoxal”, exacerba-se o desejo do indivíduo de ser plenamente ele próprio e de gozar a vida, assim como o culto a sensações imediatas, a sensações dos prazeres do corpo e dos sentidos.

Se tomado como referência o cenário pós-moderno de Lipovetsky (2007), poder-se-ia então dizer que a sociedade se alterou de forma a afrouxar os anteparos que contêm a perversidade do homem no seu cotidiano, abrindo espaço para o gozo pela via da transgressão real, tornando difusas as fronteiras entre o perverso e o “saudável”. Esse *homo consumericus*, da sociedade do hiperconsumo – como Lipovetsky denomina –, é também o *homo sexualis* de uma líquida sociedade, que vê arrefecer os elos que distanciam a sublimação dos objetos originais, comprometendo as condições que asseguram a ordem social, tal como proposto por Freud. Diz Bauman, em sua obra “Amor Líquido” (2004, p. 75-76), reportando-se ao *homo sexualis*:

Todas as formas de atividade sexual não são apenas toleradas, mas freqüentemente (*sic*) indicadas como terapias úteis para uma ou outra forma de enfermidade psicológica, e cada vez mais aceitas como vias legítimas na busca individual da felicidade, sendo estimulada a sua exibição em público. (A pedofilia e a pornografia infantil constituem possivelmente os únicos escoadouros do impulso sexual que continuam sendo quase que unanimemente execrados como perversos. [...]) Os objetos “socialmente úteis” oferecidos para descarga social não precisam mais ser disfarçados como “causas culturais”. Eles desfilam, com orgulho, e, sobretudo, grandes benefícios, sua sexualidade endêmica ou inventada.

Nesse cenário de permissividade dos comportamentos sexuais e de puerilidade relacional, o discurso fundante, que demarca os limites da transgressão da lei e que viabiliza a organização dos grupos humanos, é ampliado pela voz da mídia, dentre outras instituições, de modo a (re)estabelecer a ordem social como um mecanismo autorregulatório a ecoar no imaginário coletivo.

Ora, a leitura que se fez das respostas de alunos e professores de ambos os estados brasileiros, tendo por referência a análise realizada sobre representações sociais e, agora, considerando contributos da psicanálise segundo Freud, remete, de igual forma, a uma visão sintética, à configuração de dois grandes polos definitórios: exploração sexual de menores (leia-se perversão sexual), de um lado; busca pela satisfação sexual (ou busca do prazer sexual), de outro.

Como se vê, em relação ao primeiro polo, a qualificação do turismo sexual encerra a conotação da transgressão, do ilícito, da não repressão dos instintos perversos, refletindo o discurso norteador do modelo da organização social, tendo por base os supostos freudianos. Isso fica evidenciado em fragmentos de expressões como “algo muito errado”, “mácula social”, “atividade nociva, antiética e imoral”, “prazer sem consciência”, “sexo livre e sem limites”, “só vontade de relação carnal”, as quais traduzem juízos de valor. No discurso de alunos e professores parece assim ecoar os mesmos elementos que ecoam da voz da mídia, o que pode indicar que essa é a voz social que também predomina na Academia.

Especificamente no que tange ao discurso dos alunos, uma hipótese é a de que nele poderia estar ecoando também a voz dos próprios professores, num processo em que a formação e a identificação se aglutinam no fenômeno da aprendizagem.

Ainda no universo de hipóteses aventadas na direção de buscar explicações para a tendência dos alunos de estabelecerem o foco definatório de turismo sexual sobre a tônica da perversão, pode-se considerar que estes se encontram num período particular do ciclo vital de seu desenvolvimento. Este período, caracterizado pelo ingresso na faixa de jovem adulto, tende a promover uma “volta” aos vínculos estabelecidos com as figuras parentais, reassumindo padrões da cultura original, de forma a consolidar a identidade adulta. Nesse sentido, o lugar da sexualidade volta a ser ressignificado à luz dos processos repressivos.

É pertinente ressaltar que o cenário pós-moderno, no qual “[...] os poderes constituídos não mais parecem interessados em traçar a fronteira entre o sexo ‘correto’ e o ‘perverso’” (BAUMAN, 2004, p.76), poderia indicar uma tendência contrária no discurso dos jovens, de menor valor repressivo, ou de maior liberalidade, Considerando sua exposição à macrocultura em que estiveram inseridos ao longo de suas vidas. No entanto, há que considerar, também, que a flacidez das “redes de contenção” social facilita as práticas transgressoras, mas não a legitimam, pois o “ganho”, o prazer, está na transgressão, o que caracteriza o perverso, e por isso não se inserem no discurso formal dos sujeitos.

No que se refere ao outro polo definatório do discurso dos alunos – o que define turismo sexual como busca da satisfação do desejo sexual, da busca do prazer – uma interpretação possível é a de que possa estar refletindo a “voz científica” da Academia, a assunção de uma postura de isenção frente ao fenômeno,

de compreensão/aceitação do homem (ser bio-psicossocial), isento de juízos de valor.

Por outro lado, chama a atenção que esses mesmos acadêmicos, aprendentes de ou especialistas em turismo, que trazem às suas respostas conceitos de ordem técnica relacionados à área, cujo discurso estaria colocando-os na posição de cientistas, ao conferirem à busca de satisfação do desejo sexual o elemento definatório de turismo sexual, não tenham feito referência a segmentos turísticos em cuja denominação não aparece o termo “sexual”, mas que têm por finalidade primeira (não declarada) propiciar experiências de prazer sexual inseridas socialmente no âmbito da “normalidade”. Não há qualquer menção sobre “turismo de lua de mel”, por exemplo.

De outra parte, a considerar que aqui se aventam, à luz da psicanálise freudiana, hipóteses explicativas a conceitos depreendidos do discurso, não se poderia, indo ao extremo, descartar a possibilidade de que as definições estariam refletindo um processo de pensar que subtrai a conotação de perversidade, constituindo bases para a sustentação de pilares teórico-práticos para as atividades profissionais do turismo que legitimem o gozo contemporâneo pela transgressão, pelo ilícito.

O conjunto de reflexões efetivadas na busca de uma síntese interpretativa das manifestações discursivas tendo por objeto o turismo sexual, revelam a abrangência e complexidade do conceito de turismo sexual e a necessidade de discuti-lo, colocá-lo em questão, no sentido de contribuir para sua (re)construção – objetivo deste trabalho –, particularmente quando se tem por horizonte inseri-lo na formação do turismólogo. Essa complexidade se expressa, inclusive, nos diferentes tempos e espaços em que os conceitos se cruzam e são discursados no meio social. Veja-se que, ao mesmo tempo em que, na voz de organismos oficiais (conforme identificado nas matérias jornalísticas), o turismo sexual tem como elemento definatório básico a exploração sexual de menores (Turismo sexual é exploração sexual de menores), o Ministério do Turismo já refere “exploração sexual **no** turismo”, indicando o entendimento de que a exploração sexual pode ocorrer no turismo. No entanto, abandona a terminologia “turismo sexual”, sem atribuir-lhe outros elementos caracterizadores.

A discussão acerca do conceito de turismo sexual, quer à luz da Teoria das Representações Sociais e da psicanálise freudiana, quer à luz de outras teorias que

se venha a eleger, permite que se avance na distinção entre o fato (exploração sexual perversa) que, não se está a negar, ocorre no cenário do turismo – e que pode/poderia ocorrer em muitos outros – e a instituição desse fato como elemento definatório de turismo sexual, por meio de um processo metonímico. Permite igualmente avançar na compreensão de tabus em relação ao termo “sexual”, por associação deste à sexualidade transgressora, ao que precisa ser reprimido, “esquecido”, precisa estar alheia à vida consciente dos sujeitos; tabus esses que estão subjacentes a verbalizações metafóricas de substituição do termo “sexual” por outros socialmente aceitos.

Embora redimensionamentos conceituais sejam produzidos processualmente, no decurso de tempos diferentes – cuja duração tende a ser maior quanto maior for o universo social de abrangência do conceito, seu enraizamento no imaginário coletivo –, a discussão do conceito de turismo sexual, da qualificação “sexual” atribuída ao termo “turismo”, em âmbito acadêmico (de acordo com os resultados da pesquisa) e em diferentes setores e instâncias da sociedade, permitirá avançar na compreensão. Mesmo que em passos lentos, poder-se-á avançar, também, no reconhecimento de que há um lugar pertinente, sadio, e adequado para atender à demanda do turista na sua busca humana de prazer (não ilícito e/ou perverso), de satisfação erótica, e de reconhecimento de que é possível – e que muitas vezes já se considera essa dimensão – planejar roteiros, planos e projetos inserindo, com sensibilidade e respeito às normas sociais vigentes, alternativas que propiciem aproximação entre pares, clima romântico, a realização de fantasias, dentre outras alternativas. Nessa direção, fala-se da importância de o profissional do turismo reconhecer o desejo de natureza sexual do turista como um desejo humano, que não se constitui perverso ou ilícito *a priori*, pois já deslizou por significações toleradas pelo Ego. Fala-se, pois, da necessidade de inserir na formação acadêmica processos que ativem reflexões sobre o homem, sobre suas dimensões ético-morais e constitutivas, separando o que é perverso e ilícito do que é legítimo e plausível propiciar.

Lembrando, com Morin (2008, p. 104), que “[...] conhecer é negociar, trabalhar, discutir, debater-se com o desconhecido que se reconstitui incessantemente [...]”, muito há ainda a dialogar com o conceito de turismo sexual, buscando, por múltiplas leituras analíticas, compreendê-lo e as percepções que dele têm a Academia e a sociedade, rompendo fronteiras demarcatórias de conhecimento

e criando espaços para que, em sadio jogo polifônico, tenham voz aqueles que se dedicam a estudar o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RETOMANDO A PERSPECTIVA DO TEMA *INSERÇÃO DO CONCEITO DE TURISMO SEXUAL NA GRADUAÇÃO EM TURISMO*

Desde a apresentação deste trabalho, ficou expressa minha inquietação, quer em relação ao fenômeno “turismo sexual” em si, quer em relação à desinformação que os estudantes dos cursos de graduação em Turismo mostravam ter a respeito. Essa inquietação tornara-se ainda maior, pelo entendimento de que a solução que parecia ser a de caráter mais simples e imediato, ou seja, inserir o tema como objeto de estudo específico na graduação, pressupunha ampliar e aprofundar a compreensão do fenômeno “turismo sexual”, como também perspectivá-lo nas complexas relações que se estabelecem entre ciência, educação e sociedade, entre ensino e aprendizagem e entre esses dois universos relacionais.

No percurso das reflexões, essa abordagem de cunho pedagógico foi posta entre parênteses, porquanto uma nova questão emergiu remetendo os rumos da discussão para o próprio conceito de turismo sexual, mediante a compreensão de que aí se instituíra um objeto de investigação a ser preliminarmente abordado.

As conclusões a que se chegou vieram, ao que se viu, confirmar a propriedade da direção dada à investigação, tendo sido reafirmadas a complexidade do universo conceitual do turismo sexual, a necessidade de ainda revisitá-lo sob outras luzes teóricas – diversas daquelas que foram eleitas para esta pesquisa –, como também de identificar novas relações e implicações nos contextos humano, social e do próprio turismo. Eis por que me vejo, neste momento, com um novo olhar, a entrever, na continuidade desse processo, um novo projeto a ser esboçado, porém, tendo em conta não mais apenas a inserção de um tema na graduação, mas a inserção de um complexo universo conceitual cuja discussão está/estará em processo, num contexto educacional que se mostra igualmente complexo em relações. E essa complexidade faz-se tanto maior, quanto mais se tem presente que a formação superior em Turismo – como, de resto, ocorre nas diferentes áreas do conhecimento – trará as marcas do modo como se tece a rede de relações da universidade com a realidade histórico-social, cultural, política em que se inscreve e com o modo de produzir e disseminar o conhecimento científico.

A universidade é uma instituição que faz parte do projeto social que a institui, sendo assim parcela e reflexo do projeto de manutenção ou de transformação de uma sociedade. Somente com esse entendimento, ressalta Paviani (1986), a organização e o desempenho universitários não serão marcados por rotinas e inércia, estando ajustados às necessidades sociais. Por outro lado, para atender suas funções nesse universo, é indispensável que fundamente seus conhecimentos e práticas na ciência. Esta, por sua vez, adquire reconhecimento sociocultural quando cultivada na universidade, a qual a legitima.

Nessa mútua relação, a universidade tem desempenhado seu papel de conservadora – preservando e salvaguardando o conhecimento (em particular, do conhecimento científico) –, de regeneradora – reexaminando-o e atualizando-o – e de geradora – criando-o e inovando-o (MORIN, 2002a), com reflexos na concepção e nas práticas de pesquisar e de ensinar. Assim, historicamente, a organização do conhecimento acadêmico tem refletido os paradigmas epistemológicos nas suas formas consolidadas ou em suas rupturas ou crises.

É nesse quadro que se instaura o longo período em que as práticas universitárias foram marcadas pelo paradigma da ciência moderna, o qual se baseou no princípio do determinismo absoluto, da ordem, da previsibilidade, de que são as leis da natureza que regem o universo. A natureza passou a ser entendida como eterna e irreversível, constituindo um mecanismo cujas peças, uma vez desmontadas, podem ser relacionadas configurando teorias e leis (SANTOS, 2001). Nessa perspectiva,

a certeza da validação da explicação não poderia ser fornecida através da simples demonstração utilizando argumentos lógicos (verdade sintática), de acordo com o modelo aristotélico, mas pelas provas construídas e elaboradas de forma matemática com as evidências quantitativas dos fatos produzidos pela experimentação. O critério da verdade, para a ciência moderna passaria a ser o da correspondência entre o conteúdo dos enunciados e a evidência dos fatos (verdade semântica) (KÖCHE, 1997, p. 51-52).

Nesse contexto, o conhecimento científico derivava de processo indutivo baseado na observação minuciosa, objetiva, neutra e mensurável das relações quantitativas existentes entre os fatos. A ciência pressupunha a separação do sujeito e do objeto, a eliminação da subjetividade. Essa marca da separabilidade, da disjunção se fez presente na disciplinarização do conhecimento, na

compartimentação do conhecimento no interior das disciplinas, na separação entre ciência e cultura humanista, artística, entre ciência e filosofia.

Citando Heidegger, Paviani (2005) observa que as ciências passaram a distanciar-se umas das outras, em uma dispersa multiplicidade, mantida pela organização técnica da universidade, fixada pelas finalidades práticas das especialidades, tendo desaparecido, no enraizamento das ciências, seu fundamento essencial. Morin (2008, p. 119) vai ainda mais longe ao afirmar que a hiperespecialização dos saberes disciplinares reduziu a migalhas o saber científico. Em decorrência disso, “[...] todos os conceitos molares que abrangem várias disciplinas [foram] esmagados ou lacerados entre essas disciplinas, [não sendo] reconstituídos pelas tentativas interdisciplinares”.

Mais do que a hiperespecialização, o autor ressalta ainda o risco de “coisificação” do objeto estudado, que passa a ser percebido como autossuficiente:

[...] as ligações e solidariedades desse objeto com outros objetos estudados por outras disciplinas serão negligenciadas, assim como as ligações e solidariedades com o universo do qual ele faz parte. A fronteira interdisciplinar, sua linguagem e seus conceitos próprios vão isolar a disciplina em relação às outras e em relação aos problemas que se sobrepõem às disciplinas (MORIN, 2002a, p. 106).

A perda dessas ligações conduz assim à perda das funções básicas do saber científico, que deixa de ser pensado e discutido pelos cientistas no sentido de esclarecer sua visão de mundo e, nele, a sua ação. O saber é produzido para ser armazenado em bancos de dados e manipulado por poderes anônimos (MORIN, 2008, p. 120).

Desse paradigma científico derivaram o dogmatismo e o cientificismo da ciência moderna, que criaram uma atmosfera de objetividade e verdade, tão desejada desde a contestação da subjetividade apresentada no período grego.

Foi o reconhecimento das humanidades como ciências, o princípio da relatividade e as revoluções da física quântica que, na segunda metade do século XX, iniciaram o processo de ruptura com a ciência moderna, colocando em discussão a certeza dos fatos dados pelo modelo científico-experimental. O progresso alcançado, paradoxalmente, acabou pondo em xeque os próprios alicerces que lhe davam sustentação: com a física, desmoronou-se o princípio da ordem; com a teoria dos sistemas, a separabilidade perdeu seu valor absoluto e a idéia de causalidade linear foi rompida; no âmbito da lógica, mostraram-se os limites

da indução. Assim, com a instauração de um novo modo de pensar o conhecimento científico, advindo das contribuições, sob ângulos diversos, de Kuhn, Duhem, Planck, Bohr, Heisenberg, De Broglie, Einstein, Popper, entre outros pensadores, o critério da verdade deixou de conferir ao conhecimento o estatuto de científico. A ciência passou a construir-se sobre a procura crítica da verdade, sobre o contínuo questionamento das teorias e dos processos de investigação, “[...] consciente de todas as suas limitações e do esforço crítico de submeter à renovação constante seus métodos e suas teorias. A atitude científica [...] passou a ser atitude crítica” (KÖCHE, 1997, p.79).

Sintetizando esse novo cenário epistemológico, Morin (1998) observa que é no encontro da ordem e da desordem que se produzem organizações; o que é específico a um sistema organizado decorre da produção de novas qualidades – as emergências -, as quais retroagem sobre o todo, na medida em que “[...] é deste modo que a organização viva produz um determinado número de qualidades como a autoprodução, a auto-alimentação, a auto-reparação (sic)..., qualidades que não se encontram nas partes, mas que delas se beneficiam” (p.243). Finalmente, segundo ele, “[...] nenhum sistema tem capacidade de trazer, em si mesmo, a prova da sua consistência, de se dar uma certeza suficiente apenas com seus próprios recursos” (p. 246), o que remete à possibilidade de encadear a lógica tradicional a transgressões lógicas essenciais para uma racionalidade aberta. Eis onde se configura o pensamento que Morin denomina “complexo”, no qual a união (“o tecido em conjunto”), opõe-se à disjunção; a impredictabilidade opõe-se à certeza; a racionalidade aberta opõe-se à racionalidade fechada.

Sob outro viés analítico, porém num mesmo “confronto” com a ciência moderna, Lyotard (2000) acentua as transformações ocorridas em relação à crise dos grandes relatos (“metarrelatos”) que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes no final do século XIX, crise de conceitos como o de totalidade, verdade, progresso, crise do discurso filosófico-metafísico de atemporalidade e de universalidade. A pós-modernidade vem trazer a possibilidade de reflexão crítica sobre a imprevisibilidade do real, fazendo-se contrária ao consenso conservador dos especialistas da ciência: muda o estatuto do saber em relação aos referentes, aos produtores e aos destinatários. A estreita relação da ciência e da tecnologia, constitutiva da tecnociência, torna a instrumentalização do processo científico tão

importante quanto a teoria, encaminhando uma revisão das relações entre teoria e método (PAVIANI, 2005).

Como já enunciado desde o prefácio de *A condição pós-moderna*, de Lyotard (2000), a era pós-industrial vê ocorrer uma modificação na natureza da ciência provocada pelo impacto das transformações tecnológicas sobre o saber, num cenário cibernético, informático e informacional.

A 'crise' do saber científico, cujos sinais se multiplicam desde o fim do século XIX, não provém de uma proliferação fortuita das ciências, que seria ela mesma o efeito do progresso das técnicas e da expansão do capitalismo. Ela procede da erosão interna do princípio de legitimação do saber. Esta erosão opera no jogo especulativo, e é ela que, ao afrouxar a trama enciclopédica na qual cada ciência devia encontrar seu lugar, deixa-as se emanciparem (p. 71).

Na atividade científica, a ciência ("um modo de organizar, estocar e distribuir certas informações" (p. ix) vem sendo concebida como tecnologia intelectual, "[...] ou seja, como valor de troca e, por isso mesmo, desvinculada do produtor (cientista) e do consumidor. Uma prática submetida ao capital e ao Estado, atuando como essa particular mercadoria chamada força de produção" (p. x).

Nesse cenário, passa a ser legitimado o critério do desempenho, do poder, da eficácia, da otimização da performance do sistema. O saber se institui como valor de troca e está para ser vendido e consumido. Como mercadoria, torna-se matéria-prima indispensável às competições entre nações, que duelam pelo domínio da informação.

A administração da prova, que em princípio não é senão uma parte da argumentação destinada a obter o consentimento dos destinatários da mensagem científica, passa assim a ser controlada por um outro jogo de linguagem onde o que está em questão não é a verdade, mas o desempenho, ou seja a melhor relação input/output. O Estado e/ou a empresa abandona o relato da legitimação idealista ou humanista para justificar a nova disputa: no discurso dos financiadores [da pesquisa] de hoje, a única disputa confiável é o poder. Não se compram cientistas, técnicos e aparelhos para saber a verdade, mas para aumentar o poder (LYOTARD, 2000, p. 83).

Entretanto, se este pensar positivista da eficiência estaria a reduzir a ciência à dimensão de mercadoria, Lyotard (2000, p. 99) adverte que, "[...] em alguns casos típicos, a pragmática do saber científico pós-moderno tem, nela mesma, pouca afinidade com a busca do desempenho". O saber pós-moderno não é apenas

instrumento do poder, pontua ainda o filósofo. Sob esse ângulo, assinala que a evolução da ciência está vinculada à pesquisa, ao contra-exemplo, à legitimação da argumentação e do paradoxo, por meio de novas regras do jogo argumentativo. Há que se reconhecer o convívio harmonioso com as diferenças, o saber que percebe anomalias e constrói novos conceitos. A ciência pós-moderna traça seu percurso como descontínuo, “[...] torna a teoria de sua própria evolução descontínua. [...] Produz não o conhecido, mas o desconhecido” (p.108). Ela revê a noção de previsibilidade, pois a incerteza é proporcional à precisão. Ela “não encontra sua razão de ser na homologia dos experts, mas na paralogia dos inventores” (p.xvii).

Por outro lado, se, do ponto de vista epistemológico, tem-se a abertura para o questionamento, para a crítica, para a não disciplinarização, do ponto de vista da organização acadêmica, estruturas cristalizadas continuam, mesmo nos dias de hoje, resistentes a mudanças, o que se reflete principalmente na concepção e na estrutura curriculares. Morin (1998) aponta a necessidade de uma reforma do pensamento que pressupõe uma reforma do ensino, o qual, por sua vez, supõe, ciclicamente, uma reforma de pensamento. Entretanto, segundo o autor, a imensa máquina da educação é rígida, inflexível, fechada, burocratizada, estando muitos professores arraigados a seus hábitos e autonomias disciplinares, privilegiando, no ensino, a separação, em vez da ligação; privilegiando a análise, em vez da síntese; a acumulação estéril, em vez da contextualização, da “ecologização” do pensamento (MORIN, 2002a).

Frente a esse quadro esboçado nestas primeiras incursões teóricas, tendo por horizonte a inserção, na graduação em Turismo, de um tema tão complexo como o turismo sexual, outro aspecto que, em princípio, teria de ser trazido à reflexão seria o perfil do bacharel em Turismo traçado como ideal a ser alcançado e para cujo desenvolvimento a ação pedagógica deveria contribuir. Na medida em que uma das funções da universidade é a formação profissional, os processos formativos aí implícitos estão intimamente relacionados com o perfil de profissional almejado, com o desenho que se faz, não só de sua atuação e intervenção no mundo do trabalho e dos referenciais ético-políticos, socioculturais e científicos pelos quais estas seriam pautadas, como também de sua forma de relacionar-se com o conhecimento. “Os fins da educação, diz Paviani (1986, p. 32), têm como pressupostos uma determinada concepção de homem, de sociedade, da cultura, dos valores, do comportamento [...]”.

Penso que os sete saberes necessários à educação do futuro elencados por Morin (2002b) poderiam constituir-se num perfil macro de profissional, pois, antes de tudo, o bacharel em Turismo é um indivíduo cidadão. Num contexto de estoques infindáveis de informações, de mercantilização do saber, da regra da “performance”, da solicitação de competências para assumir “postos pragmáticos de que necessitam as instituições” (LYOTARD, 2000, p. 91), mostra-se fundamental que ele saiba conhecer o que é conhecer, tenha claro que “o conhecimento não é uma ferramenta ready made que pode ser utilizada sem que sua natureza seja examinada (MORIN, 2002b, p. 14) e, ao mesmo tempo, que saiba apreender problemas globais e fundamentais para neles inserir conhecimentos parciais e locais, que saiba apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto (E vimos a complexidade do universo conceitual de turismo sexual!...). Espera-se que domine métodos de estabelecer relações mútuas e influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo, reconheça a identidade e a solidariedade planetárias e a cidadania terrestre (E pensar no conhecimento sendo controlado na sua produção e consumo, tornando-se instrumento de controle econômico e social, instrumento de poder!...). Espera-se que saiba enfrentar as incertezas, saiba compreender, pois que a compreensão é a um só tempo meio e fim da comunicação humana. Nesses saberes está incluído o entendimento de que o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico e que, por essa razão, é preciso saber organizar conhecimentos dispersos nas ciências da natureza, nas ciências humanas, na literatura, na filosofia.

Mas esse mesmo indivíduo cidadão profissional deverá também reunir saberes relacionados ao turismo – área, por natureza, multidisciplinar, cuja epistemologia, é pertinente considerar, ainda está se buscando construir.

Relembro aqui as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Turismo, segundo as quais se deve ensinar condições para que

[...] o bacharel esteja capacitado a compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e culturais relacionadas com o mercado turístico e de seu gerenciamento, observados os níveis graduais do processo de tomada de decisão, apresentando flexibilidade intelectual e adaptabilidade contextualizada no trato de situações diversas, presentes ou emergentes, nos vários segmentos do campo de atuação profissional (RESOLUÇÃO CNE/CES nº. 13, de 24 de novembro de 2006, art.3º).

Relembro também, particularmente, alguns fragmentos do livro, de Luiz Gonzada Godói Trigo, “A sociedade pós-industrial e o profissional em Turismo” (2001), os quais penso ser oportuno retomar:

O turismo é uma especialidade que está crescendo no mundo, conforme os problemas originados por seu desenvolvimento se tornam cada vez mais específicos e complexos e exigem análises, métodos e soluções apropriadas (p.162).

[...] é preciso saber discernir entre as bases do conhecimento humano que alicerçam a ética, a educação e a política, das modas passageiras geradas em determinados contextos históricos. Estas últimas podem ser alteradas, ignoradas ou até mesmo eliminadas à medida que os períodos históricos se transformem; as primeiras permeiam qualquer tipo de sociedade pretensamente justa e participativa. A luta é contra a ignorância, a intolerância e a visão unilateral. [...] A luta é também contra a esclerose conceitual que impede as pessoas de compreender as mudanças, levando-as a um processo de cegueira situacional (TRIGO, 2001, p. 202).

Quando se reflete sobre a possibilidade de equacionar o perfil de bacharel nacionalmente almejado, o crescimento do turismo e dos problemas a ele correspondentes e a necessidade de fazer frente a modismos, a “esclerose conceituais”, de “discernir as bases do conhecimento humano”, eis que a pergunta inicial torna-se cada vez mais complexa e exige que sobre ela se debruce com bases científicas, tal a diversidade de variáveis implicadas. Nesse sentido, conjecturar sobre como inserir o tema “turismo sexual” como objeto de estudo na graduação em Turismo remete-nos a incluir, nestas reflexões iniciais, dois outros elementos: desenho de estrutura curricular e abordagem epistemológico-pedagógica.

Seria o caso de criar uma disciplina cujo objeto de estudo fosse turismo sexual? Ou seria o caso de instituí-lo como tema transversal, como um problema a ser interdisciplinarmente estudado? Parece-me que, a considerar o perfil de profissional antes referido, a disciplinarização do currículo e seus desdobramentos no processo de conhecer (o que abordei ao falar da disjunção dos saberes a que conduziu a ciência moderna), assim como os conceitos de disciplinaridade e interdisciplinaridade, talvez se devesse ponderar sobre possíveis relações entre aqueles elementos e deles com o papel científico-social da instituição universitária.

A discussão sobre disciplina curricular requereria que se resgatassem suas origens na história da ciência e da universidade. No entanto, ainda que esse estudo seja deixado para um outro momento, dois outros aspectos para os quais Paviani

(2005) chama a atenção poderiam ser mencionados ampliando estas reflexões preliminares: de um lado, a definição de disciplinas como arranjos lógicos e político-administrativos que atendem a padrões de racionalidade de uma dada situação histórica, refletindo pressões externas, ou o resultado do embate de autoridades científicas e pedagógicas para impor, excluir, consagrar determinado tipo de conhecimento; de outro, o entendimento de que, como qualquer produto cultural, o conhecimento tende a se padronizar, refletindo a tensão entre a tradição e a renovação. Além disso, observa que o termo “disciplina”, como componente curricular, encerra também a marca semântica de ação disciplinar, de sujeição à aprendizagem de certos conteúdos, seguindo a orientação da autoridade pedagógica e que, no âmbito das disciplinas, muitas vezes a ciência se transformou – ou se transforma – em doutrina ou em ideologia. De outra parte, aponta outra gênese para as disciplinas: “um esforço multi e interdisciplinar, característica que desaparece no momento em que a disciplina se consolida” (p. 29-30), de modo que traços disciplinares e interdisciplinares poderiam ser identificados em qualquer sistematização do conhecimento, uma vez que a multi e a interdisciplinaridade são uma constante do conhecimento teórico em seus diversos estágios de desenvolvimento. Em assim sendo, sob esse ângulo, a introdução de uma disciplina tendo por objeto de estudo o turismo sexual, à primeira vista, não representaria obrigatoriamente a perda, em sua abordagem, da dimensão relacional e da complexidade do fenômeno.

Quanto à hipótese de uma abordagem interdisciplinar, haveria de se pensar na viabilidade de efetivamente ser concretizada, porquanto nela estão envolvidos princípios como o da unidade e da multiplicidade, por exemplo. Ainda que cada ciência possua especificidades epistemológicas e metodológicas, segundo o autor, conceitos e teorias e métodos podem ser comuns a diversas ciências.

Os conceitos fundamentais constituídos de múltiplos elementos precisam de uma base lógica comum capaz de integrá-los teoricamente. Nos casos de áreas novas de conhecimento [que estão em busca de autonomia epistemológica e metodológica, como o turismo], a multiplicidade de pontos de vista nem sempre alcança a unidade e a autonomia desejada. Sem a unidade teórica, a multiplicidade é apenas um conjunto de partes isoladas e desordenadas. A unidade sem multiplicidade reduz a realidade a um estado inerte, esconde a complexidade processual dos problemas científicos (PAVIANI, 2005, p. 42-43).

Dito de outra forma, a interdisciplinaridade pressupõe o jogo dialético entre unidade e multiplicidade. Ela consiste assim numa ponte entre “[...] o momento identificador de cada unidade básica de conhecimento e o corte diferenciador” (p. 41). Não se resume a deslocar conceitos, fazer empréstimos teóricos ou metodológicos; tampouco a justapor pesquisadores ou professores cujas indagações não ultrapassem os limites de suas disciplinas. A interdisciplinaridade pressupõe recriação conceitual e teórica, uma “ecologia de idéias”.

Diante dessas análises, retomo a questão inicial associando-a a uma outra: A abordagem interdisciplinar estaria impossibilitada em estruturas curriculares por disciplina? Não poderiam aí intervir práticas pedagógicas – com seus correspondentes procedimentos metodológicos e didáticos – que facultassem o trânsito disciplinar e a superação de fronteiras conceituais?

Santos (2007) assinala que, historicamente, o ensinar tem se configurado sob dois processos básicos: o primeiro, que tem o acesso ao conhecimento como um fim em si mesmo, e o segundo, o que vê o acesso ao conhecimento produzido como parte do processo de produzir conhecimento. A esses processos estão subjacentes, respectivamente, duas concepções de ensino: aquela em que este é entendido como transmissão, ao aprendiz, do conhecimento científico produzido (considerado como tal, porque considerado verdadeiro; institucionalmente relevante, porque considerado científico) e aquela em que o ensino busca criar condições para acessar e operar o conhecimento científico (em diferentes áreas), com vistas à solução de situações-problema (nestas incluídos questionamentos sobre o próprio conhecimento). Correlativamente, aí estão subjacentes duas concepções de ciência, dois paradigmas epistemológicos: o da ciência moderna e o da ciência contemporânea.

À luz dos pressupostos da ciência moderna, numa perpetuação de posições do positivismo científico, é requerido do aprendiz aceitar passivamente o conhecimento “verdadeiro” acumulado pelo progresso científico e aplicá-lo, sob forma de exercitação, em situações prototípicas, portanto, distantes das situações incertas, conflitantes e complexas da realidade. Citando Reboul (1982), a autora menciona que “o poder que confere o saber destrói o saber, muda a verdade em dogma e o pensador em censor” (p. 6). Disso resultam não só ações predominantemente expositivas, explicativas, exemplificativas por parte do professor e reprodutivas, por parte do aluno, como também o estabelecimento de objetivos de

ensino circunscritos ao universo das informações, com o foco longe de fazeres vinculados à realidade entendida como processo de mudança. E quando a realidade não é percebida em constante transformação, a tendência é absolutizar os conhecimentos. Assim concretizado o ensino, parece pertinente perguntar se, no âmbito de uma disciplina ou como tema transversal, o conceito de turismo sexual não poderia ser abordado, em ambos os casos, de forma redutora, linearmente associado a causas e efeitos, desprovido de sua multidimensionalidade, de sua natureza complexa, submetido à leitura e ao discurso do professor, espelhando representações sociais não analisadas e interpretadas, e, conseqüentemente, não sujeito a questionamentos.

Por outro lado, quando a prática pedagógica tem como referente a concepção contemporânea de ciência, e a cultura científica, face aos problemas identificados, é colocada em permanente questionamento, fundem-se, no ensino, os processos científico e pedagógico, propiciando ao aprendiz lidar com o imprevisto, observar e analisar a realidade, hipotetizar, experimentar, testar, interpretar, recriar o conhecimento e a si próprio. Diferentemente do que ocorre no ensino conservador, doutrinário, tem-se uma outra epistemologia da aprendizagem, inscrita numa prática pedagógica voltada para a “ampliação do capital intelectual e do capital político do aprendiz-aluno, do aprendiz cidadão” (p. 7), perspectivada por relações entre ciência, ensino e sociedade. Ora, em sendo assim concebido o ensino, a interdisciplinaridade, mesmo que dificultada por uma estrutura curricular configurada por disciplinas, não poderia realizar-se no interior dessas unidades? Uma abordagem interdisciplinar requereria obrigatoriamente a problematização do turismo sexual apenas na condição de tema transversal?

Mais do que nunca, vejo legítimas minhas inquietações, confirmada a necessidade de aprofundar as reflexões aqui feitas e de realizar novo percurso investigativo na busca das respostas pretendidas. Destas primeiras incursões teóricas, no entanto, começam a delinear-se novas questões. Compartilhando com Paviani (2005, p. 46) o entendimento de que os fenômenos são construídos, que “o impacto dos fenômenos sobre os observadores é o mesmo impacto da observação que altera o fenômeno [e que] o conhecimento teórico é uma coemergência do fenômeno e de seu observador”, de imediato, penso que uma dessas questões poderia desencadear o processo de formulação de um novo problema científico, o qual ficaria assim formulado: Tendo presente um processo de formação do bacharel

em Turismo visando ao desenvolvimento de um perfil de profissional humana, social e cientificamente configurado, a transformação dos procedimentos de pesquisa científica em procedimento pedagógico propiciaria a inserção do turismo sexual como objeto de estudo na graduação, em consonância com pressupostos epistemológico-pedagógicos contemporâneos e contemplada a sua complexidade como fenômeno? Mas, recordando a conhecida frase da escritora Tatiana Belinky e de Júlio Gouveia, “esta é uma história que fica para uma outra vez”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Tânia Maris de. **Em busca do sentido do discurso**: a semântica argumentativa como uma possibilidade para a descrição do sentido do discurso. Caxias do Sul: Educs, 2006, 159p.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Disponível em: <http://www.4shared.com/file/131261767/5c23af6a/LIVRO_BAKHTIN_Estetica_Criacao_Verbal.html> Acessado em 20 de agosto de 2010.

BARLOW, David H.; DURAND, V. Mark. **Psicopatologia**: uma abordagem integrada. 4.ed.. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 15.ed. Campinas: Papirus, 2003. (Coleção turismo)

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do Turismo**. 11.ed. [Rev. e atualiz.] São Paulo: Senac, 2006.

BLESSA, Cely Regina B. **Interações afetivo-sexual no contexto do turismo e a vulnerabilidade às DST/AIDS**: um estudo em comunidades caiçaras do litoral sul de São Paulo. 2008.219p. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 5.ed. Campinas: Unicamp, 1996.

BRASIL, **Constituição**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em 21 mar. 2009.

_____. **Resolução nº 13, de 24 de novembro de 2006**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo e dá outras providências. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces13_06.pdf>. Acessado em 20 de agosto de 2010.

_____. **Código penal.** Brasília: Casa Civil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm>. Acesso em 21 mar. 2009.

CAETANO, Rossana Faria. **A construção da imagem da mulher brasileira como atrativo turístico:** do estereótipo à corporificação. 2003. [s.p]. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2003.

CENTRO COLABORADOR DA OMS PARA A CLASSIFICAÇÃO DE DOENÇAS. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID-10.** Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm>> Acessado em 25 de agosto de 2010.

CENTRO HUMANITÁRIO DE APOIO À MULHER – CHAME. **O que é que a Bahia tem:** O outro lado do turismo em Salvador. Salvador: UFBA, 1998.

COLTRO, Alex. **A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade.** Cadernos de Pesquisa em Administração. São Paulo, v.1, n.11, 1º trim./2000, p. 37-45. Disponível na www: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C11-art05.pdf>>. Acessado em 22 de Novembro de 2010.

DOR, Joël. **Estrutura e perversão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FALEIROS, Eva T. Silveira; CAMPOS, Josete de Oliveira. **Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.** Brasília: CECRI, 2000.

FARR, Robert M. Representações sociais: A teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações sociais.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

FERREIRA, Liciane Rossetto. **A comunicação e o turismo sexual:** as garotas do Brasil – um olhar hermenêutico. 2007. 250p. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FERREIRA, Marcelo Henrique. **E se o gringo for ‘negão’?** – ‘Raça’ e sexualidade no Rio de Janeiro: a experiência dos turistas ‘negros’ norte-americanos. 2005. 144p. Dissertação (Mestrado em saúde coletiva), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. (Orgs.) **Dicionário de linguística da enunciação.** São Paulo: Contexto, 2009, 284p.

FONTES, Martins. **Vocabulário de Psicanálise:** Laplanche e pontualis. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer.** Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Pequena coleção das obras de Freud

extraída da Edição *Standard* brasileira das obras psicológicas completas de Freud. livro. 13)

_____, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro, Imago, 1980: *O ego e o id* (1923), Vol. XIX.

_____, Sigmund. **Um caso de histeria**: Três ensaios sobre e Teoria da Sexualidade e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição *Standard* brasileira das obras psicológicas completas de Freud. v. VII)

_____, Sigumund. **O mal-estar da civilização**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GABRIELLI, Cassiana P. **Das “vergonhas descritas por caminhas, ao turismo sexual**: o uso de imagens femininas atreladas ao desenvolvimento turístico no Brasil. 2006. 110p. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo), Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilheus, 2006

GABBARD, Glen O. **Psiquiatria Psicodinâmica**: Baseado no DSM-IV. 2. ed Porto Alegre: Artmed, 1998.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**: aprenda a escrever aprendendo a pensar. 12. ed. [rev. e atual.]. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1985.

HALL, Calvin S.; et al. **Teoria da personalidade**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

INSTITUTO BRASILIENSE DE NEUROPSICOLOGIA E CIÊNCIAS COGNITIVAS. **DSM-IV Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais** 4. ed. Disponível em: http://www.ibneuro.com.br/index.php?option=com_content&view=section&id=3&Itemid=41 Acessado em 25 de agosto de 2010.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 14.ed. [rev. e ampl.]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

LEAL, Maria Lúcia; LEAL, Maria de Fátima (orgs.). **Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial no Brasil** – PRESTRAF. Brasília: Cecria, 2002.

LEHMANN-CARPZOV, Ana Rosa. **Turismo e identidade**: construção de identidades sociais no contexto do turismo sexual entre alemães e brasileiras na cidade do Recife. 1994. 220p. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOMBA, Marcos Cesar. **Turismo e exploração sexual de crianças e adolescentes**: o caso de Corumbá – Mato Grosso do Sul. 2004. 88p. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), Universidade para o Desenvolvimento e da Região do Pantanal, Mato Grosso do Sul, 2004

MASON, Gail; LO, Gary. Sexual Tourism and the Excitement of the Strange: Heterosexuality and the Sydney Mardi Gras Parade. In: **Sexualities**. February 2009 12: 97-121,

MARQUEZ, Aniele da Silva. **A “invisibilidade” de crianças e adolescentes no contexto do turismo sexual em Salvador**. 2009. 125p. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MOREIRA, Antônia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denise Cristina. **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiania: Editora AB, 1998.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a, 128p.

_____, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: UNESCO, 2002b, 118p.

_____, Edgar. **Ciência com consciência**. 11. ed. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2008.

MORIN, Edgar; et al. **A sociedade em busca de valores**: para fugir à alternativa entre o ceticismo e o dogmatismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1998, 264p. (Epistemologia e sociedade)

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: Investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

OBRAS completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta, [19--]. 19 v [Totem e Tabu].

OURIQUE, Helton Ricardo. **A produção do turismo**: Fetichismo e dependência. 2003. 237p. (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2003

OMONDI, Rosi Kisia. Gender and the political economy of sex Tourism in Kenya's coastal resorts. In: **International Symposium/Doctorial Course on Feminist Perspective on Global Economic and Political Systems and Women's struggle for Global Justice at Sommoroya Hotel**, Tromsø, Norway, September 24 –26,

2003. Disponível em: <<http://www.arsrc.org/downloads/features/omondi.pdf>>. Acessado em: 15 de março de 2009

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do Turismo: Teoria e epistemologia**. São Paulo: ALEPH, 2005.

PAVIANI, Jayme. **Problemas de filosofia da educação**. 3.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

_____, Jayme. **Interdisciplinaridade: conceito e distinções**. Porto Alegre: Pyr Edições, 2005. 139 p

PERAZZOLO, Olga Araújo, et al. **Dimensão relacional do acolhimento: contribuições para a psicologia do turismo**. Artigo aguardando avaliação [prelo] In: Psicologia e sociedade, apresentado em 2010

PERVIN, Lawrence A.; JOHN, Oliver P. **Personalidade: teoria e pesquisa**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaio de hermenêutica**. Traduzido por Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica filosófica: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem**. São Leopoldo: Unisinos, 2003 (Idéias 7).

ROSA, Anna Carla S. S. **Um olhar sobre o tráfico internacional de mulheres no Rio de Janeiro**. 2004. 140p. Dissertação (Mestrado em sexologia), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, Adelson Bruno dos Reis; CECCARELLI, Paulo Roberto. Perversão sexual, ética e clínica psicanalítica. In: **Revista latinoamericana de psicopatologia**. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 316-328, junho 2009. Disponível em: <<http://ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/doc/perveticasex.pdf>> Acessado em 15 de agosto de 2010.

SANTOS, Márcia Maria Cappelano dos. **Textos didático: Propriedades textuais e pressupostos epistemológicos**. Caxias do Sul: EducS, 2001.

_____, Márcia Maria Cappelano Dos. Prática docente na formação do Turismólogo. In: **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. v. 1, n. 1, p. 84-109, set. 2007.

SANTOS, Marcia M. Cappelano dos; et al. L'hospitalité touristique comme interface possible entre l'universel et le local dans le contexte de la mondialisation. In: **Les Rendez-vous Champlain sur Le tourisme 2010: rencontres franco-québécises de recherche**. 2010, Angers. Libre d'actes. Angers: Université d'Angers [no prelo]

SCHRÖDER, Karina Saraiva. Unidade de efeito pela organização argumentativa em blocos semânticos. In: **Language and Culture**, Maringá, v. 31, n. 2, p. 189-194, 2009. Disponível em:

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/6594/6594>>
Acessado em 20 de agosto de 2010.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney. **Teoria da Personalidade**. São Paulo: Thomson Learning Edições, 2002.

SHIN, Shuy Wen. **O turismo e a exploração sexual**: um estudo de caso na cidade de Fortaleza. 2003. 225p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SOARES DO BEM, Arim. **A dialética do turismo sexual**. Campinas: Papirus, 2005.

SPINK, Mary Jane. **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: VOZES, 1995.

TRIGO, Luiz Gonzaga G. **A sociedade Pós-industrial e o profissional em Turismo**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2001.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Reflexões sobre um novo turismo**: política, ciência e sociedade. São Paulo: Aleph, 2003. 109 p. (Turismo).

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

AURÉLIO VIRTUAL. Disponível na [www: http://aurelio.ig.com.br/dicaureliopos/princial.asp](http://aurelio.ig.com.br/dicaureliopos/princial.asp). Acessado em 08 de agosto de 2010.

GEORG GRODDECK. In **Infopédia** [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2010. [Consult. 2010-09-06]. Disponível na [www: <http://www.infopedia.pt/\\$georg-groddeck>](http://www.infopedia.pt/$georg-groddeck). Acessado em 20 de agosto de 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores sociais mínimos**. Disponível em: [<ftp://ftp.ibge.gov.br/Indústrias_Extrativas_e_de_Transformacao/Pesquisa_Industrial_Mensal_de_EmprEgo_e_Salario/Fasciculo_Indicadores_IBGE/>](ftp://ftp.ibge.gov.br/Indústrias_Extrativas_e_de_Transformacao/Pesquisa_Industrial_Mensal_de_EmprEgo_e_Salario/Fasciculo_Indicadores_IBGE/). Acesso em 21 mar. 2009.

_____. **Indicadores sociais mínimos**. Disponível em: [<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/notasindicadores.shtm#taxa>](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/notasindicadores.shtm#taxa). Acesso em 21 mar. 2009.

CORREIO DO POVO. **Armani diversifica ao desenhar uniformes**. Publicado em: 14 de julho de 2007. Disponível em: [<http://www.correiodopovo.com.br/jornal/vitrine/n359/html/03armani.htm>](http://www.correiodopovo.com.br/jornal/vitrine/n359/html/03armani.htm) Acessado em: 15 de março de 2009.

CORREIO DO POVO. **Ficção na realidade do sertão contemporâneo**. Publicado em: 14 de agosto de 2007. Disponível em: [<http://www.correiodopovo.com.br/jornal/a112/n318/html/18ficcao.htm>](http://www.correiodopovo.com.br/jornal/a112/n318/html/18ficcao.htm) Acessado em: 15 de março de 2009.

CORREIO DO POVO. **Michel Houellebecq, enfim um escritor**. Publicado em: 1º de dezembro de 2007. Disponível em: [<http://www.correiodopovo.com.br/jornal/a113/n62/html/17MICHEL.htm>](http://www.correiodopovo.com.br/jornal/a113/n62/html/17MICHEL.htm) Acessado em: 15 de março de 2009.

CORREIO DO POVO. **Casal americano é preso por pedofilia em Taquara**. Publicado em: 12 de dezembro de 2007. Disponível em: [<http://www.correiodopovo.com.br/jornal/a113/n73/html/01casal9.htm>](http://www.correiodopovo.com.br/jornal/a113/n73/html/01casal9.htm) Acessado em: 15 de março de 2009.

CORREIO DO POVO. **DH ouve investigados na Predador**. Publicado em: 14 de dezembro de 2007. Disponível em: [<http://www.correiodopovo.com.br/jornal/a113/n75/html/25dh9ouv.htm>](http://www.correiodopovo.com.br/jornal/a113/n75/html/25dh9ouv.htm) Acessado em: 15 de março de 2009.

CORREIO DO POVO. **Internet é esconderijo do crime**. Publicado em: 23 de dezembro de 2007. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/jornal/a113/n84/html/17intern.htm>> Acessado em: 15 de março de 2009.

CORREIO DO POVO. **Casal de norte-americanos ganha habeas corpus**. Publicado em: 16 de janeiro de 2009. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/jornal/a114/n108/html/26casal9.htm>> Acessado em: 15 de março de 2009.

CORREIO DO POVO. **A música pede passagem**. Publicado em: 21 de maio de 2009. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/jornal/arte_agenda/n627/html/capa.htm> Acessado em: 15 de março de 2009.

CORREIO DO POVO. **Dura realidade**. Publicado em: 30 de maio de 2009. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/jornal/arte_agenda/n636/html/04dura9r.htm> Acessado em: 15 de março de 2009.

CORREIO DO POVO. **‘Cinderelas, Lobos & Um Príncipe Encantado’ denuncia o turismo sexual**. Publicado em: 19 de agosto de 2009. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/jornal/arte_agenda/n717/html/02cinema.htm> Acessado em: 15 de março de 2009.

CORREIO DO POVO. Turismo Sexual. In: **Econômicas**. Publicado em: 22 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/jornal/a113/n22/html/10econom.htm>> Acessado em: 15 de março de 2009.

CORREIO DO POVO. Ambição pelo poder. In: **Bastidores**. Publicado em: 24 de fevereiro de 2007. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/jornal/ftarde/n379/html/06bastid.htm>> Acessado em: 15 de março de 2009.

GAZETA DE ALAGOAS. Turismo sexual: Agências são processadas pela Itália. Publicado em: 22 de fevereiro de 2007. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/v2/noticias/texto_completo.htm?c=126544&tipo=0> Acessado em: 15 de março de 2009.

GAZETA DE ALAGOAS. Turismo sexual vai ser debatido amanhã em Maceió. Publicado em: 01 de abril de 2007. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/v2/noticias/texto_completo.php?c=128392&tipo=0> Acessado em: 15 de março de 2009.

GAZETA DE ALAGOAS. **Fórum prepara estratégia para combater turismo sexual**. Publicado em 16 de abril de 2007. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/v2/noticias/texto_completo.php?c=129150&tipo=0> Acessado em: 15 de março de 2009.

GAZETA DE ALAGOAS. **Alagoas une força contra turismo sexual.** Publicado em 20 de maio de 2007. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/v2/noticias/texto_completo.php?c=130930&tipo=0> Acessado em: 15 de março de 2009.

GAZETA DE ALAGOAS. **MP discute violência contra criança e adolescente.** Publicado em: 24 de abril de 2008. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/v2/noticias/texto_completo.php?c=150540&tipo=0> Acessado em: 15 de março de 2009.

GAZETA DE ALAGOAS. **MP participa de Combate à Exploração Sexual.** Publicado em 12 de maio de 2008. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/v2/noticias/texto_completo.php?c=151840&tipo=0> Acessado em: 15 de março de 2009.

GAZETA DE ALAGOAS. **Brasil sediará congresso sobre exploração infantil.** Publicado em 12 de outubro de 2008. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/v2/noticias/texto_completo.php?c=162035&tipo=0> Acessado em: 15 de março de 2009.

GAZETA DE ALAGOAS. **PRT faz campanha contra exploração sexual.** Publicado em 16 de fevereiro de 2009. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/v2/noticias/texto_completo.php?c=170765&tipo=0> Acessado em: 15 de março de 2009.

GAZETA DE ALAGOAS. **AL no combate à exploração sexual no turismo.** Publicado em: 15 de maio de 2009. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/v2/noticias/texto_completo.php?c=176923> Acessado em: 15 de março de 2009.

ANEXOS

CORREIO DO POVO
PORTO ALEGRE, SÁBADO, 14 DE JULHO DE 2007

Armani diversifica ao desenhar uniformes



Após se celebrar nas passarelas de alta-costura, o estilista Giorgio Armani, 73 anos, resolveu diversificar sua produção, desenhando uniformes para o time de rúgbi 'South Sydney Rabbitohs'. O pedido foi feito pelo seu amigo Russell Crowe - para quem confeccionou os trajes de seu casamento e de festas com a qual compareceu ao Oscar - que é co-proprietário da equipe australiana.

'Amo o esporte em todas as suas formas e, para mim, os atletas são os gladiadores dos tempos modernos', disse o italiano, a respeito do novo desafio. Para as atividades fora de campo, projetou um uniforme com jaqueta risca de giz nas cores do clube (verde e vermelho). A camisa branca, com o número do jogador, tem no bolso a escrita rabbitoh, que em latim significa 'Corre mais rápido, protege a família, primeiro as crianças'.

No início deste ano, Armani desmentiu especulações sobre a venda de seu grupo, avaliado em 5 bilhões de euros e composto pela tradicional linha 'Giorgio Armani', da juvenil 'Emporio Armani' e da empresa de decoração 'Armani Casa', além de hotéis espalhados pelo mundo. A confusão ocorreu na Semana de Moda de Milão, quando um jornal alemão publicou a L'Oreal como possível compradora, marca que colabora com a grife italiana na elaboração de perfumes e cosméticos. Em março, a assessoria do grupo teve que se defender da acusação de incentivar o turismo sexual com crianças, na Espanha. A publicidade da linha Armani Junior mostrava duas crianças de origem asiática, abraçadas e sorridentes, sendo que uma vestia jeans e outra, a parte superior de um biquíni e bermudas. A Justiça de Madri considerou o anúncio 'no limite da legalidade e pediu que a campanha fosse cancelada porque parecia incitar o turismo sexual', não considerando normal que duas crianças aparecessem com os lábios pintados.

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 14 DE AGOSTO DE 2007

Ficção na realidade do sertão contemporâneo



'Deserto feliz' tem direção assinada por Paulo Caldas

O longa-metragem brasileiro a ser exibido hoje à noite no Palácio dos Festivais, na mostra de competição, é uma obra de ficção sobre a realidade de um sertão contemporâneo. 'Deserto feliz', dirigido pelo paraibano Paulo Caldas, trata do Recife e da relação com o exterior. Pelo olhar da vida de Jéssica, de 16 anos, o espectador pode conhecer a violência sexual numa Juazeiro/Petrolina marcada pela mistura do moderno com o arcaico, bem como as armadilhas do chamado 'turismo sexual' em Recife e, ainda, o amor e as diferenças culturais na distante Berlim. A produção aborda temas como sexualidade, prostituição e identidade cultural usando uma versão realista do sertão de hoje, rico e pobre, com casebres e estradas ruins que se contrapõem a fazendas e vinícolas bem-sucedidas. O filme faz parte do grupo de BO (baixo orçamento) tendo sido produzido com uma verba de cerca de R\$ 900 mil.

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, SÁBADO, 1º DE DEZEMBRO DE 2007

Michel Houellebecq, enfim um escritor

O ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento 2007, promovido pela Copesul Cultural, com apoio da PUCRS, da Uergs, da Ufrgs e da Unisinos, chega ao fim na próxima terça-feira, 4 de dezembro, às 19h30min, no Salão de Atos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a palestra do escritor francês Michel Houellebecq. Como seu tradutor e amigo, tendo introduzido sua obra no Brasil pela editora Sulina ('Partículas Elementares' e 'Extensão do Domínio da Luta'), já fiz com ele uma dezena de entrevistas para jornais brasileiros. Segue um apanhado desse diálogo contínuo e intercalado pelos anos, por muitas viagens, novos livros e até filmes autorais. Michel Houellebecq acaba de adaptar para o cinema seu romance 'A Possibilidade de uma Ilha'. Irreverente e desconcertante nas suas posições intelectuais e políticas, ele é um serial killer da cultura espetacular. Os seus principais alvos são o neoliberalismo comportamental dominante, as seitas, a cultura de mídia, a superstição religiosa, o turismo sexual e o imaginário pós-68. Os seus livros parecem unificados por uma visão de mundo e por um estilo radical. Os demais autores, comparados a ele, parecem se ocupar de literatura infanto-juvenil ou de fábulas. Michel Houellebecq recebeu mais de 1 milhão de euros como adiantamento pela publicação do seu livro, já vendeu mais de 2 milhões de exemplares da sua obra e foi processado por ter dito que o 'islamismo é a mais idiota de todas as religiões'.

Em 'A Possibilidade de uma Ilha', o romancista, nascido na ilha de La Réunion, em 1958, conta a trajetória de uma seita que promete a imortalidade, por meio da clonagem, aos seus adeptos. Ridiculariza a busca pela juventude eterna, a liberação sexual, com sua obsessão pelo prazer, a mediocridade cultural e o culto à tecnologia como novo mito.

Tu te consideras o 'papa' de uma 'escola da lucidez'?

Michel Houellebecq — Ninguém pode autoproclamar-se papa ou líder de nada; são sempre os outros que decidem sobre isso. Constatos que muitos jovens escritores franceses de hoje se sentem próximos de mim ou, até mesmo, declaram-se



Na terça-feira, dia 4, o escritor francês encerra o ciclo de altos estudos Fronteiras do Pensamento, do projeto Copesul Cultural 2007

influenciados pelo que escrevo. Num certo sentido, isso me constrange um pouco, pois não tenho a mentalidade de um 'líder'. Por outro lado, evidentemente, fico orgulhoso.

'Partículas Elementares' é um livro extraordinário pela sua capacidade de derrubar mitos, especialmente os de maio de 68. Como reages quando te acusam de ser reacionário?

Houellebecq — No plano político, já me situei, explicitamente, várias vezes, na esteira de Auguste Comte. Não o Comte vulgarizado pelo positivismo primário, mas o que sobressai de uma leitura profunda da sua obra. Infelizmente, Auguste Comte está esquecido em seu próprio país e foi, quase sempre, interpretado de forma inadequada. Ele é desconhecido do grande público, muito pouco estudado nas universidades, e os seus principais livros tornaram-se quase impossíveis de encontrar. Não seria exagerado afirmar que sou o único escritor francês que o leu realmente. Em consequência, até agora, não fui compreendido. Talvez no Brasil, em função da sua história, a situação seja diferente. O Brasil representa certamente a minha última chance de conseguir explicar as minhas posições filosóficas e políticas.

Em 'Partículas Elementares', há uma sátira impiedosa da sociedade brasileira. Que valor o Brasil tem na sua vida?

Houellebecq — Com razão ou não, os brasileiros parecem aos franceses as criaturas mais eróticas do planeta. O Brasil goza na França de um extraordinário prestígio. Enquanto isso, tudo o que, de resto, adivinha-se ou percebe-se, como a violência, a corrupção e a miséria, por serem desagradáveis, fica encoberto. Mais do que uma sátira do Brasil, a passagem citada cumpre o papel de sátira da condição do macho ocidental, sempre pronto a aceitar seja o que for para atizar, ligeiramente, a sua fibra erótica descendente.

'Partículas Elementares' representa uma crítica de um tempo decadente em que as pessoas não têm mais identidade clara nem referenciais válidos?

Houellebecq — Com certeza. Sem religião, sem moral, a vida tornou-se impossível, insuportável para o homem. As mulheres, ao menos, até agora, possuem o amor, o que as salva. Mas os homens, no estado atual da nossa civilização, não passam de condenados, de excomungados.

Quem é Michel Houellebecq, um escritor maldito, um escritor que maldiz e amaldiçoa a estupidez crescente ou o único escritor que tem algo a dizer e o faz em uma ficção selvagem, radical e maldita?

Michel Houellebecq — Um pouco de tudo isso, apesar de paradoxal e de curioso. Certamente, um pouco dessas três

possibilidades. Não deixa de ser interessante analisar o meu caso. Acredito que alguém um dia sentirá vontade de contar como eu me tornei cada vez mais célebre e, ao mesmo tempo, cada vez mais maldito no meu país. É impressionante e estranho. Outros contarão, mais tarde, essa história, pois ainda é cedo e eu mesmo não tenho certeza de conseguir compreender o que realmente me aconteceu. A única coisa que me aparece com clareza é que as sociedades ocidentais, em particular a França, suportam uma dose de verdade cada vez menor, cada vez mais fraca, cada vez menos intensa.

Tu és o mais importante escritor francês no mundo, ou seja, aquele que é adorado e odiado com a mesma intensidade. A tua missão é anunciar ironicamente as más notícias a pessoas anestesiadas pela estética publicitária e por uma literatura superficial e idiota por escolha mercadológica ou ideológica e que transforma a mediocridade em cânone literário?

Michel Houellebecq — Há alguma coisa inquietante em formação. Algo que tenta se constituir e institucionalizar. Uma mistura de repressão higienizadora, de mediocridade, de bons sentimentos de encomenda, puro clichê, e de irreverência superficial. Tudo isso tendo como fundo uma competição individual cada vez mais exacerbada. Aqueles que se tornam inúteis para os fins propostos e previamente estabelecidos devem ser eliminados. Nisso consiste a chave do sistema em construção. Basta que eu simplesmente descreva nos meus livros esse estado das coisas para ser detestado e atacado. Sejam claros e realistas, não há mais lugar para a literatura neste mundo em que vivemos. Mas não se pode dizer isso. Pega mal. É um mundo que se pretende o melhor de todos já existentes, o que o obriga a incorporar, nem que seja por vaidade, tudo aquilo que havia de melhor nos mundos e nas épocas anteriores. Em consequência, não se pode, oficialmente, eliminar a literatura, o que seria mais simples e prático. Mas é possível engessá-la, obrigando-a a ser responsável, humanista e cidadã.

Como se pode definir, em uma palavra, 'A Possibilidade de uma Ilha'? Uma fábula, como fica sugerido no começo pela citação de um encontro teu com uma jornalista em Berlim? Uma fábula sobre a estupidez da humanidade em busca da imortalidade e condenada à ignorância, à superstição, ao desejo de juventude eterna, de prazeres impossíveis e às ilusões religiosas?

Michel Houellebecq — Sim, poderíamos dizer, sem derrapar, que se trata de uma fábula. Cabe ressaltar que para uma fábula falta carne aos personagens. Tento levar o romance na direção do que costuma ser uma fábula. Dou-lhe um sentido de fábula.

Exploro certas características da fábula. Mesmo assim, nunca perco de vista o essencial num romance, ou seja, que os personagens devem sempre, mas sempre mesmo, predominar e conduzir as ações. Fora disso, não há romance. Os personagens devem dominar a cena, impor as suas verdades e as suas trajetórias, mesmo que isso tenha um custo para o autor.

A ironia é a tua arma mais poderosa. Foste processado por teres dito que o islamismo é a religião mais idiota que existe.

Outras não merecem o mesmo tratamento?

Michel Houellebecq — Não, certamente não. É preciso saber distinguir o ruim do muito ruim.

O Brasil é considerado país muito religioso, tolerante e aberto ao sincretismo, que mescla cristianismo e cultos afro-brasileiros. Em 'Partículas...', tu alfinetas o Brasil como lugar de turismo sexual. Qual tua opinião sobre a vocação religiosa brasileira?

Michel Houellebecq — Não sei de nada, para dizer a verdade, mas algo me vem agora à mente. Auguste Comte tentou, como eu disse antes, estabelecer uma nova crença, criar a 'religião da humanidade', mas isso fracassou por toda parte no mundo, especialmente na França. Foi um fiasco. Exceto no Brasil. É bastante provável que o Brasil, por razões que eu ignoro e nem tentei entender, tenha sido, ou continue sendo, um país mais favorável que os demais à eclosão de crenças religiosas. Sem dúvida, é uma hipótese a ser explorada.

Tu rompestes publicamente com o Grupo Hachette, controlador da editora Fayard, que publicou 'A Possibilidade de uma Ilha'. A razão seria o fato de que o dono do grupo, Arnaud Lagardère, desistiu de financiar a adaptação do livro para o cinema. Por que era tão importante o filme?

Michel Houellebecq — Vou dizer, em poucas palavras, por que era importante fazer esse filme. Ele era necessário para mim. Existem imagens no livro que só eu conheço, especialmente na terceira parte do meu romance. É isso que explica o sucesso da obra. A poesia triunfa. É uma assunção da poesia. Posso garantir que nada é mais difícil do que fazer a poesia triunfar num romance. Essas imagens precisam ser mostradas. Para dizer a verdade, esse filme será uma maneira de diminuir a minha fama. Num filme, são os atores que contam, não o diretor. Desde o começo da minha vida literária, eu sou obrigado a me justificar sobre o comportamento dos meus personagens, mesmo dos menos importantes, como se fosse de mim que se tratasse. Em caso de filme, acho que os atores me ajudarão a dividir a carga.

O que foi mais difícil no filme?

Michel Houellebecq — Escapar das opiniões e imposições de roteiristas, produtores, distribuidores e demais especialistas do cinema.

Olivier Bardolle, em 'O Caso Houellebecq', afirma que tu és o único autor francês com algo a dizer e o único que merece ser lido depois de Marcel Proust e de Céline. Há na tua obra um conteúdo relevante e polêmico e uma forma radical baseada na ironia e no paradoxo. No entanto, teus críticos falam numa forma plana, rasa, superficial. Qual a tua opinião sobre a crítica e sobre os escritores atuais?

Michel Houellebecq — Não estou de acordo que a minha seja realmente rasa, plana ou superficial. Sei que não é assim. Essa parte da análise sobre os meus livros sempre foi falsa. Na verdade, nunca passou de um trocadilho infame feito a partir do título do meu livro 'Plataforma'. Nada mais.

No Brasil, de maneira geral, acredita-se que a literatura francesa é muito cerebral e que desde o Novo Romance ela se tornou chata, aborrecida, voltada para o umbigo dos escritores e incapaz de contar uma boa história com início, meio e fim. O Novo Romance ficou para trás?

Michel Houellebecq — O Novo Romance foi realmente uma idiotice completa. Eu me situo no outro extremo. Basta dizer que Alain Robbe-Grillet rejeitava Balzac. Pode existir maior absurdo? Alguém que rejeita Balzac não pode ser romancista. É simples assim. Balzac é o pai de todos nós.

Que autores você lê? Chega a ler bestsellers?

Michel Houellebecq — Sim, como todo mundo, chego a ler. Por exemplo, li alguns livros de Agatha Christie, que adorei. Mas nunca li nem Paulo Coelho nem 'O Código Da Vinci'.

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, DOMINGO, 23 DE DEZEMBRO DE 2007

Internet é esconderijo do crime

Exploração sexual de crianças e adolescentes fica mais difícil de ser punida nesse novo cenário

Joana Colussi

A impunidade a crimes relacionados ao abuso ou exploração sexual de crianças e adolescentes é reforçada com um novo esconderijo. Se não bastasse a chamada cifra obscura – casos de violência que não chegam ao conhecimento das autoridades policiais pelo medo da denúncia –, a Internet passou a ser o alvo principal para a prática de um dos crimes organizados mais lucrativos do mundo. O ano de 2007 chega ao fim com a comprovação trágica da proliferação da pedofilia na rede mundial de computadores.

No Rio Grande do Sul, em novembro, um casal de norte-americanos foi preso em Taquara sob a acusação de uma rede internacional de pedofilia, que incluiria tráfico de crianças para o exterior, abuso sexual de menores, turismo sexual e divulgação de imagens na Internet. A quadrilha foi desmantelada pelo Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic), cujo titular, delegado Juliano Ferreira, ainda está concluindo o inquérito. Por meio de um programa da Polícia Federal (PF), neste mês, foram identificados mais de 3,5 mil computadores no Brasil e em outros 78 países. As máquinas apreendidas trocavam fotos ou vídeos com conteúdo pornográfico envolvendo crianças e adolescentes. Intitulada de Operação Carrossel, a ação foi deflagrada em 14 estados brasileiros e no Distrito Federal.

Coordenador do Centro de Apoio Operacional da Infância e da Juventude do Ministério Público do RS, o promotor de Justiça Miguel Velasquez destaca que em 2007 foram desmantelados verdadeiros crimes organizados de abuso e exploração sexual no RS. 'Engana-se quem pensa que o crime só é praticado em grandes cidades. As ocorrências incluem o meio rural.'

Apenas até novembro deste ano, foram recebidos 1,2 mil telefonemas do RS no Disque-Denúncia Nacional de exploração sexual (fone 100). Em 2006, o total de denúncias no Estado foi 743. 'Por um lado, o crescimento é positivo, pois revela maior sensibilização da sociedade quanto à gravidade do problema', avalia Velasquez. Porém, a exploração sexual de crianças e adolescentes fica mais difícil de ser punida quando o cenário é a Internet. 'Nunca tivemos tanto adolescentes envolvidos em crimes dessa natureza como agora', diz a psicóloga e policial civil Suzana Braun, diretora do Centro de Saúde Mental da Secretaria de Segurança Pública do RS. Ela destaca que a visibilidade dos casos de pedofilia na Internet neste ano dão uma noção da gravidade do problema. 'Todos precisam reagir, o governo, os pais e a escola', defende Suzana.

Aumentam denúncias

Disque-denúncia (disque 100)

Jan. a nov. 2007	1.230
Jan. a dez. 2006	743
Jan. a dez. 2005	406

Fonte: Ministério Público do RS

Tipos de crimes

Crianças e adolescentes vítimas no RS

Janeiro a outubro de 2007

Estupro	762
Atentado violento ao pudor	944

Fonte: Diplanco

Sinais que servem de alerta

Indícios de menor abusado sexualmente dentro de casa (orientação aos educadores)

- * Hematomas no corpo;
- * Baixo rendimento escolar;
- * Comportamento precoce sexualizado;
- * Isolamento dos demais colegas;
- * Falta de disposição para brincar.

Indícios de menor abusado sexualmente fora de casa (orientação aos pais)

- * Objetos sem procedência, como celular e mochilas caras;
- * Uso excessivo do computador;
- * Mentiras;
- * Permanência de muito tempo na rua;
- * Uso de álcool e drogas.

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 2009

Casal de norte-americanos ganha habeas corpus

A 7ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do RS concedeu ontem, por unanimidade, habeas corpus para o casal Frederic Calvin Louderback e Bárbara Louise Anner, acusados de pedofilia no município de Taquara. O relator, desembargador Marcelo Bandeira Pereira, concluiu que pelo tempo de permanência na prisão e por seus passaportes estarem retidos nos autos do processo, o casal pode responder em liberdade. Também considerou que a prisão provisória já ultrapassa um ano.

O desembargador Marcelo Bandeira Pereira ressaltou a repercussão social do fato, envolvendo como vítimas crianças humildes e como acusados estrangeiros em boa situação econômica. 'Entretanto, essa situação não poderia ser mantida eternamente', disse. O relator também considerou já terem sido ouvidas todas as testemunhas do processo, deixando de haver a possibilidade de interferência dos réus nos depoimentos. Segundo Marcelo Bandeira Pereira, a idade avançada dos acusados – Frederic, 64 anos, e Bárbara, 73 –, além dos problemas de saúde dela, reforçam o seu voto. Frederic deixou ontem à noite o Presídio Central e Bárbara estava em prisão domiciliar em Taquara.

O casal norte-americano, morador de uma colônia de nudismo de Taquara, foi detido no dia 11 de dezembro de 2007, suspeitos de formarem uma rede internacional de tráfico de crianças ao exterior, turismo sexual e divulgação de imagens de conteúdo pedófilo na Internet.

CP MEMÓRIA



Frederic e Bárbara foram detidos no final de 2007

CORREIO DO POVO
PORTO ALEGRE, SÁBADO, 30 DE MAIO DE 2009

Dura realidade



O diretor Joel Zito Araújo (foto ao lado) é um atento observador das mazelas brasileiras. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, realiza documentários desde 1988. É dele títulos como 'A Negação do Brasil' e 'Filhas do Vento'. Ele já colocou sua câmera na questão racial, e agora se volta para uma grave questão, a exploração sexual. O documentário 'Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado' está entre as estreias no final de semana na Capital. O turismo sexual e outras contravenções ligadas ao ramo levam, anualmente, 900 mil pessoas pelas fronteiras internacionais exclusivamente para este fim. Entretanto, apesar de todos os perigos, jovens mulheres brasileiras, ao entrar no mundo do turismo sexual, acreditam que vão mudar de vida e sonham com o seu príncipe encantado. Indo do Nordeste brasileiro a Berlim, o filme busca entender os imaginários sexuais, raciais e de poder das 'jovens cinderelas do Sul e dos lobos do Norte'. A produção, de

107 minutos, se junta ao esforço do Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Contra Crianças e Adolescentes (instituído como o 18 de maio) para denunciar e impedir o crescimento da prática. O documentário foi selecionado para diversos festivais como o Internacional de Cinema do Rio de Janeiro e o Real Life Documentary Festival - A Pan-African Festival of Documentary, de Gana.

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 2009

Cinema



'Cinderelas, Lobos & Um Príncipe Encantado'
denuncia o turismo sexual

ARRASTE -me para o Inferno - Cinemark-Barra 4 (13h20 - 15h30 - 17h40 - 19h50 - 22h), Cinemark-Ipiranga 5 (15h10 - 17h20 - 19h30 - 21h40), Cinesystem Total 4 (13h40 - 15h50 - 18h - 20h10 - 22h15), GNC Iguatemi 3 (14h30 - 16h40 - 19h - 21h20), GNC Praia de Belas 1 (14h - 16h - 18h - 20h - 22h), Unibanco Arteplex 7 (13h10 - 15h20 - 17h30 - 19h40 - 21h50). Direção de Sam Raimi. Mulher que nega um empréstimo a uma velha cigana

passa a ser atormentada por uma maldição. Terror. 16 anos.

BRÜNO - Cinemark-Barra 2 (12h45 - 14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h - 21h50), Cinemark-Ipiranga 3 (13h50 - 16h - 18h - 20h - 21h50), GNC Iguatemi 6 (14h20 - 16h50 - 19h10 - 21h10), GNC Moinhos 2 (14h - 16h - 18h - 20h - 22h), Guion Center 2 (14h35 - 16h20 - 18h10 - 20h - 21h50), Unibanco Arteplex 4 (13h - 14h40 - 16h30 - 18h20 - 20h10 - 22h). De Dan Mazer. Com Sacha Baron Cohen. Brüno, um afetado repórter gay especializado em moda, vai alfinetar o universo fashion. Comédia. 18 anos. Estreia.

CONFISSÕES DE UMA GAROTA DE PROGRAMA - Guion Center 3 (14h40 - 16h15 - 18h - 19h40 - 21h15), Unibanco Arteplex 8 (16h - 20h20 - 22h). De Steven Soderbergh. Com Sasha Grey. Uma garota de programa oferece mais do sexo, oferece companhia. Mas neste negócio nunca sabe com que tipo de homem vai se deparar. 14 anos. Estreia.

FORÇA G - em 3D e Dublado - Cinemark-Barra 5 (13h10 - 15h15 - 17h20 - 19h25 - 21h30), Cinemark-Ipiranga 4 (14h - 16h20 - 18h30 - 20h40), GNC Iguatemi 5 (13h30 - 15h30 - 17h30 - 19h30 - 21h30), Unibanco Arteplex 1 (13h30 - 15h30 - 17h30 - 19h30 - 21h30). Exibição tradicional e Dublado - AeroGuion 2 (14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h), Arcoíris Boulevard Strip Center 2 (14h - 15h50 - 17h40 - 19h30 - 21h20), Arcoíris Bourbon Assis Brasil 2 (14h - 15h50 - 17h40 - 19h30 - 21h20), Cinemark-Barra 1 (13h40 - 15h50 - 18h05 - 20h10 - 22h20), Cinemark-Ipiranga 8 (14h50 - 17h00 - 19h05 - 21h10), Cinesystem Total 1 (13h15 - 15h25 - 17h35 - 19h45 - 21h55), GNC Iguatemi 4 (14h - 16h - 18h - 20h - 22h), GNC Lindóia 1 (13h30 - 15h30 - 17h30 - 19h30 - 21h30), GNC Praia de Belas 3 (13h30 - 15h30 - 17h30 - 19h30 - 21h30), Arcoíris Victoria 1 (14h - 15h50 - 17h40 - 19h30), Arcoíris Plaza Cachoeirinha 1 (14h - 15h50 - 17h40 - 19h30 - 21h20). De Hoyt Yeatman. Com Bill Nighy, Will Arnett. Porquinhos-da-índia são treinados para serem agentes especiais e entram em missão para evitar catástrofe. Livre. Estreia.

SOFÁ CAMA - AeroGuion 1 (14h45 - 17h50 - 19h30 - 21h10). De Ulises Rosell (Argentina). Com Cecilia Roth. Mãe de três filhos adolescentes hospeda uma amiga separada em sua casa, o que gera revolução hormonal num dos jovens. 16 anos.

TEMPOS DE PAZ - Cinemark-Barra 7 (13h15 - 15h10 - 17h10 - 19h10 - 21h10), Cinemark-Ipiranga 7 (13h45 - 15h45 - 17h40 - 19h35 - 21h30), GNC Moinhos 4 (14h30 - 16h40 - 19h30 - 21h40), Unibanco Arteplex 5 (14h - 16h - 18h - 20h - 22h). De Daniel Filho. Com Tony Ramos e Dan Stulbach. Em 1945, agente da imigração interroga um ex-ator polonês que conseguiu escapar da 2ª Guerra e vem ao Brasil. 12 anos.

ALMOÇO EM AGOSTO - AeroGuion (16h25 - 19h30), GNC Moinhos 3 (17h - 19h). De Gianni di Gregorio (Itália, 75 minutos). Homem de meia-idade endividado que mora em Roma acaba cuidando de várias vovós em um feriado para ganhar dinheiro e abater do aluguel. 14 anos.

G.I. JOE - A Origem de Cobra - Legendado - Arcoíris Bourbon Assis Brasil 1 (14h20 - 16h40 - 19h - 21h20), Cinemark-Barra 3 (17h30 - 20h20), Cinemark-Ipiranga 1 (13h40 - 16h10 - 18h45 - 21h15 - 23h45), Cinesystem Total 2 (13h - 15h20 - 17h40 - 20h - 22h20), GNC Iguatemi 1 (13h50 - 16h30 - 19h20 - 21h40), GNC Lindóia 2 (19h - 21h20), GNC Praia de Belas 2 (19h40 - 21h55), Unibanco Arteplex 6 (13h - 15h30 - 19h - 21h30). Dublado - Arcoíris Boulevard Strip Center 1 (16h40 - 19h - 21h20), Center 1 (14h - 16h10 - 18h20 - 20h30), Cinemark-Barra 3 (12h40 - 15h), Arcoíris Victoria 2 (14h30 - 17h - 19h20). De Stephen Sommers. Com Dennis Quaid, Sienna Miller. Uma elite militar americana recebe a missão de derrotar uma organização criminosa. Ação. 14 anos.

HORAS DE VERÃO - Unibanco Arteplex 2 (13h - 15h - 20h - 22h). De Olivier Assayas. Com Juliette Binoche, Charles Berling. As distintas trajetórias de dois irmãos e uma irmã se chocam quando sua mãe - que preservava a obra de seu tio, um famoso pintor - morre repentinamente. 14 anos.

MARIDO POR ACASO - Cinemark-Barra 8 (19h - 21h20), Cinemark-Ipiranga 2 (19h40 - 21h55), Cinesystem Total 5 (13h30 - 15h30 - 17h30 - 22h10), GNC Iguatemi 2 (19h55 - 21h55), GNC Moinhos 1 (14h20 - 16h30 - 19h10 - 21h20), Unibanco Arteplex 3 (17h20 - 19h40 - 21h50). Com Uma Thurman e Colin Firth. Conselheira sentimental de uma rádio tem de enfrentar as artimanhas de um namorado que levou o fora. Comédia romântica.

PARIS - Guion Center 1 (14h30 - 16h50 - 19h10 - 21h30). De Cédric Klapisch. Com Juliette Binoche e Romain Duris. Homem pensa que vai morrer e passa a ter um olhar diferente para todos os que cruzam seu caminho. 12 anos.

BEM-VINDO - AeroGuion 2 (20h50). De Philippe Lioret. Professor de natação francês treina jovem imigrante curdo que deseja atravessar o canal da Mancha e ir à Inglaterra. 12 anos.

INIMIGO PÚBLICO NO 1 - Instinto da Morte - Sala Eduardo Hirtz (15h - 19h10). Com Vincent Cassel e Gérard Depardieu. A trajetória de gangster francês. 16 anos.

HALLOWEEN - O Filme - Center 3 (14h30 - 18h10). De Rob Zombie. Com Malcolm McDowell. Terror. 14 anos.

17 OUTRA VEZ - Center 3 (16h30). Com Zac Efron e Matthew Perry. Homem casado passa a ter 17 anos novamente.

TRANSFORMERS 2 - A Vingança dos Derrotados - Dublado - Center 3 (20h). De Michael Bay. Com Shia LaBeouf, Megan Fox. Alienígenas tomam a forma de robôs na Terra. 12 anos.

O GRUPO BAADER -Meinhof - AeroGuion 2 (14h30), Sala Paulo Amorim (14h45 - 19h15). De Uli Edel (Alemanha). Baseado em uma historia real sobre o grupo extremista Baader Meinhoff, formado por jovens alemães nos anos 70. 14 anos.

INIMIGOS PÚBLICOS - AeroGuion 2 (17h05), Center 2 (20h15), Cinemark-Ipiranga 6 (19h20), GNC Moinhos 3 (14h10 - 21h), Unibanco Arteplex 8 (13h20 - 17h40). De Michael Mann. Com Johnny Depp, Christian Bale, Marion Cotillard. Nos EUA dos anos 30, o FBI corre atrás de três gangsteres. Um deles é John Dillinger, assaltante de bancos. 16 anos.

HARRY POTTER E O ENIGMA DO PRÍNCIPE - Legendado - Cinesystem Total 3 (21h), Unibanco Arteplex 2 (17h). Dublado - Center 4 (14h - 17h - 19h45), Cinemark-Barra 8 (12h50 - 16h), Cinemark-Ipiranga2 (13h30 - 16h35), GNC Iguatemi 2 (14h10 - 17h10), Arcoíris Plaza Cachoeirinha 2 (18h - 21h). De David Yates. Sexto filme da série sobre o bruxinho Harry Potter, eleito para destruir o líder dos bruxos do mal, Voldemort. Duração: 2 horas e 35 minutos. 12 anos.

A PROPOSTA - Cinemark-Barra 6 (21h), Cinemark-Ipiranga 6 (22h10). De Anne Fletcher. Com Sandra Bullock e Ryan Reynolds. Uma chefe dominadora chantageia seu assistente para se casar com ele. Comédia romântica. 12 anos.

A ERA DO GELO - Dublado - Arcoíris Boulevard Strip Center 1 (14h20), Center 2 (14h30 - 16h30 - 18h30), Cinemark-Barra 6 (14h20 - 16h40 - 18h50), Cinemark-Ipiranga 6 (12h40 - 15h - 17h10), Cinesystem Total 3 (13h10 - 15h10 - 17h - 19h), GNC Lindóia 2 (14h30 - 16h30), GNC Praia de Belas 2 (13h45 - 15h45 - 17h45), Unibanco Arteplex 3 (13h10 - 15h10), Arcoíris Plaza Cachoeirinha 2 (14h10 - 16h). Animação. Livre.

CARAMELO - Sala Paulo Amorim (17h30). De Nadine Labaki. Em Beirute, cinco mulheres encontram-se regularmente num salão de beleza e conversam sobre suas vidas. 10 anos.

A CULPA É DO FIDEL - Sala Eduardo Hirtz da CCMQ (17h10). De Julie Gavras. Vida de menina muda devido à política.

DESEJO E PERIGO - Sala Norberto Lubisco da CCMQ (14h30 - 19h30). De Ang Lee. No final da 2ª Guerra, enquanto a China estava ocupada pelo Japão, uma jovem entra em uma missão da resistência, mas se envolve em trama de sedução. 18 anos.

A GAROTA IDEAL - Sala Norberto Lubisco (17h30). De Craig Gillespie. Homem tímido se apaixona por uma boneca. Aconselhados por psicóloga, sua família tenta entendê-lo. 12 anos.

CINDERELAS, LOBOS & UM PRÍNCIPE ENCANTADO - No Santander Cultural (15h - 17h - 19h). Direção de Joel Zito Araújo. Filme aborda questões como o turismo sexual e do tráfico de mulheres brasileiras para o exterior. 16 anos.

ADAGIO SOSTENUTO - Sala P. F. Gastal (17h). Direção de Pompeu Aguiar. Com Alexandre Borges. Uma história de amor intercalada com questões de criação artística. Exibido em DVD.

NOVOS CLÁSSICOS PAULISTAS - Sala P. F. Gastal da Usina do Gasômetro. Filmes: 'A Marvada Carne', de André Klotzel (15h). 'Bang Bang', de Andrea Tonacci (19h).

CURTA PETROBRAS ÀS SEIS - Unibanco Arteplex 6 (18h). Programa Projeção. Curtas-metragens brasileiros: 'O Presidente dos Estados Unidos', de Camilo Cavalcante; 'O Brilho dos Meus Olhos', de Allan Ribeiro; e 'Super-herói Fora de Série', de Alec McHaddo e Paulo de Tarso Mendonça 'Disca'. Gratuito.

CICLO REVOLUÇÃO CUBANA - Cinebancários. Filmes: 'Personal Che', de Douglas Duarte (15h). 'A Culpa é do Fidel', de Julie Gravas (17h). 'Che', de Steven Soderbergh (19h).

CORREIO DO POVO
PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO DE 2007

Econômicas

GOOGLE - O Google obteve, no terceiro trimestre, resultado 45% maior em relação ao mesmo período do ano anterior, com faturamento em alta de 57%. O grupo anunciou ganho líquido de 1,06 bilhão de dólares, com faturamento de 4,23 bilhões de dólares.

TURISMO SEXUAL - Será realizado no próximo dia 30, na Capital, seminário sobre proteção de crianças contra o turismo sexual. O evento ocorrerá no Centro de Eventos do Hotel Plaza São Rafael, às 18h30min, e terá como palestrante a professora Elisângela Machado, do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília.

VENDAS - A CDL Porto Alegre promoverá, nos dias 31 de outubro e 1º de novembro, das 14h às 18h, no Hotel Plaza São Rafael, o workshop Técnicas de Vendas, voltado a trabalhadores desempregados. Interessados devem cadastrar currículo no site www.cdl-poa.com.br até o dia 28 e comparecer na entidade nos dias 29 ou 30. Serão distribuídas 200 fichas por dia, das 8h30min às 12h e das 13h30min às 17h30min.

EXPO MONEY - A Expo Money, maior Feira de Educação Financeira e Investimentos do país, será realizada nos dias 21 e 22 de novembro no Centro de Convenções da PUCRS. As inscrições, gratuitas, podem ser feitas no site www.expomoney.com.br.

HOLANDA - O embaixador da Holanda no Brasil, Onno Hattinga, inicia hoje uma agenda de três dias ao RS, onde vai conhecer o projeto Martim Pescador no Rio dos Sinos e o Porto de Rio Grande. A agenda inclui reunião com a governadora Yeda Crusius.

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, SÁBADO, 24 DE FEVEREIRO DE 2007

Bastidores



DECRETADA A GUERRA

A vilã de 'Bicho do mato', Ruth (Miriam Freeland) vai armar uma guerra contra os Guarapoas após eles terem livrado Pitoco (Dahlia Moreira) das garras da malvada. Para ajudá-los entra em ação Juba (André Bankoff) que decide auxiliar os amigos. Mas Cecília (Renata Domingues) é levada por Ruth, sob uma arma.

SUPER-MARY RETORNA

Carmen Verônica fará participação especial nos primeiros capítulos de 'Paraíso tropical', de Gilberto Braga, que estréia dia 5. Interpreta a mesma Mary Montilla de 'Belíssima'. Trata-se de uma homenagem ao autor Sílvio de Abreu.

CIRCO DOS AMORES

Realismo fantástico é a tônica de 'Caminhos do coração', novela de Tiago Santiago que sucederá 'Vidas opostas' na Record. Bianca Rinaldi interpreta uma artista de circo que junto com crianças e adolescentes, frutos de um projeto genético que gerou mutantes, é protegida por um agente da Polícia Federal. Cada um dos jovens mutantes terá um poder especial, visão de águia, asas ou supervelocidade.

MAGIA EM DUBLIN

Os atores Malu Mader, Thiago Lacerda e Eliane Giardini são alguns dos atores que gravaram cenas da novela 'Eterna magia', em Dublin, na Irlanda. As gravações no Rio de Janeiro, desta próxima atração das 18h na Globo, começam nesta segunda, dia 26.

AMBIÇÃO PELO PODER

No desenrolar da trama de 'Paraíso tropical', os personagens vão se envolver em tramas de ambição, ganância e disputa pelo poder. Os dois assuntos principais, no entanto, serão os do turismo sexual e tráfico de mulheres.

UM DESFECHO ESPERADO

Leo (Thiago Rodrigues) não terá sorte na Justiça em 'Páginas da vida'; Clarinha e Francisco, continuarão com a mãe, Helena (Regina Duarte) e com o avô Alex (Marcos Caruso). A Justiça entenderá que os dois cuidam bem das crianças. Já Sandra (Daniele Winits/foto) ficará rica com a fortuna que o personagem de José Victor Castiel (foto) ganhou na Mega-Sena.

CIRANDA DE ESTRELAS

'Paraíso tropical' marca a volta à televisão da atriz Yoná Magalhães que interpretará a exuberante Virgínia, apresentadora de shows de travestis e ídolo gay, pilar cômico da história, que terá participação neste núcleo, de Hugo Carvana no papel de um vigarista simpático sempre em busca de um próximo golpe.

globo.com
NOTÍCIAS
ESPORTES
ENTRETENIMENTO
VÍDEOS
ASSINE JÁ
TODOS OS SIT

Notícias
GAZETA DE ALAGOAS
TV GAZETA
RÁDIO GAZE
segunda, 20 de dezembro de 2010
Pesquise em toda a Gaz

ARTIGOS
BRASIL
CIDADE
CIÊNCIA
COMPORTAMENTO
CONCURSOS
CULTURA
DIVERSÃO
ECONOMIA
EDUCAÇÃO
ELEIÇÕES
ESPECIAL
INTERIOR
INTERNACIONAL
JUSTIÇA
MUNDO BIZARRO
POLÍCIA
POLÍTICA
RELIGIÃO
SAÚDE
TECNOLOGIA
TELEVISÃO
TRÂNSITO
TR

NA CATHO VOCÊ ACESSA MAIS DE 180 MIL VAGAS
CLIQUE AQUI

BRASIL
[Ver todas as notícias desta editoria](#)

A A tamanho da letra
enviar por e-mail
imprimir

22.02.2007 | 18h31

Turismo sexual: Agências são processadas pela Itália

A Justiça italiana está processando quatro agências de viagem por formação de quadrilha e a promoção de turismo sexual no Brasil. A acusação é de que as empresas atendiam clientes entre 20 e 60 anos de idade e organizava encontros sexuais com meninas menores de idade.

Estão presos e sob investigação Luigi Miraglia, de 48 anos e proveniente de Caltanissetta, na Sicília, sua mulher Ângela Ribeira, uma brasileira de 31 anos, Abramo Grasso, de 46 anos e residente em Palermo, e Marco Marchino, de 45 anos, que vive em Turim. Os procuradores Italo Ormanni e Diana De Martino estão à frente dos processos.

Segundo informações obtidas em interrogatórios, o pacote para as cidades brasileiras mais famosas custava cerca de € 2 mil, enquanto para os encontros com menores de idade, bastava desembolsar entre € 15 e € 20 a mais.

Ângela e Miraglia vivem em Fortaleza desde 1994, onde mantêm a agência LM Tourist, que organizava viagens de toda a Itália ao país com a ajuda das agências Gamble Tour de Palermo, de propriedade de Grasso, e a Margil Viaggi de Turim, que pertence a Marchino.

A investigação que levou à prisão dos quatro em 14 de dezembro de 2004, batizada "Meninas Fortaleza", foi deflagrada logo após uma pesquisa sobre turismo sexual publicada no Brasil em 2002 para combater o fenômeno.

Os detalhes das investigações não deixam dúvidas: dos turistas europeus que viajam a Fortaleza para encontros sexuais ilícitos, cerca de 80% são italianos.

A polícia de Roma infiltrou quatro agentes entre grupos de turistas que participariam de encontros sexuais no Brasil. Segundo os investigadores, a rede levava cerca de 5 mil turistas por ano ao país.

(VOL)

Anúncios Google
Israel Vacation Deals
Enjoy the Beauty of the Middle East Travel Deals at Great Prices!
www.golrael.com
Mande dinheiro ao Brasil
Economize tempo. Envie online. Dinheiro disponível em minutos.
www.xoom.com/brazil
Fale Sem Limites. Brasil
Chamadas ilimitadas por apenas \$12 sem contrato!
www.012global.com

Últimas
11h08 | TELE
Xuxa dev
participa
11h08 | TELE
Site most
e Selen
correndo
em Miami
10h58 | TELE
Carolina
ganha fes
despedid
colegas
10h42 | GERA
Crianças
de dentro
casa. Ass
10h41 | CULT
Turistas h
aventura
Assista!
10h34 | JUST
MPE acus
Mundau
improbid



Ver todas as notícias desta editoria

RETWEET

Anúncios Google

[Envie Dinheiro ao Brasil](#)

Depósitos para todos os bancos. Economize tempo. Envie online.
www.xoom.com/brasil

A t a m a n h ã de an v l i e a t r r p o i r m p e r i m m a i i r l

01.04.2007 | 21h00

Turismo sexual vai ser debatido amanhã em Maceió

O Núcleo de Direitos Humanos do Ministério Público de Alagoas e o Serviço de Enfrentamento à Violência, Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (Sentinela) promovem reunião ampliada, às 9 horas desta segunda-feira, no auditório da Procuradoria Geral de Justiça, em Maceió, para planejar ações de combate à exploração sexual de crianças e adolescentes e ao turismo sexual.

De acordo com a promotora de Justiça, Marluce Falcão, coordenadora do Núcleo de Direitos Humanos, várias autoridades ligadas à segurança pública, saúde, turismo e educação, além de profissionais e empresários ligados ao turismo e representantes da sociedade civil organizada foram convocados para a reunião.
(Ascom do MP-AL)

[Topo da página](#)

Últimas notícias

10h41 | **POLÍCIA**

Temendo ser atingido com arma, homem invade hospital e faz funcionário de refém

09h14 | **POLÍCIA**

Mais um acidente em cruzamento da Fernandes Lima

08h50 | **POLÍCIA**

Adolescentes são detidos acusados de assalto

08h28 | **POLÍCIA**

Motoqueiros praticam assalto em Jaraguá

08h15 | **POLÍCIA**

RP apreende cocaína em bar na Cambona

08h00 | **TELEVISÃO**

Casamento de Scarlett Johansson e Ryan Reynolds farsa, diz fonte





Ver todas as notícias desta editoria

RETWEET

Anúncios Google

[Mande dinheiro ao Brasil](#)

Economize tempo. Envie online. Dinheiro disponível em minutos.
www.xoom.com/brazil

[Número do Brasil nos EUA](#)

Seus Amigos ligam para você no Brasil e seu telefone toca nos EUA
www.telehispanic.com

[Maceió Hostel e Pousada](#)

O melhor hostel de Maceió! Diárias a partir de R\$ 35,00
www.maceiohostel.co...

A t a m a n h o de an v l i e a t r r p o i r m p e r i m m a i i r l

16.04.2007 | 21h45

Fórum prepara estratégia para combater turismo sexual

Integrantes do Fórum Alagoas de Enfrentamento à Exploração Sexual Infanto-Juvenil participaram, nesta segunda-feira, de reunião preparatória do Dia Nacional de Combate ao Turismo Sexual, que será realizado em 18 de maio, em todo país. Realizada no auditório da Procuradoria Geral de Justiça, a reunião foi conduzida pela promotora Marluce Falcão, coordenadora do Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos do Ministério Público Estadual, e pelo promotor Ubirajara Ramos, coordenador do Núcleo de Defesa da Infância e da Juventude.

“Uma série de atividades vão ser desenvolvidas a partir da segunda semana do próximo mês, culminando com a grande manifestação que vamos realizar em Maceió no dia 18 de maio”, adiantou a promotora de Justiça. Segundo Marluce Falcão, uma panfletagem em vários pontos da cidade e nas rodovias que dão acesso a Maceió é uma das atividades programadas. Além disso, também está sendo programada uma sessão pública na Assembléia Legislativa do Estado para discutir o Código de Conduta do Turismo contra Exploração Sexual Infanto-Juvenil.

Durante a reunião, foi formado o Comitê de Monitoramento do Fórum, integrado pelo Programa Sentinela, pelas Secretarias de Ação Social e Turismo do estado e do município, entidades da sociedade civil organizada, além da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), do MPE, MP do Trabalho e MP Federal.

“O Comitê será o guardião do Código de Conduta, que tem como objetivo criar uma rede de proteção contra o turismo sexual. Caberá ao Comitê avaliar se uma empresa merece ou não receber o selo de amiga da luta contra o turismo sexual, do mesmo jeito que caberá ao Comitê retirar o selo de qualquer empresa que tenha contrariado as regras estabelecidas pelas entidades que fazem parte do Fórum”, explicou a promotora de Justiça.

A mesa diretora da reunião contou ainda com a participação da secretária municipal de Turismo, Cláudia Cristina Pessoa; do deputado Judson Cabral (PT), do vereador Marcelo Malta (PCdoB); do comandante do policiamento da Capital, Adilson Bispo; do vice-presidente do Conselho Estadual da Criança e do Adolescente, Carlos Alberto Silva Santos; representante do Projeto Sentinela, Maria Salete de Albuquerque Beltrão e do inspetor Lacerda, da Polícia Rodoviária Federal.

(Ascom MP/AL)

Topo da página

Últimas notícias

10h41 | **POLÍCIA**

Temendo ser atingido com arma, homem invade hospital e faz funcionário de refém

09h14 | **POLÍCIA**

Mais um acidente em cruzamento da Fernandes Lima

08h50 | **POLÍCIA**

Adolescentes são detidos acusados de assalto

08h28 | **POLÍCIA**

Motoqueiros praticam assalto em Jaraguá

08h15 | **POLÍCIA**

RP apreende cocaína em bar na Cambonga

08h00 | **TELEVISÃO**

Casamento de Scarlett Johansson e Ryan Reynolds foi farsa, diz fonte





Ver todas as notícias desta edição

RETWEET

Anúncios Google

[Dinheiro para o Brasil](#)

Depósitos bancários para o Brasil. Dinheiro em menos de um dia.
www.xoom.com/brazil

A t a m a n h ã de an vl ie at rr p o ir m pe r im ma i i rl

20.05.2007 | 19h24

Alagoas une força contra turismo sexual

Dia 18 de maio de 1973, trinta e quatro anos atrás. Araceli Cabrera Crespo tinha oito anos. Morava em Vitória, no Espírito Santo. Sorriso farto, cabelos longos, de franja. Naquela manhã, não voltou do colégio. Nunca mais foi vista. Seu corpo só foi encontrado seis dias depois, desfigurado com ácido.

Dizem ter sido reconhecido pelo seu cachorro, enquanto aguardava necropsia na gaveta do Instituto Médico Legal (IML) de sua cidade.

A menina Araceli foi seqüestrada, drogada, torturada e assassinada na tarde do dia em que desapareceu, por um grupo de jovens da alta sociedade capixaba.

- Leia mais na edição deste domingo da Gazeta de Alagoas.

[Topo da página](#)

Últimas notícias

10h41 | **POLÍCIA**
Temendo ser atingido com arma, homem invade hospital e faz funcionário de refém

09h14 | **POLÍCIA**
Mais um acidente em cruzamento da Fernandes Lima

08h50 | **POLÍCIA**
Adolescentes são detidos acusados de assalto

08h28 | **POLÍCIA**
Motoqueiros praticam assalto em Jaraguá

08h15 | **POLÍCIA**
RP apreende cocaína em bar na Cambona

08h00 | **TELEVISÃO**
Casamento de Scarlett Johansson e Ryan Reynolds farsa, diz fonte





Ver todas as notícias desta edição

RETWEET

Anúncios Google

Fale Sem Limites, Brasil
Chamadas ilimitadas por apenas \$12 sem contrato!
www.012global.com

Dinheiro para o Brasil
Depósitos bancários para o Brasil. Dinheiro em menos de um dia.
www.xoom.com/brazil

Número do Brasil nos EUA
Seus Amigos ligam para você no Brasil e seu telefone toca nos EUA
www.telehispanic.com

A t a m a n h ã de an vl ie at r p o ir m pe r im ma i i rl

24.04.2008 | 10h00

MP discute violência contra criança e adolescente

Reunião aconteceu nesta manhã, na sede da Procuradoria Geral de Justiça

Gazetaweb - reportagem de Adelaide Nogueira

clique para ampliar



Reunião discute combate a exploração

Representantes do Ministério Público, Governo do Estado, Prefeitura de Maceió, Polícia Civil, Câmara Municipal, empresários, reuniram-se na manhã desta quinta-feira, na Procuradoria Geral de Justiça de Alagoas. O assunto discutido: o combate à exploração de crianças e adolescentes e ao turismo sexual.

De acordo com a promotora Marluce Falcão, um número cada vez maior de crianças e adolescentes são vítimas de abuso e exploração sexual em Alagoas. "A idéia é conscientizar a população da importância da denúncia".

O Ministério Público discute também ações práticas para combater o turismo sexual principalmente na Capital alagoana. A promotora disse ainda que o MP e os órgãos parceiros já colhem os resultados de campanhas anteriores.

Entre autoridades as presentes, a delegada da Polícia Civil, Ana Luiza Nogueira e o vereador Diogo Gaia, que preside a Comissão da Criança e do Adolescente na Câmara.

Durante a reunião deve ser definida a programação da Semana Estadual de Combate à Exploração Sexual, prevista para o período de 12 a 16 de maio. A semana marca as atividades alusivas ao 18 de Maio, Dia Nacional de Combate à Exploração e Abuso Sexual.

De acordo com os promotores de Justiça Marluce Falcão e Ubirajara Ramos, Myriã Tavares, Alexandra Beurlen, Adriana Gomes, Luís Medeiros e Cláudio Sá, foram convocados à discussão representantes de todos os órgãos que lidam com questões relacionadas à defesa de crianças e de adolescentes, além das entidades da sociedade civil organizada para discutir, juntamente com lideranças comunitárias, religiosas e estudantis, estratégias de combate a essas formas de violência.

"Convocamos ainda os empresários e profissionais que atuam no setor turístico, cujo apoio foi fundamental em campanhas realizadas em anos anteriores", afirmou a promotora de Justiça Marluce Falcão. Segundo ela, os participantes também devem definir a programação da Semana Estadual de Combate à Exploração Sexual, prevista para o período de 12 a 16 de maio. A semana marca as atividades alusivas ao 18 de Maio, Dia Nacional de Combate à Exploração e Abuso Sexual.

Últimas notícias

10h41 | **POLÍCIA**
Temendo ser atingido com arma, homem invade hospital e faz funcionário de refém

09h14 | **POLÍCIA**
Mais um acidente em cruzamento da Fernandes Lima

08h50 | **POLÍCIA**
Adolescentes são detidos acusados de assalto

08h28 | **POLÍCIA**
Motoqueiros praticam assalto em Jaraguá

08h15 | **POLÍCIA**
RP apreende cocaína em bar na Cambona

08h00 | **TELEVISÃO**
Casamento de Scarlett Johansson e Ryan Reynolds foi farsa, diz fonte





Ver todas as notícias desta edição

RETWEET

A t a m a n h ã de an v l i e a t r r p o i r m p e r i m m a i i r l

12.05.2008 | 08h30

MP participa de Combate à Exploração Sexual

Semana de atividades começa hoje e tem também o apoio do trade turístico

Ascom

O Ministério Público de Alagoas participa da Semana de Combate à Exploração e ao Abuso Sexual contra Crianças e Adolescentes, que vai de 12 a 18 de maio, com várias atividades e discussões sobre o tema. A programação da semana começa nesta segunda-feira 12 de maio, às 9 horas, com uma palestra sobre o tema, na Faculdade Integrada Tiradentes (FITs), na Cruz das Almas.

Segundo a promotora de Justiça Marluce Falcão, integrante do Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos do Ministério Público Estadual, a campanha conta com a participação e o apoio de várias entidades que militam na luta em defesa das crianças e dos adolescentes.

"A Campanha tem o apoio também do trade turístico, já que um dos seus objetivos é combater à exploração do turismo sexual", afirmou Marluce Falcão. Segundo ela, todos os gestores públicos que lidam com as questões sociais, as autoridades em segurança pública e a comunidade estudantil foram convocados a participar da campanha, cujo ponto alto será a caminhada pela orla de Maceió, no próximo domingo, 18 de maio, pela manhã. A concentração será no Alagoinha, a partir das 8 horas.

O 18 de maio marca o Dia Nacional de Combate à Exploração e Abuso Sexual, com manifestações em todo o País. "Em Maceió, vamos realizar essa caminhada pela orla, distribuindo panfletos e conscientizando às pessoas para denunciar todo e qualquer abuso contra crianças e adolescentes", revelou Marluce Falcão.

Topo da página

Anúncios Google

Advocacia Capital

Advogados no Brasil
Homologação de Sentença
www.advocaciacapital.com

Fale Sem Limites, Brasil

Chamadas ilimitadas por apenas \$12 sem contrato!
www.012global.com

Dinheiro para o Brasil

Depósitos bancários para o Brasil. Dinheiro em menos de um dia.
www.xoom.com/brazil

Últimas notícias

10h41 | POLÍCIA

Temendo ser atingido com arma, homem invade hospital e faz refém de funcionário

09h14 | POLÍCIA

Mais um acidente em cruzamento da Fernandes Lima

08h50 | POLÍCIA

Adolescentes são detidos acusados de assalto

08h28 | POLÍCIA

Motoqueiros praticam assalto em Jaraguá

08h15 | POLÍCIA

RP apreende cocaína em bar na Cambona

08h00 | TELEVISÃO

Casamento de Scarlett Johansson e Ryan Reynolds farsa, diz fonte





Ver todas as notícias desta edição

RETWEET

Anúncios Google

Dinheiro para o Brasil

Depósitos bancários para o Brasil. Dinheiro em menos de um dia.
www.xoom.com/brazil

Fale Sem Limites, Brasil

Chamadas ilimitadas por apenas \$12 sem contrato!
www.012global.com

Maceió Hostel e Pousada

O melhor hostel de Maceió! Diárias a partir de R\$ 35,00
www.maceiohostel.co...

A t a m a n h e de an vl ie at r p o ir m pe r- im ma i i rl

12.10.2008 | 15h41

Brasil sediará congresso sobre exploração infantil

No evento serão abordados a cooperação internacional e os novos cenários desse crime

Agência Brasil

O Brasil vai sediar em novembro o 3º Congresso Mundial de Combate à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, no Rio de Janeiro. De acordo com a subsecretária da Criança e do Adolescente da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH), Carmem Oliveira, serão abordados a cooperação internacional e os novos cenários desse crime, como a pedofilia na internet e o turismo sexual em tempos de globalização.

"Cerca de 3 mil pessoas devem participar do evento, sendo metade brasileiros e metade congressistas internacionais, além de adolescentes de vários países", afirma a subsecretária.

De acordo com ela, a experiência brasileira de combate à pedofilia inclui um apoio interministerial, no qual os Ministérios do Turismo, do Desenvolvimento Social agem em conjunto com a SEDH e a Polícia Rodoviária Federal. "Mas a gente só consegue avançar se tivermos o apoio dos estados e municípios para implementar as políticas públicas", ressalva Carmem.

Nesse ponto, segundo ela, é importante responsabilizar autoridades envolvidas com a exploração sexual de crianças e adolescentes, como aconteceu recentemente em Roraima. Lá a Polícia Federal prendeu o procurador-geral do estado e um major da Polícia Militar, durante a Operação Arcanjo.

"Hoje nós temos uma cultura que coloca a vítima como um problema. Muitos acusados tentam se defender em seus depoimentos dizendo que a criança ou o adolescente abusado o seduziu. Nós temos que trabalhar com uma rede de proteção à vítima", explica Carmem.

O perfil das crianças que sofrem exploração sexual, segundo ela, varia de acordo com a região. Nos locais mais isolados, como a Amazônia ou os garimpos, a faixa etária é menor, mas o perfil quase sempre está ligado à pobreza. Apesar de as meninas ainda serem maioria e de não haver dados precisos sobre quantas crianças e adolescentes estão nessa situação, a subsecretária garante que muitos meninos são explorados sexualmente.

"Temos uma negação social sobre as crianças do sexo masculino na exploração sexual, mas ela é visível nas ruas, nos hotéis", conclui Carmem.

Topo da página

Últimas notícias

10h41 | **POLÍCIA**
Temendo ser atingido com arma, homem invade hospital e faz funcionário de refém

09h14 | **POLÍCIA**
Mais um acidente em cruzamento da Fernandes Lima

08h50 | **POLÍCIA**
Adolescentes são detidos acusados de assalto

08h28 | **POLÍCIA**
Motoqueiros praticam assalto em Jaraguá

08h15 | **POLÍCIA**
RP apreende cocaína em bar na Camboriú

08h00 | **TELEVISÃO**
Casamento de Scarlett Johansson e Ryan Reynolds foi farsa, diz fonte





Ver todas as notícias desta edição

RETWEET

Anúncios Google

[Dinheiro para o Brasil](#)

Depósitos bancários para o Brasil. Dinheiro em menos de um dia.
www.xoom.com/brasil

[Maceió Hostel e Pousada](#)

O melhor hostel de Maceió! Diárias a partir de R\$ 35,00
www.maceiohostel.co...

[Número do Brasil nos EUA](#)

Seus Amigos ligam para você no Brasil e seu telefone toca nos EUA
www.telehispanic.com

A t a m a n h o de an v l i e a t r r o i r m p e r i m a i i r l

16.02.2009 | 05h55

PRT faz campanha contra exploração sexual

A campanha foi idealizada pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos do Governo Federal

PR T

Matéria(s) relacionada(s)

27.03.2009 09h37

Homem é acusado de atentado ao pudor

Marcivon foi autuado em flagrante na Deplan I, no Farol

Nos dias que antecedem a festa de Momo, a Procuradoria Regional do Trabalho (PRT) de Alagoas fará um alerta à sociedade, principalmente às empresas do setor turístico, sobre a exploração sexual infanto-juvenil. A campanha preventiva "Por um Brasil sem violência sexual contra crianças e adolescentes disque 100" estará nas ruas de Maceió e nas estradas de acesso aos litorais Sul e Norte.

Serão distribuídos abanos de carnaval com a mensagem

"Exploração sexual de crianças e adolescentes é crime. Denuncie. Procure o Conselho Tutelar de sua cidade ou disque 100". O material será deixado em hotéis e pousadas de Maceió e, na sexta-feira (20/2), distribuído aos motoristas que estejam saindo da capital para curtir o carnaval nas praias do interior do Estado. Um dos pontos será em Jacarecica e o outro na rodovia na AL 101 Sul, saindo de Maceió, no primeiro Posto da Polícia Rodoviária Estadual.

De acordo com a procuradora do Trabalho Rosemeire Lôbo, titular da Coordenadoria Regional de Combate à Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente (Coordinfância), esse será um trabalho de conscientização para alertar a população sobre esse mal que agride crianças e adolescentes: a exploração sexual. "Vamos tentar conscientizar as pessoas por meio desses panfletos para evitar que Alagoas seja incluído na rota do turismo sexual e exploração infanto-juvenil como acontece em outras capitais nordestinas".

A campanha foi idealizada pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos do Governo Federal, mas em Alagoas recebeu apoio da PRT, da Associação Nacional dos Procuradores do Trabalho (ANPT) e do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool do Estado.

[Topo da página](#)

Últimas notícias

10h41 | **POLÍCIA**

Temendo ser atingido com arma, homem invade hospital e fere funcionário de refé

09h14 | **POLÍCIA**

Mais um acidente em cruzamento da Fernandes Lima

08h50 | **POLÍCIA**

Adolescentes são detidos acusados de assalto

08h28 | **POLÍCIA**

Motoqueiros praticam assalto em Jaraguá

08h15 | **POLÍCIA**

RP apreende cocaína em bar na Cambon

08h00 | **TELEVISÃO**

Casamento de Scarlett Johansson e Ryan Reynolds farsa, diz fonte





Ver todas as notícias desta edição RETWEET

A t a m a n h a de an vl ie at rr o ir m pe r imma i i rl

15.05.2009 | 18h22

AL no combate à exploração sexual no turismo

Seminário de Sensibilização para o Turismo Sustentável e Infância será apresentado na próxima quarta-feira

Agência Alagoas

Matéria(s) relacionada(s)

29.06.2009 02h29

Salão do Turismo: Alagoas participa com folclore

Bumba-meu-boi vai a São Paulo no próximo dia 1º, quando da abertura da quarta edição do evento

18.05.2009 12h00

Ação contra abuso infantil é realizada no Centro

Campanha destaca a importância de delatar violência

Depois de percorrer seis capitais nordestinas, a Campanha Welcome to Brazil desembarca na cidade de Maceió, em Alagoas. Novamente, a campanha — desenvolvida pela Fundação Comissão de Turismo Integrado do Nordeste (CTI-NE), em parceria com Ministério do Turismo e Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, e promovida pela Executiv Projetos e Consultoria — coloca em pauta a exploração sexual de crianças e adolescentes no turismo. O Seminário de Sensibilização para o Turismo Sustentável e Infância será apresentado na próxima quarta-feira (20), às 8h, no Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, com o apoio da Secretaria de Estado do Turismo.

“Em cada destino, tentamos adequar essa sensibilização ao enfrentamento da realidade local. Principalmente, levantando dados de cada lugar”, explica o consultor da Executiv, João Arthur Lucena, que apresenta o Seminário de Sensibilização para o Turismo Sustentável e Infância, em Maceió.

No exterior, a campanha foi apresentada em oito feiras de turismo. Argentina, Inglaterra, Portugal, Holanda, Espanha, Itália, Alemanha e Suécia receberam a equipe brasileira que distribui material de divulgação mostrando que o Brasil é contrário à prática do turismo com motivação sexual infanto-juvenil. “Embora internamente o Brasil já discuta o tema há mais de uma década, falar sobre isso no exterior ainda é um tabu”, observa o consultor da Executiv, Francisco Rosário, mostrando o pioneirismo do país com o projeto.

A repercussão foi tamanha que rendeu o reconhecimento e convite da Ecpat — rede mundial de enfrentamento à exploração sexual infanto-juvenil, pornografia infantil e tráfico de criança com fins sexuais — para participar da Rede de Especialistas Mundiais em Proteção de Crianças contra a Exploração Sexual no Turismo. Além disso, a Welcome to Brazil é agora a representação nacional na Protect Children, a força-tarefa da Organização Mundial do Turismo (OMT), Ecpat e Unicef contra a exploração sexual no turismo.

“Estamos divulgando para os operadores internacionais que o Brasil reprime essa prática. Que se o turista quer vir para o país com esse objetivo, não venha. E, se vier, ele será punido”, destaca João Arthur Lucena. Segundo ele, a recepção dos operadores também está bastante positiva. Muitos deles, inclusive, já se comprometeram a divulgar a campanha em seus materiais promocionais.

Em Alagoas, segundo o secretário de Estado do Turismo, Virgínio Loureiro, a exploração sexual no turismo não atinge taxas que preocupam, pois o próprio trade turístico tem uma prática de prevenção

Anúncios Google

Mande dinheiro ao Brasil

Economize tempo. Envie online. Dinheiro disponível em minutos.
www.xoom.com/brazil

Fale Sem Limites, Brasil

Chamadas ilimitadas por apenas \$12 sem contrato!
www.012global.com

Número do Brasil nos EUA

Seus Amigos ligam para você no Brasil e seu telefone toca nos EUA
www.telehispanic.com

Últimas notícias

10h41 | POLÍCIA

Temendo ser atingido com arma, homem invade hospital e faz funcionário de refém

09h14 | POLÍCIA

Mais um acidente em cruzamento da Fernandes Lima

08h50 | POLÍCIA

Adolescentes são detidos acusados de assalto

08h28 | POLÍCIA

Motoqueiros praticam assalto em Jaraguá

08h15 | POLÍCIA

RP apreende cocaína em bar na Cambona

08h00 | TELEVISÃO

Casamento de Scarlett Johansson e Ryan Reynolds foi farsa, diz fonte

atores que participam da atividade turística", destaca.

A meta do projeto é sensibilizar também para a denúncia dos casos de exploração sexual infanto-juvenil. O Disque Denúncia 100 é uma das ferramentas de combate divulgadas na campanha. Até novembro do ano passado, quase seis mil denúncias dessa natureza foram registradas em todo o país. Informações sobre o projeto podem ser vistas no site www.turismoef infancia.com.br e denúncias sobre exploração sexual de crianças e adolescentes podem ser feitas por meio do Disque 100.

 [Topo da página](#)

Notícias • Esportes • Vídeos • Clima • Culinária • Educação • Tecnologia • [SuperMáquinas](#) •
Artigos Roteiro Cultural • Cinema • Games • Piadas • Divã • [Webcards](#) • Empregos • Promoções
BLOGS: [Arivaldo Maia](#) • [Celio Gomes](#) • Debatendo Esporte • [Enio Lins](#) • [Fábio](#)
[Amorim](#) • [Léo Palmeira](#) ESPECIAIS: Receitas Juninas
[Busca](#) • [Shopping](#) • [RSS](#)



[GAZETAWEB](#) • [GAZETA DE ALAGOAS](#) • [TV GAZETA](#) • [RÁDIO GAZETA](#) • [GAZETA FM](#) • [GAZETA FM ARAPIRACA](#) • [GAPE](#) • [IAM](#)

© 2000-2010 Gazetaweb.com - O maior e melhor conteúdo em Alagoas. Todos os direitos reservados.

Sobre a [Gazetaweb](#) • [Anuncie](#) • [Contato](#) • [Webmail](#)

